Dr. MELDUTIS LAUPINAITIS

EU ACUSO

"GENOCÍDIO SOVIÉTICO"



S. O. S. AOS PAÍSES BÁLTICOS

Ao
Ilustre Comendador Jr. Adriano
Raspdi —
Aceita esta minha obra
como simbolo respeito e grande
amisade para sempre -
Com Grande Abraço -
Com. M. [illegible]
~~O Autor~~
10 de Março de 1988
Santos - Hospital
S.P. —

JORNALISTA INTERNACIONAL
COMENDADOR– DR. MELDUTIS LAUPINAITIS

EU ACUSO
GENOCÍDIO SOVIÉTICO

S.O.S
AOS PAÍSES BÁLTICOS
LITUÂNIA – LETÔNIA – ESTÔNIA

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO DO ORIGINAL:
COM. ANTONIO GIRCKUS E GIENE GIRCKUS
COORDENAÇÃO:
COMENDADORA PROF. HILDA LOURDES DE OLIVEIRA
EDITORA KAGE LTDA.

COMPOSIÇÃO-
DIAGRAMAÇÃO-
ARTE-FINAL-
FOTOLITO-
IMPRESSÃO

RIO DE JANEIRO DE 1981–1982

"EU ACUSO"

(Este livro, é um espinho na carne dos traidores da democracia)

À atual conjuntura político-social vigente em nosso país, não poderia faltar um livro como este. O Dr. Meldutis Laupinaitis, seu autor não pode ser considerado leigo no assunto do qual trata. Viveu o autor num belo e calmo País, que como toda Nação tinha seus problemas tal como nós aqui, no Brasil temos os nossos; contudo, graças ao bom Deus, não temos a súcia de traidores que levaram a Lituânia a ser subjugada pelos sicários vermelhos. Maldutis, que viveu os acontecimentos "in loco", e que ouviu a conversa fatídica dos trânsfugas da Pátria; quando eles arquitetavam as exéquias da Independência Lituana, teve a sua vida por um fio, e Deus o poupou. Não se pode avaliar, e nem pesar os sofrimentos de uma Nação, que traída por seus "mais valorosos filhos"; sofre a invasão dos mercenários vermelhos. Este livro não faz mundo-cão sobre o assunto, o autor apenas narra os acontecimentos trágicos em que ele, e milhões de compatriotas seus, viveram. O assunto é polêmico, concordo. Os comunistas fizeram uma propaganda tão eficaz, para camuflar a verdadeira situação dos países usurpados, que para alguns do Ocidente, o comunismo apresenta-se de forma mui heróica. Graças a Deus, o povo brasileiro tem um sexto sentido, e com inteligência; o que lhe é peculiar, sabe ver nas entrelinhas políticas e discernir o joio do trigo democrático. O Dr. Meldutis Laupinaitis, escolheu o Brasil como Pátria de adoção, e nos brindou com um outro livro, de edição anterior a deste; no qual dá-nos o autor, um vislumbre de nossa amazônia, a qual muitos de nós brasileiros, jamais vimos; prova esta irrefutável, de que Meldutis, ama tanto esta brasília terra, quanto ama a sua Pátria Natal, a Lituânia. Esta obra, parece-me tratar-se, de um farol para todo aquele que, incauto tenha tendências para seguir a religião comunista que aqui no Brasil foi, outrora liderada, por esse infeliz Senhor, Luiz Carlos Prestes. Sabeis irmãos meus de sangue, de onde vem a matriz rubra do pendão comunista? Ela provém do sangue dos inocentes, dos adeptos incautos, dos tolos, que vêm no comunismo a salvação de Deus. Faço menção de intentona comunista de 1935; ainda vos lembrais dela, irmãos meus? a cor rubra do pavilhão infâme, mais vermelha tornou-se, inebriada no sangue dos bravos brasileiros.
O Dr. Meldutis é incansável batalhador contra o Gengis Kann do século XX, a obra é de teor patriótico, escrita pelas hábeis mãos de Meldutis, e forjada pelo seu inigualável talento de escritor. Eis a obra, eis o Homem que a escreveu, quem ler o livro, ficará conhecendo seu autor. Este livro é ofertado a todos os que amam este brasílio solo, em suma a todos os que são genuinamente brasileiros, mesmo que não aqui nascidos; é um poema, um farol um canto de amor, à democracia e à liberdade.

RAMIRO ANTONIO FLORIANO TOLEDO
Cantor e Compositor

PREFÁCIO

É sobejamente conhecido o canto de sereia dos comunistas, acenando com a perspectiva de milhões de benesses paradisíacas ao povo de nações que pretende anexar, insaciável na voracidade expansionista de dominação escravagista dos povos, servindo-se dos mais ignóbeis e desonestos artifícios, principalmente, do comodismo, covardia, pusilanimidade e, às vezes, ingenuidade de certas parcelas de cidadãos das nações, que se deixam seduzir pelo encantamento de sua cantilena doce, de conseqüências nefastas.

Quem já ouviu falar de que algum país Ocidental tivesse que construir muros super fortificados e belicamente equipados, para impedir a fuga de cidadãos?

É de inestimável valor este depoimento de MELDUTIS LAUPINAITIS que, confirmando a coragem, desassombro *, heroísmo e dignidade com que se houve em sua querida Lituânia, há mais de 45 anos, por ocasião das trágicas ocupações de sua pátria, sucessivamente, pelos soviéticos vermelhos, pelas tropas nazistas e novamente pelos soviéticos, vem a público num tonitroante grito de alerta ao Brasil que tanto ama, através desta obra e de outras já editadas, desmistificar e pôr a nú a enganosa doutrinação aliciadora comunista.*

*"AS KALTINU" (*EU ACUSO*), é uma obra que cresce de valor à medida que nos conscientizamos, no desenvolver da sua leitura, de que é o mais legítimo desabafo, nascido do fundo da alma ferida e indelevelmente marcada, de um patriota lituano que, aos 17 anos de idade, foi lançado ao cárcere de um campo de prisioneiros passando a ser protagonista, com centenas de milhares de pacíficos lituanos, de uma seqüência de atrocidades perpetradas a pretexto de "garantir a sua liberdade", pela hidra comunista, contra aquele povo pacífico e ordeiro, dedicado às atividades agro-pastoris e ao culto de suas mais antigas e legítimas tradições religiosas e cívico-culturais.*

Meldutis Laupinaitis, só por milagre sobreviveu ao fuzilamento em massa, nos pátios do "Forte", de centenas de adultos, velhos, jovens e crianças lituanas, aprisionadas sem qualquer culpa formada ou motivo declarado.

Esta obra é um brado de alerta, à toda civilização Ocidental, contra os ardís e a perfídia do encantamento comunista que se disfarça de milhares de formas, estendendo suas garras a todos os cantos do mundo, minando a vontade e as aspirações de Nações inteiras que se deixam envolver incautamente, ante os olhos atônitos do mundo.

Mais do que apenas assistir e lamentar, é necessário adotar medidas urgentes para salvaguardar os alevantados ideais de liberdade que nos foram legados pelas civilizações que nos precederam, para podermos passá-los imaculados às gerações vindouras.

Que a nobre, altiva e tradicional Lituânia tenha ao seu lado, não só a opinião e a simpatia, mas todos os esforços do mundo livre para a sua libertação.

LINNEU DE LIMA CASTELLO TEN. CEL. AV.

PREFÁCIO DO AUTOR

"Amicus Plato, sed magis amica veritas I diziam os antigos romanos.

Da mesma forma, fiel à verdade e de maneira objetiva, embora inflamado de revolta pela injúria, aviltamento e opressão a que minha amada Pátria foi submetida, mergulhada num mar de sangue — escrevo este documento acusador.

Reunindo minhas forças em declínio e antes que a morte sobrevenha, quero empregar o meu tempo, enquanto viver, acusando, relatando o que ví e senti, das vidas dos milhares de Lituanos massacrados, em várias localidades da Lituânia, verdadeiros Gólgotas do século XX.

Acuso, primeiramente, os meus conterrâneos, responsáveis pela tragédia da Lituania, os quais curvaram-se à hidra comunista, seja por covardia, ou para poder prolongar a sua miserável existência, ou porque o papel de Judas não lhes feria a consciência. Eles traíram, denunciaram e entregaram seus irmãos às feras humanas, para que estas se saciassem com seu sadismo bárbaro.

Não os acuso, para degradar os meus conterrâneos — como alguém poderia supor à primeira vista — Não! Aponto-os como exemplo àqueles que atualmente, no mundo livre, toleram e encaram com indiferença a infiltração ameaçadora da praga comunista no Ocidente.

Acuso o retraimento demonstrado ante a proliferação do flagelo vermelho. Todo aquele que não luta contra esta ameaça à humanidade, indiretamente apoia o comunismo e se revela coveiro dos homens livres e da cultura.

À maneira de Jeremias, grito e protesto à embotada consciência dos homens:

Gengis-Khan-redivivo, avança com suas hordas, com seus armamentos modernos e sua mentalidade bárbara. Ele vem destruir suas plantações! Aviltar e matar sua família, vem arrancar de você o sentimento de humanidade! Vem, não só privar você da liberdade, como também arrancar seu último pedaço de pão! Enlamear a sua consciência e oprimir a sua dignidade humana!

Este é o meu único objetivo: "EU ACUSO!" Com. Meldutis Laupinaitis.

ÍNDICE

COM. DR. MELDUTIS LAUPINAITIS
CAIXA POSTAL 2082
CEP: ~~1-000~~ 01051 – SÃO PAULO – BRASIL
Fone: 271-0466 – SP 2 273 4633

DE OLHOS FECHADOS

Quieta non movere!

"A nação pode permanecer calma!"

Diariamente, através de "Lietuvos Aidas" (Eco da Lituânia), Jornal Oficial da Coalização, que representava o Governo, publicava manchetes insistentes de propaganda de que não havia motivos para o país se preocupar.

Ano de 1939. O despontar da Segunda Guerra Mundial. A ameaça está próxima. . .

— Contribua para o Fundo Armamentista, — apelava uma jovem estudante em uniforme escolar, adornada com fitas de cores nacionais. Mas, a vida na avenida da Liberdade, principal artéria de Kaunas, fervilhava agitada; a voz da menina não se sobressaia. Respeitáveis e honrados senhores da sociedade, apressados, se dirigiam aos clubes para jogar pôquer; as madamas dedicavam toda a sua atenção e carinho aos "babies", quadrúpedes e felpudos.

Um grupo "sauliai", ofertou ao "Fundo Armamentista" três fuzís. (Tradução Literal: Sauliai = Atiradores. Nome dado a uma instituição de voluntários para manutenção da ordem). Os alunos do ginásio de Kedainiai compraram um fuzil.

O locutor da rádio de Kaunas, constantemente apelava para contribuir ao Fundo para que "possamos defender a liberdade da Pátria".

O General, muito popular comandante-chefe do exército, repetia monotamente:

— Não queremos terras estranhas, mas um palmo da nossa defenderemos com sangue.

. . . E a nação permanecia calma. . .

A terrível ameaça da próxima guerra já despontava no horizonte.

A França estava despreocupada e feliz ao lado da cova da sua aliada — Tchecoslovaquia.

Chamberlain da Inglaterra, curvado, como se o seu longo corpo lhe pesasse, sacudindo o guarda-chuva, dizia-se satisfeito com a barganha feita na "feira" de Munique, e assegurava "a paz certa e duradoura".

Na Alemanha-nazista, milhares de coletores de donativos trabalhavam com ardor, cuja finalidade era o fortalecimento da Wehrmacht.

A Polônia, oscilando nos seus pés-de-barro, alçava os punhos ao ar, exaltando o seu poderio militar, numa tentativa de auto-encorajamento.

Na Lituânia, neste ínterim, foi proibido, por determinação superior, a canção de "Nós, sem o Vinius não acalmaremos, não!" que, durante vinte anos, cantávamos. Acomodamo-nos e, calados, com flores e gritos de "viva", acolhemos, em Kaunas, o Ministro responsável pela invasão e usurpação do território da nossa capital-Vilnius. A dor e a mágoa arraigados com justo ódio no íntimo de todo lituano, pela capital traiçoeiramente arrebatada, tiveram que ceder ante o poderoso decreto do Governo.

Somente os estudantes de Kaunas ousaram manifestar-se, lutando de encontro. . . às janelas do Café do Perkowski. No mais, a nação estava calma. Por decreto, aprendemos que, não apenas os fins políticos, mas, também as disposições de espírito, podem ser determinados "do alto".

Mas, faltava-nos alguma coisa? Não! Alimentados, agasalhados, com teto para morar, vivíamos felizes.

O Governo, por nós, pensava, julgava e executava. Esse Governo não fora escolhi-

do através do voto, mas como que nomeado por Deus.

Denominávamos a nossa Pátria de "A Pequena América" e orgulhávamo-nos disso. É verdade que, às vezes, surgiam alguns distúrbios, um ou outro conflito. Para quebrar a monotonia, às vezes, eclodia uma greve, presenciávamos demonstrações de operários. Isto era considerado como uma espécie de variante para dar um toque de animação na nossa rotineira vida, para não ficarmos entediados.

O País que trabalha, constrói, cria riquezas, marcha, não pode ser contido no seu progresso. Poucos desconhecem a capacidade criadora e ativa do lituano. O crescente desenvolvimento do país não podia ser sustado, nem enfraquecido.

A queda não veio brusca. Veio lenta e sutil. O povo, com mil argumentos e sofismas foi convencido a confiar nos dirigentes da Nação. Foi acostumado a não ligar mínima importância à política interna e externa do país. "O canto da sereia" do Governo, nos adormeceu, atrofiando o nosso instinto de luta pela Pátria. Só eles pensavam, nós dormíamos. Quando acordamos, vimo-nos rodeados de prisões e torturas, vimo-nos enviados à Sibéria, com a morte rondando, presos e nos estertores de uma agonia mortal...

O marechal soviético Kónin, depositou uma coroa de flores ao pé do túmulo do Soldado Desconhecido, ao som da música executada pelos Inválidos de Guerra e amigavelmente manteve uma palestra com o General-chefe do Estado-Maior. O Comandante-em-Chefe do exército lituano, enxugando o suor da calva, brindava ao heróico "Exército Vermelho", enquanto outros generais se desfaziam em amabilidades ao "attaché" de Guerra dos Soviéticos.

O presidente da Associação de Escritores e redator de "Novidades Literárias" acompanhado de um grupo de escritores e artistas da esquerda, excursionavam pela União Soviética. Impado de orgulho, louvava no seu jornal a literatura, a arte, a ciência dos soviéticos e seus triunfos em seus respectivos campos.

O presidente da União dos Jornalistas, Justinas Paleckis, juntamente com um grande grupo de profissionais da imprensa, seguia religiosamente os ditames do jornalismo soviético.

O laureado pelo maior prêmio da República, autor de "Terra Alimentadora" se hospedava nas estações termais da Rússia, preocupado, apenas, em como melhor esbanjar o dinheiro do prêmio conquistado com a paródia "Terra Alimentadora", na qual motejava da sua terra. O livro foi traduzido em russo, para grande alegria destes últimos, pela propaganda que podiam fazer sobre a miséria e subnutrição dos trabalhadores, camponeses e lavradores lituanos.

Organização Clandestina Comunista

A M.O.P.R. cada vez mais audaciosa e abertamente erguia a cabeça. As personalidades mais sérias e equilibradas, iam-se inclinando para o lado dos soviéticos. A imprensa, aos poucos, foi aderindo, e, de repente, como se fosse o efeito de uma epidemia, tornou-se russófila.

— O rublo fala, o rublo silencia, — proferia alguém, um tanto descuidadamente, depois olhava ao redor se não lhe teriam ouvido as palavras e interpretado, como boato de que a tradicional amizade lituano-soviética, não estava assim tão firme.

Mas, não nos adormeceram, para ter sonhos agradáveis? Tínhamos o direito de pensar, de criticar, de sermos juízes? Será que nada podíamos dizer, quando percebíamos a teia-de-aranha dos vermelhos, envolvendo e atraindo toda a elite cultural da nação?

Cvirka, Paleckis e outros, não perdiam uma oportunidade de um "viva à ardente e tradicional amizade lituano-soviética".

— Viva a hidra vermelha multi-tentacular! — ouvia-se às vezes.

— A calma no país deve prevalecer! — Dizia friamente o Premier lituano, apoia -

do pela chefia da coalização.

— Todo aquele que, de alguma forma, prejudicar a tradicional amizade lituano-soviética, é considerado inimigo da Pátria! — diariamente repetia, o comentarista político, berrando, como um bárbaro, na rádio de Kaunas.

A Lituânia deve exportar, e principalmente, importar, da — União Soviética — tão querida para todos nós, dizia o diretor insinuante e autoritário.

— As diferenças ideológicas, não podem ser consideradas como obstáculo aos tradicionais laços de amizade entre os dois países. — Dizia o presidente da Associação dos advogados da Lituânia, apoiado pelo presidente da D.U.L.R. e da União dos Lituanos do Mundo.

— Nossa obrigação é conhecer melhor e mais profundamente a União Soviética, para melhor apreciar e compreender a sua cultura e sua economia socialista. — Declarava o diretor do Departamento de Cultura.

— Um viva ao camarada Comintern! Concluiu o futuro Comissário da Saúde da Lituânia.

— Russófilos! Bajuladores! — bufavam irritados os estudantes e a juventude patriótica.

— O cavaleiro do Apocalipse, cavalgando o Pégaso se aproxima, enquanto estamos sendo seduzidos pela indolência e pela preservação da "neutralidade" — Assim se manifestava um ou outro.

— Estamos militarmente fracos, quase sem armas, principalmente se tivermos de confrontar-nos com a corrida armamentista mundial. Estamos sendo criminosa e traiçoeiramente enfraquecidos: ecoava uma voz, um tanto cautelosa, da Administração de Armamentos.

— A guerra virá, claro, mas, no primeiro dia que isso acontecer, declararemos a nossa neutralidade e assim ficaremos em paz. A Lituânia será uma pequena ilha no meio da luta dos colossos. . . — expunha o seu pensamento o ministro de Relações Exteriores, erguendo a taça de bebida, e se recostando na cadeira do restaurante "Três Gigantes".

— Nem um pé pisará no território lituano, nenhum inimigo nos fará isto, sob qualquer que seja o seu armamento! Incansável repetia, repetia, até a saturação, provocando náuseas, o chefe do Estado-Maior.

Mas, por que — provocando náuseas?

Porque não havia sinceridade. Porque um ano atrás cantávamos a composição de Petras Vaiciunas, prometendo não acalmar. Mas, acalmamos! E depressa!

— Vilnius era nosso, nosso será! Gritávamos até a rouquidão durante anos seguidos.

Mas, muito bonzinhos, educados, concordamos que "Vilnius" — não seria mais nosso!

Sem protestos!

Conforme Decreto — "esquecemos" a nossa promessa de muitos anos: "não acalmar".

Terra pacata de camponeses.

Ostentando rutilantes latarias ao peito, os enfeitados generais, ostensivamente, se exibem como numa parada em "Versalhes" ou no "Metropole"

Em estilo de parada o "representativo" e inofensivo exército da Lituânia, — palavras do coronel Jakutis:

Rebelar-se ou submeter-se ao jogo hitlerista? ! — Eis o dilema aos que tão "bravamente" desataram o nó górdio na parte oriental da Lituânia. Mal transcorreu um ano, outra tempestade se desencadeou sobre o nosso único porto, a janela para o mundo —

Klaipeda ocupada pelo Nazismo.

— É insensatez protestar! Seria o suicídio da Nação! O exército não está preparado para a luta! Os nazistas nos reduziriam a pó. . . — com suas medalhas tinindo e desmaiando de medo, — procuravam se consolar com os representantes em parada, a ostentar os ornamentados generais, que, durante vinte anos, eram considerados os vigilantes da Liberdade da Pátria.

Realmente, somos uma Nação pacífica!

O Inimigo não exigiu um "palmo", mas, um grande território — nosso único porto.

Talvez, se fosse um palmo, defenderíamos, mas a capital o único porto, a Lituânia toda, pois não. Sirvam-se! Tomem! Nosso país é pacífico! Nossos dirigentes são submissos. Cedem! Nosso exército é decorativo!

É verdade, apareceram alguns tenentezinhos insensatos (deviam ser de origem camponesa), os quais em vez de viver à larga em "Versalhes", quiseram por sua conta lutar pela defesa do litoral lituano. Foi preciso implorar-lhes pela rádio, para desistir da luta contra o invasor.

Nós somos muito, mas muito, pacíficos.

Pacifistas!

Outra coisa é brilhar nas paradas e fazer discursos exaltando a bravura e receber notoriedade mundial pelo golpe de estado de Taurage de 17 de Dezembro. Como é diferente a disposição para a luta ante uma mesa fartamente posta. O cálice nunca está vazio. . .

Os não desejados pelo povo, dirigentes da Lituânia pela coalização, estudaram a situação com realismo:

— Arriscar, para que?

— Pela liberdade da Pátria, que lutem os tolos!

O país ficará tranqüilo, o Governo não verterá o sangue do povo. Não era ele que dirigia. Ir para a luta é obrigação dos generais. Eles formaram o Governo e toda a força estava com eles.

— Nunca combateremos! — Exclamaram irritados os generais.

— Seria um sacrifício inútil, pois, ao disparo do primeiro tiro, perderíamos a luta. Também o exército não está preparado para combater. . . O mais importante é que o nosso exército é simplesmente representativo, ou se quiserem, serve para manter a ordem interna. Combater o inimigo externo? Não!

— Não! Não! — Gritavam os generais em uníssono.

— Não! Não! — Acompanhávamos em coro e esperávamos que se lhes pendurariam mais alguma condecoração. Como é bonito quando sobre o peito algo fulge e tine pelo brilhante trabalho, pelo sacrifício e dedicação à Pátria, pelo merecimento!

Um fato pode ser citado, o qual demonstra o quanto era duvidosa a questão de "méritos e notáveis trabalhos" nas condecorações: Um varredor do páteo do prédio presidencial ostentava no peito, sete penduricalhos. Quando ele se postava no meio do pátio, apoiado na vassoura, lembrava a figura do marechal Joffre, do exército de Napoleão.

Não é impressionante?

Neste caso, que importância podia ter para nós o Vilnius, Klaipeda ou uma adequada preparação da defesa do país? Nenhuma!

O Governo tinha tarefas mais importantes. Se preocupava em forjar mais pingentes e condecorar o peito de "ínsignes" cidadãos.

A guerra de Independência — o passado! Os veteranos das grandes batalhas estão

morrendo, um após outro. Heróis — só nos nomes, nos arquivos. O país ganha uma bela decoração! Animadora para os olhos e para o espírito.

O Ministro das Relações Exteriores, (nomeado pela Coalização) ajoelhou-se ante Joachim Ribentropp e seu auxiliar Weizsacker, quando esteve em Berlin. Na comitiva, brilhavam os professores, como assistentes, contando com a presença dos coronéis e Ministros.

Mais tarde, antes de morrer, escrevia nas suas memórias o Vice-Ministro do Reich, Wenst Weizsacker:

"A delegação lituana ao oficializar a entrega de Klaipeda à Alemanha, demonstrava contentamento e diziam estar-se livrando de um peso".

— Não havia motivos para estarmos satisfeitos? Um território imprestável! O porto já nos engoliu milhões! É puro disparate lutar por um inútil e incômodo porto! O inteligente Governo e seus representantes com a mesma formação mental, só podiam agir da maneira como o fizeram.

É muito mais fácil demonstrar o patriotismo no "Três Gigantes" ou então, na redação do "Eco da Lituânia", onde podiam ser valentes à vontade, falar da impossibilidade do inimigo em tomar um palmo de terra do país, mesmo não sendo verdade. Também, quem iria se incomodar com certos detalhes. . .

A quietude da nação é que não pode ser perturbada.

Quando o trabalho é sujo, lava-se as mãos.

Esperemos. Um ano ou outro; depois, virão os vândalos do este e do oeste. Ceifarão vidas à vontade, sem motivo, sem explicação e a Lituânia mergulhará no sangue. E os grandes pilotos da nação, sentirão as mãos limpas?

Por que falo sobre esse assunto? Conhece a história semelhantes exemplos? Alguma vez algum País lutou, sabendo de antemão da sua derrota? Havendo 99% de possibilidades e riscos de perder a independência?

Não! A história não conhece tais exemplos! Principalmente a história de nossa Pátria!

Será que esquecemos os grandes heróis do passado? Nada sabíamos sobre o Duque de Pilenai, Margis? Nunca ouvimos falar de Radvila? Jonas Karolis Katkevicius! Não é nosso compatriota, o chefe do levante de 1.863, o padre A. Mackevicius, herói da luta pela liberdade da Pátria? Dia 28 de Dezembro do mesmo ano, às onze horas, ele foi enforcado em Kaunas, pelos usurpadores. Estas são as palavras, ditas por ele ao pai, pouco antes de morrer:

— Eu não me arrependo de ter sacrificado as minhas forças e a minha vida, mesmo sabendo que não conseguiria derrotar o gigante russo. Mas, sem os mártires, jamais será possível a reconquista da independência.

O próprio pai não compreendeu o gesto de imolação do seu filho, a sua luta pela liberdade da Pátria, sem esperanças de vitória, não lhe fazia sentido.

Transcorridos 75 anos da morte de A. Mackevicius, os dirigentes do meu país, resolveram, muito simplesmente, que não valia à pena lutar, não valia à pena verter sangue pela liberdade.

Na Nação foi injetado um calmante, através da ação decisiva do Conselho de Defesa, formado por generais e outros figurões.

O país estava quieto, o Conselho, mais ainda. Dormiam!

Descansavam, despreocupados, até o último instante. Para preparar a defesa do país, para a guerra que surgia iminente, tiveram tempo superior a um ano. A comodidade, a indiferença criminosa, erros e negligências imperdoáveis, lançaram uma mortalha sobre à cova que se abria.

Claro, o país podia permanecer quieto! Por ele, havia o Governo para zelar; o Conselho da Defesa trabalhava; o exército com suas centenas de generais e coronéis, muito competentes, velava pela segurança do país; o Fundo Armamentista funcionava maravilhosamente, amparado pelo público e por diversas organizações; ativos oficiais alertavam os habitantes, preparavam-lhes o espírito de luta, promoviam eleições na União de Sauliai, para que fôssem escolhidos os melhores chefes. Havia motivo para o país se preocupar? Emocionar-se? Ou havia o pressentimento de que despencaríamos para um horrível abismo, silenciosamente, sem mover um dedo? . . .

Mais adiante veremos, como os lituanos teriam combatido pela liberdade da sua Pátria, se eles para isso fôssem convocados. Para os generais de palha nada disto interessava. E foi, assim, que caímos nas garras rapinantes dos invasores, como gado para a degola.

O mundo se admirou da nossa passividade, da falta da nossa bravura, do pacifismo covarde do nosso Governo, da decisão incompreensível, de não combater.

Quando a tragédia sobreveio, o presidente da República, responsável pelo poder das Forças Armadas — já a salvo no exterior — justificava-se PRÓ MEMÓRIA com candura infantil:

"Outros assuntos de grande importância desviaram a atenção do problema fundamental — o adequado preparo da defesa do país. Sempre julgamos que podíamos adiar, o perigo que não parecia tão próximo. . .".

Por estas declarações podemos constatar a cegueira na iminência do perigo, a incapacidade de perceber a proximidade do desastre. Para o presidente da República sempre havia tempo, tanto que, mal o teve suficiente, quando às pressas, teve que abandonar o país.

O General-Comandante, bem antes da "marcha para o Vilnius", já tinha se vendido, qual Judas, tornando-se através disso um agente bolchevista. Os superiores chefes da Coalização, acharam oportuno entregar o comando do exército a um espião soviético, do que a qualquer outro, que podia — Deus nos livre — levar ao rompimento das amistosíssimas relações com a União Soviética.

Quem pode crer, que o premier, sendo um general e colega de um outro general, Comandante-Chefe do exército, pudesse desconhecer que este último, fosse um traidor da Pátria?

Para que a nação permanecesse entorpecida, não lhe pouparam ópio. Para isto contribuiu a imprensa, rádio e a literatura. Os intelectuais procuravam a companhia de representantes da União Soviética dos quais o maior era o camarada Pozdniakov.

Como condenaríamos Justinas Paleckis, no entanto, se ele era apoiado por todos os jornalistas na direção da União dos Jornalistas?

Como denegriríamos o comissário da Divulgação Cultural dos Soviéticos na Lituânia e coronel do exército vermelho, se ele, presidia a Associação dos Escritores Lituanos, e era o principal redator da única revista sobre literatura?

Como homenagearíamos hoje, o asqueroso, farsante, cínico e autor de "Terra Alimentadora", se na época lhe outorgaram o maior prêmio literário do país.

A autora do poema sobre Stálin e vencedora do prêmio do mesmo nome, também recebeu a glorificação nacional, apesar de mais tarde ser ameaçada de ser queimada como feiticeira.

Um dos componentes da Assembléia do Povo, que ao erguer o braço condenava a sua Pátria, (mais tarde se arrependeu do "pecado", como se traição fosse perdoável) é, também, um laureado.

Estas citações são intermináveis. Mas, o que dizer sobre o grupo que formava o

Governo! A elite!

Alguns, em tempo, evitaram a vergonha, como se tivessem despertado. Outros caíram como vítimas dos invasores. Outros morreram atormentados pelo papel de Judas, e outros, ainda, estão até hoje beijando as botas do ditador, torturando e matando seus irmãos de sangue.

– Tudo isto é muito claro e nada existe de extraordinário. As aparentes decisões humanas, são determinadas pelo Criador, – diria um fatalista – que não procuraria se aprofundar em busca de explicações sobre determinados acontecimentos. Mas, eu penso diferente, meu caminho é outro, portanto, vamos analisar, vamos mergulhar na confusão, e trazer, aos poucos, à tona, os fatos com as explicações.

A Europa fervia como uma panela sob grande pressão. O céu se cobria. O raio que tinha atingido a Áustria, pouco depois surgia sobre a Boêmia e Morávia, acabando por atingir Klaipeda. Mas, não parou aí. A cruz suástica repontou em Dantzig, se alastrou pelo corredor polonês, repercutindo este acontecimento de tal forma, que, não apenas atingiu Varsóvia, mas também, Paris, Londres. . . e então rebentou o raio que anunciava o início da Segunda Guerra Mundial.

Os bonecos de Munique: premier da França, Daladier e Chamberlain, da Grã-Bretanha, declararam guerra a Hitler. Ainda faz pouco tempo, erguiam as taças, juntos, depois das assinaturas do tratado que condenava a Tchecoslovaquia, até hoje subjugada pelos cães vermelhos. Mas, desta vez, entregar mais um aliado, não ficava bem, portanto. . .

O fim dos dois "negociantes" de Munique foi merecido: um, rapidamente se achou no exílio, e o outro, se cobriu com guarda-chuva, envergonhado e. . .morreu.

Honremos os heróis que beijaram a enlameada bota do ditador.

II

OS HERÓIS DA CARREIRA
E DA PELE SALVA

LITUANUS LITUANO LUPUS EST!

"Lituânia — terra de heróis", qualquer criança lituana sabe disso. Gravamos estas palavras na prece da nação, o nosso hino. Sobre heróis fala a nossa história e, só homens dessa estirpe puderam construir, no passado, o império lituano, um dos maiores e mais fortes daquela época.

As condições não eram favoráveis, ao contrário, eram adversas. Sua Santidade, o papa, imperador dos imperadores daqueles tempos, anunciava e abençoava as guerras da Cruz, dirigidas contra a Lituânia. Abençoava em nome de Deus, os cavaleiros e vagabundos, indistintamente, de todas as nações que se apressavam em pilhar, matar e devastar a Lituânia.

Eram tempos, em que cada lituano tinha que se tornar herói, para, durante guerras seculares, assegurar à sua terra, a sobrevivência e o futuro.

A Lituânia sabia como reverenciar e honrar a memória dos seus heróis, como nenenhum país ó fazia na Europa daquele tempo.

Os feitos heróicos eram celebrados e imortalizados nas canções, na arte, pelos seus guias espirituais, seus menestréis. Ao som das cítaras, tocadas por anciãos, seus nomes se mesclavam às lendas, às sagas, às baladas transmitidas de boca em boca. Para reverenciar os heróis que desapareciam, formavam-se outeiros sobre as suas cinzas, enquanto os seus nomes e seus feitos, viviam para sempre na memória da nação. Cada geração de heróis, formava uma nova geração seguinte. Foi como, através de longos séculos, a Lituânia se tornou a terra de heróis, na plena acepção da palavra.

A Era dos heróis entrou em declínio, quando Svitrigaila ocupou o trono da Lituânia. Desde 1569, quando surgiram os "heróis" de Lublin, as nossas mães criaram novos heróis — gigantes espirituais — contra os alienígenas. Para eles não era preciso formar outeiros seus feitos não seriam cantados, pois não precisavam de anciãos com cítaras. . .

Somente, na época de renascimento, a Lituânia se lembrou de que tinha sido "terra de heróis". Idealistas românticos tornaram-se os novos trovadores, cantando os gloriosos feitos dos grã-duques que governavam o país antigamente. Do passado, auriam forças para o presente. Não pretendendo ser heróis, sacrificaram-se pela Pátria, até que o sino da liberdade soou de novo; até que ergueram na colina de Gediminas a tricolor bandeira; até que o símbolo de Vytis correu livre por sobre os campos e vales lituanos!

Então, nos lembramos, nos empenhamos em forjar novos vultos de bravura, líderes do povo, chefes de nação. Como nos sentíamos descendentes dos grandes homens do passado, era justo termos alguém de quem nos orgulharmos no presente. Primeiro, vieram os que lutaram pelo despertar da nação; os profetas do Renascimento da Pátria; os patriarcas das grandes obras de nacionalidade. Não esquecemos de reverenciar os que tombaram para maior glória da Pátria — os Luksis, Eimutis, Juozapavicius, Darius, Girenas, etc. . .

Foi um belo exemplo de renovação espiritual. Eles fomentaram o ideal da luta e sacrifício pela Pátria no coração da nova geração. Iluminaram e deram grandeza ao nosso esforço e realizações materiais.

Infelizmente, depois o apetite cresceu. Já não bastava condecorar os heróis da guerra da independência, os que se distinguiram por algum glorioso feito; surgiram os ministros, varredores e os que se distinguiram, quando passaram a ser cunhados.

Por ocasião dos festejos das datas nacionais, ornamentado em um de cada dois cidadãos. O poeta Faustas Kirsa, revoltado com tanto ridículo, profetizou na sua obra "Dentro das Cinzas", que toda aquela lataria seria arrancada do peito, pelo inimigo, à espada. . . Os "enfeitados" indiferentes às críticas, se pavoneavam, cada qual julgando-se mais importante que o outro.

Ascenção na carreira e colecionamento de penduricalhos, eis o objetivo. . . e tudo

estava dito.

O nosso Governo sentenciava: "Volenti non fit injúria". (Quem concorda não pode se queixar da injustiça). Mas, na verdade, a "vox populi" já não existia. À Juventude, sempre, a mais inquieta parte da população, foi entregue, pelo Governo à organição nacional "A Jovem Lituânia", e dez mil entusiastas uniformizados se espalharam pelo país. Mas, logo perceberam que a ação deles se limitava a um cego apoio às autoridades. Seu entusiasmo fraquejou. Adesão sistemática não lhes agradava, feria seu idealismo. Depois dos vergonhosos episódios de Vilnius e Kaunas, a juventude sofreu uma cruel desilusão, tornando-se apática. Não podemos deixar de mencionar, que o primeiro passo foi dado pelas autoridades, quando, com violência excessiva reprimiu o levante de Suvalkiaeiciai, provocado pelo abuso das próprias autoridades. É risível a alegação de que a rebelião foi obra dos vermelhos, o que, absolutamente não é verdade. Do levante, participaram muitos elementos ligados ao Governo. No encontro violento com a polícia, ficou o corpo, mortalmente atingido, de Veiverys, chefe dos jovens lituanos da localidade. Os vermelhos, naturalmente, queriam aderir, mas foram energicamente repelidos pelos rebeldes, genuinamente patriotas. Assim, depois de tudo, o respeito às autoridades se desvaneceu. Milhares de jovens abandonaram a organização. A não ser no papel, "A Jovem Lituânia", praticamente cessou de existir. Quando sobreveio a guerra, o país estava letárgico, descrente das autoridades, insensível a qualquer apelo que partisse do Governo

A nação zombava da enxurrada de discursos, das patriotadas das exclamações guerreiras contrárias ao real trabalho. Isto contribuiu para a nomeação de qualquer pé-rapado, qualquer biltre, sem falar das intermináveis condecorações com medalhas ordens de méritos, cruzes, etc. . .

O poeta Alisas em uma das suas obras, conta a estória de um oficial, que prorrompeu em lágrimas, em pleno público, por ter a Pátria perdido a vergonha, reatando relações com os poloneses.

Os historiadores contam, que os nossos barões, em Lublin, imploraram, chorando. para os poloneses não apodarem da independência da Lituânia.

Parece que a história se repete. Resolver problemas, que envolvem Nações, por meio de lágrimas, nem antes, nem agora, pode ser um meio eficiente.

Quando o soldado não usa a arma, mas chora, lavando com lágrimas a vergonha da nação, sendo ele próprio um guardião da Pátria, então, ele deixa de ser soldado, deixa de ser lituano, mesmo que o corpo dele arque-se ao peso das condecorações pregadas.

Eram diferentes os nossos generais na véspera da tragédia da nação? Não demonstraram seu patriotismo, nem dessa humilhante forma. Seus olhos estavam enxutos, enquanto suas mentes de coelho os impeliam a fugir da luta e seus corações de víboras a abandonar a Pátria.

Enojado e com o coração despedaçado, tenho de atirar estas palavras sobre estes traidores da Pátria, eles que durante vinte anos viveram às custas do suor dos lituanos ; eles que ornamentavam seus peitos com cruzinhas, estrelinhas e toda sorte de latarias ; eles que durante mais de vinte anos fizeram tinir as espadas nos desfiles, mas que, quando chegou a hora, não as usaram contra o inimigo!

Com que prazer eu exaltaria os seus nomes como heróis da Pátria que lutaram e corresponderam às esperanças neles depositadas pelos seus compatriotas. Mas, é o contrário! Não posso ceder à opinião da maioria dos emigrantes lituanos, que tais sujeiras não deveriam vir à público, para deixar os "heróis da lataria" em paz; logo morreriam mesmo. . . Não, mil vezes não!

Eles devem ser pregados ao muro da vergonha, para serem vistos pela Nação e pelo mundo todo! Talvez assim, descubram que a primeira obrigação do militar, principalmente comandante, é combater pela Pátria e que não há crime maior do que, na hora trágica para a Pátria, desertar, sem tentar lutar!

Que o destino trágico da minha Pátria sirva de exemplo ao mundo livre, principalmente à Nossa Querida Terra Brasileira.

Por este meu trabalho, clamam os que estão sendo torturados! Os que estão sendo chacinados! Os guerrilheiros, verdadeiros heróis, dos quais nem o túmulo respeitaram! Os que choram pela Pátria escravizada!

Os guerrilheiros compreenderam, não menos que os desertores, que não podiam contar com a vitória, mas acharam mais digno combater pela Pátria, do que se acomodar junto ao inimigo, salvar a existência e ficar rastejando em volta das botas do tirano invasor! É mais importante morrer pela Pátria do que encher o bolso de dólares na América ou Austrália.

O eco destas lutas, sua repulsa aos traidores, inflama-me, dá-me novas forças, para prosseguir no meu trabalho, sem esmorecimento, acusando!

Eis, as palavras de um guerrilheiro:

Os nossos chefes são covardes, coniventes com o inimigo e carreiristas. Surgindo outro agressor começam a bajular este também. Para agradar a estes vampiros, mandam os operários, soldados, professores, alfaiates, sitiantes, ferreiros lavadores à prisão, ou então, remetem-nos ao exército dos usurpadores, para morrer, não se sabe em proveito de quem, e quem diabo sabe por que. Se inscreveram e vão ao matadouro do leste ou oeste! Vertem o suor e o sangue pelos comunistas e pelos enfeitadinhos de medalhas. Morram, então, enquanto os nossos generais negociam a nossa pele com o próprio Lúcifer. Sei da amarga experiência. E como sabem eles se virar! Quando a ameaça é pessoal, eles tremem, se escondem, gemem e ficam tiritando apavorados. Cessando a infernal música do tiroteio, eles saem do esconderijo e começam a contar bravatas. Logo fazem promoções, penduram mais algumas condecorações, e muito sérios continuam à acumular a fortuna. Ajeitadinhos e oportunistas, tremem, só de pensar em perder um lugarzinho tão quente. E para preservá-lo, traem os segredos do Estado, seus colegas de trabalho, a Pátria, e não se incomodam com os seus amigos! O maior medo é deixar de continuar a carreira! Temem o trabalho que lhes possa calejar as mãos! O mais nojento de tudo isto, é que ao traírem os seus amigos, diziam que o faziam para o bem da Pátria! Se sacrificavam-se pela Pátria, faziam-no por motivos patrióticos! A verdade é que eles olhavam para o lado que soprava o vento, para agir de acordo, depois mergulhavam na traição, e quando despontavam à superfície, diziam-se heróis e super-homens Se porventura mexiam com eles na imprensa, defendiam o seu "bom nome", de maneira "heróica" sem medir os meios, sem ligar ao decoro. . .

Por isso, quando teve início a Segunda Guerra Mundial, as autoridades e altas personalidades, cochilavam e mantinham-se adormecidas e narcotizadas até o último instante, até a derrocada final.

Para melhor evitar a "vox populi", e manter fechadas as bocas, publicaram um decreto, para punir os responsáveis pelos rumores. Qualquer frase ou comentário de cunho individual, era considerado crime perante a lei, uma grande ameaça à segurança da Nação. No entanto, o maior perigo para a Nação eram as próprias autoridades, a elite, o cume. . .

Recordamo-nos, com profunda tristeza, da mobilização de todas as forças armadas no primeiro dia da declaração de guerra. Nada que evidenciasse o preparo da luta, para a defesa da independência, apenas uma mal sucedida manobra como que querendo de-

monstrar a inutilidade da vigília, o prolongamento do torpor.

Os chefes militares sabiam que na hora do maior perigo o nosso exército seria desmobilizado. Quando perceberam o rubro das chamas se declinando no horizonte, os dois gigantescos vizinhos se ergueram ameaçadores; quando ouviram o som do galope do cavaleiro do Apocalipse; quando viram a sombra da escravidão projetar-se — em duas semanas, apressadamente, desmobilizaram as tropas, para muito tranqüilamente, entregarem o país indefeso e submisso aos magarefes do leste e oeste.

Ficou constatado, na primeira mobilização, a falta de organização, a falta adequada de preparo militar e duvidosa capacidade de enfrentar o inimigo. Cartas de sugestões, de críticas construtivas, enviadas por jovens oficiais patriotas, foram jogadas, sem mínimo exame, à cesta do lixo. Aos autores das cartas, foi mandado "calar-se", acusados de perturbar a ordem com suas dúvidas.

Estes foram os resultados, na seqüência cronológica da mobilização na Lituânia, em setembro de 1939.

— Vocês, que conseguiram evitar as prisões dos bolchevistas e nazistas, que têm a tranqüila velhice assegurada, vivendo no mundo livre Ocidental — diariamente estão se reduzindo de número. Por isso, céleres, apregoam o trabalho, a obra realizada em prol da reconquista da independência da Pátria.

Todo mérito conseguido anteriormente, por alguns, até de real bravura, fica eclipsado se, na hora de infortúnio para a Pátria, por comodidade, não enxergaram o que deviam enxergar! Vocês abusaram da confiança da Nação! Hoje, devo apontar vocês, que estão no crepúsculo de suas vidas, réus no crepúsculo de suas vidas! Réus, que não podem ser atingidos pela Pátria, que clama por vingança! Réus, distantes da mão de Temis!

Os dias se arrastam, o ocaso está próximo. Vocês creêm poder fechar os olhos, serenos e dignos. Que o anátema da Pátria os persiga como uma indelével mancha eterna! Que atormente e envenene suas últimas horas, como uma advertência às novas gerações! Como advertência aos seus filhos, que talvez terão que resgatar com sangue a desonra dos pais ou avós!

A defesa do país, por caprichos do destino, foi preparada pelos bolchevistas com a introdução de guarnições. A Cidade de Vilnius foi entregue. Que sirva como última observação aos míopes políticos do país.

Em vão, hoje, por um acordo tácito, os exilados políticos atribuem todos os erros e desmandos do passado ao, então, Presidente da República!

Ele, principalmente, nos últimos anos da independência, quando formou-se a Coalização, não era nenhum ditador onipotente. As autoridades pouco se incomodavam com suas vontades. A cúpula militar ou política não dava atenção ao Presidente. . .

A população sabia muito bem, que o Presidente, era figura decorativa, cuja opinião não era acatada, quaisquer que fossem os problemas.

Seu maior erro, foi nomear para altos postos, irresponsáveis farsantes, exibicionistas hipócritas, os quais, tão bem se apossaram do poder, que, quando quis destituí-los, era tarde, nada mais pode fazer para nomear elementos mais dignos.

As guarnições do exército russo, na Lituânia e Polônia, forçaram estes dois países à tragédia do desmembramento em 1793. Com esta lição histórica, não devia haver repetição em 1939.

Através de uma ação firme e decisiva dos homens do Governo — mesmo se não houvesse a invasão bolchevista — teria dado tempo de mobilizar até o último soldado, unificar a Nação e, de arma nas mãos, heroicamente, mostrar ao mundo o que é o imperialismo do Oriente, responsabilizando-o, totalmente pela ocupação!

O inimigo não devia contar com negociações, e menos ainda, com concessões. A

restituição de Vilnius à Lituânia, nossa capital por direito há séculos, não devia ser motivo para nos envolvermos na rede dos bárbaros do Oriente.

Ou a restituição incondicional de Vilnius – baseada no tratado de 1920, entre Lituânia e União Soviética – ou então, considerar como antes, território ilegalmente usurpado.

Os nossos erros de política exterior, que o mundo Ocidental está repetindo, parece, não serviram de lição. A política seguida pelos países ocidentais hoje, é idêntica a do então, Premier da França, Deladier. Lembra a política da Lituânia, às vésperas da tragédia.

A restituição de Vilnius em 1939, debatida na conferência do mês de Setembro do mesmo ano, foi uma grande vitória da propaganda comunista, como foi também, cegueira, covardia,a miséria espiritual dos altos dirigentes lituanos.

Estes fatores, prólogo ao drama dos funerais da independência, rebatem os argumentos daqueles que afirmam, ainda hoje, que fomos atacados de surpresa.

– Não houve tempo para nos prepararmos à luta. . .

– Não conseguimos nos mobilizar à tempo. . .

– Fomos iludidos. . .

Nos protegia o amigável tratado de não agressão! A nossa independência era defendida por papeluchos assinados com os soviéticos inúteis!Os nossos bravos soldados, parece que não serviam.

Os nossos "políticos responsáveis" deviam morrer de vergonha, por tão ridícula justificação!

Seus olhos são bons – não temem fumaça!

Não temos direito às desculpas, apontando outros países, como diante do perigo, se portaram os letões, os franceses, os tchecos, sem falar dos bravos finlandeses ignos de exemplo.

Somos lituanos!

Nossa política devia ser a política que a histórica Lituânia seguiu durante séculos. O nosso próprio passado indica o exemplo a ser seguido! Dignos! À maneira lituana! Será que suportamos o jugo da escravidão durante mais de cem anos, para de livre vontade, enfiarmos as cabeças na sangrenta guilhotina dos bárbaros do século XX?

Em todas as oportunidades gritávamos que, o Golpe-de-Estado de 1926, foi necessário, porque sobre a Lituânia pairava a ameaça da tirania comunista.

Muito bem, e por que, aceitamos, com passividade a mesma tirania em 1940?

Onde se achavam os oficiais patriotas? Em que canto dormia, o heróico chefe do golpe. Por que ele, não ousou depôr Smetona, como naquele ano, com o mesmo pretexto, depôs o Presidente Grinius, acusado com altas patentes, de ser favorável ao bolchevismo?

Este general que em 1926 se proclamou ditador militar, envelheceu em treze anos? Seu patriotismo se desvaneceu? Ou o perigo era menor que em 17 de Dezembro de 1926?

Tudo indica que não!

Cinco anos depois, ele é novamente chefe e autoridade. Com patriotismo servil, organiza e sacrifica em prol do Nazismo, a flor da mocidade da Lituânia. (Falaremos mais, a respeito, na 2ª parte).

Acompanhamos pela imprensa o duelo de dois coronéis nazistas na frustrada tentativa de se tornarem generais da SS, mas, aquele que foi o "*spiritus movens*" da S.N. silenciou, como se tivesse vendido o paraíso terrestre, mas, vendeu milhares de jovens lituanos.

Por que hoje não se explica, Sr. General? A juventude patriótica, confiava na sua pessoa como chefe, mas você, mantêm-se oculto sob o manto do silêncio.

Parece que o Dr. Grinius, tinha razão, quando lhe chamou de certos nomes. . .

Por que, durante dez anos, não prestaram esclarecimentos sobre os referidos acontecimentos, procurando cobrí-los com o véu da inocência, aos historiógrafos da Lituânia?

Heróis carreiristas, nos momentos mais críticos de importantes decisões, cuidaram primeiro de si e depois dos interesses da Nação.

Nenhum sacrifício! Nenhum auto-desprendimento! "O estado sou eu!" — como aquele rei francês. . .

— E se EU sobreviver?

— E se EU aderir?

— E se EU continuar no meu cargo? Talvez, o diabo vermelho ou pardo, me deixe continuar no meu posto, quem sabe?

— E se EU conseguir salvar a minha pele, escapando para o mundo Ocidental?

Com seu pensamento girando em tôrno de "e" "se eu", os grandes chefes, políticos e dirigentes lituanos, decidiam sobre o destino da Nação.

"Esqueceram" o lema, diariamente repetido, enérgico e duro, até a exaustão : Lutar até a última gota de sangue pela liberdade e independência!

Tornamo-nos culpados ao sepultar a liberdade da Nação, erguendo a mão acovardada contra independência da Pátria.

Da boca saíam gritos retumbantes. Não poupamos lisonja nos discursos públicos, mas o que trazíamos no coração insensível? O que escondíamos sob a ressonância dos gritos?

A resposta acharemos adiante, ao desenrolar dos acontecimentos. Resposta repelente, como um irmão é para o outro; como é o lituano para outro, quando o infortúnio sobrevem.

Não toque em feridas abertas, como diria alguém, mesmo porque, as feridas estão velhas e gangrenadas; assim, corte-as com bisturi, apesar de saber que muitos sentirão dores insuportáveis.

Entreabro os olhos dos meus compatriotas, fechadas por dezenas de anos, por espuma.

Atiro estas palavras aos traidores da Pátria — que falam lituano ainda — cegos remanescentes, subjugados por estrangeiros.

"E lanço eterna maldição aos carrascos dos meus conterrâneos!"

— Quem sou eu?

— Com que direito?

EU — a última lágrima do irmão guerrilheiro, morto no verdejante bosque da Lituânia, proferida aos sobreviventes!

EU — testamento flamejante ao lituano expatriado, impiedosamente consumido nas chamas da vergonha, pela existência de compatriotas indignos e parasitas!

EU — maldição aos traidores, os que no estrangeiro são surdos ao sofrimento da Pátria no seu transe doloroso; aos cegos e surdos ao horror macabro que, rastejando avança atrás da Cortina de Ferro!

Quanto mais insultarem e condenarem o autor deste livro, mais ele sentirá que a operação eliminar a podridão da Pátria era inevitavelmente necessária. O real, lituano destemido e combatente, compreenderá e apoiará o esfôrço do meu trabalho. A opinião do "lituano" de palha, parasita é coisa à-toa, não me impressiona, que aliás, já conhecia antes do presente livro entrar no prelo.

III

OS FUNERAIS DA INDEPENDÊNCIA

Sauve qui peut!

"Quem aderirá ao vandalismo dos novos bárbaros?"

Irmão destemido e lituano de coração!

Você se lembra, quando o flagelo vermelho, se alastrou pelas tranqüilas aldeias, povoações e cidades lituanas? Você se lembra dos monstruosos mongóis esmagando e profanando a milenar cultura lituana?

Ano de 1940, 14 de Junho.

Tempo sereno e ensolarado, como todos os anos, no início do verão.

Os cucos cantam, as abelhas zumbem no ar. Ao entardecer, à beira dos regatos rumorejantes, ecoa o canto do rouxinol. Verdejam as plantações nos campos, outras já amadurecem. As herdades se inundam de perfume com as tílias florescentes. . .

Quem crê, quem espera que o apocalíptico cavaleiro está próximo de Armagedão, onde o triunfo do malígno ecoará como a voz gargalhante de hiena. . .

Ninguém acredita, nem imagina que os trevos brancos se tingirão de vermelho com o sangue dos filhos da Lituânia, derramado pelos bárbaros Mongóis.

A hidra bolchevista, estende os seus mil tentáculos em direção à terra dos gloriosos antepassados.

Os jornais dão informações sobre o fronte de forma mesquinha. Comentam laconicamente o aniversário do Presidente da República, celebrado na véspera. Poucas linhas sobre as negociações da delegação lituana em Moscou, o que pouco interessava à população em geral, totalmente alheia à Política.

Calmaria total no País.

Prenúncio de tempestade? Ou seria apenas quietude, sem presságios?

Nas ruas de Kaunas e Vilnius, o povo anda pálido, com fisionomias alteradas pela apreensão. Grupos se formam, furtivamente. Cochichos e alçar de ombros.

Boatos, um mais incrível que o outro, andam de boca em boca, espalhando-se com a rapidez do raio.

— Impasse nas negociações de Moscou. . .

— Molotov entregou ultimatum à Urbusos. Exige mudança de governo.

— Exigem o julgamento do ministro do Interior e do secretário da Defesa.

— O Governo concorda, não defende nem a sí próprio. Está desorientado e em pânico, perderam a lógica do raciocínio sadio, pobres toupeiras. . .

— Se as exigências dos russos são tão modestas! Indica evidentemente boa vontade, um entendimento é possível. . .

Se o Moloch vermelho se contenta com este sacrifício, à vontade, atendamos, estejamos tranqüilos, até exigirem mais sacrifícios. . .

— Daremos, mas ganharemos tempo, salvaremos a pele. O que virá em seguida, pouco importa. Depois de nós, seja o dilúvio!

— Que o Governo seja formado pelo afastado general Stasys Rastikis. A ele os soviéticos sempre votaram grande simpatia e consideração. O general concordará? Como não! Uma tarefa tão sedutora, objetivo nobre, salvar a Pátria!

— O presidente deve escrever uma carta conciliatória a Kalínih e a Stálin, ou melhor, deve pedir graças e indulgência.

— Tudo é muito claro, perfeitamente lógico, a verdade e a razão estão do nosso lado. Se afligir, por que? Temer, se inquietar? Não há motivos!

— Não! Os vermelhos já não querem saber de Rastikis, eles indicarão a pessoa que querem à testa do Governo. A candidatura mais falada é a de Justinas Paleckis, o jornalista que divide o tempo entre a redação e o bar.

As exigências despencaram como água no dilúvio:

— Legalizar imediatamente o Partido! Libertar os ladrões de cavalos e outros cri-

minosos. . .

— Mas isto significa a intromissão nas questões internas do país! Se manifestaram as altas autoridades, um tanto contrariadas.

Apesar da introdução de guarnições do exército russo, apesar da condenação de Skucas e Povilaitis, era considerado como sinal de "não intromissão amigável". . .

— Que fazer? Nomeemos J. Paleckis como premier e que ele governe alegremente, com garrafa de "Vodka" na mão. . .

— Soltemos os criminosos das cadeias. Acha que estes gatunos porão a Pátria a perder? Nunca! E a independência salvaremos sem derramamento de sangue!

— Atendamos às exigências da União Soviética! É a única alternativa, outro caminho não existe!

— Realmente, não existiria outro caminho? — perguntou, abalado o presidente da República.

— Não! Não existe! — responderam em coro os ministros, os vice-ministros, generais e diretores.

— E a guerra?! — com os olhos faiscando, perguntou o presidente.

— Guerra. . . — estremeceram as altas personalidades como se tivessem recebido uma ducha fria, empalideceram, sentiram-se no campo de batalha, viram milhares de mortes desprovidas de sentido, de alguns, até os dentes bateram ante a idéia da morte.

— O que diz o Conselho da Defesa Nacional? O que pensam a respeito, senhores generais? — "oportunamente" se preocupou o presidente.

— Nós. . . — O Conselho da Defesa estava confuso.

— Nós. . . dormimos demais, senhor presidente. . . — sorriram amargamente os generais.

— Ninguém nos forçou ao trabalho, assim nós conscienciosamente descansamos.

— O país não tem condições de enfrentar o inimigo, não existe defesa!

— Faltou-nos tempo! Agora é tarde! Estamos impotentes. É preciso capitular. Temos que aceitar todas as condições de Moscou, sejam quais forem.

— E o exército? O que diz o Comandante-Chefe? Tem a palavra senhor General.

— O exército, nem moralmente, nem tecnicamente está preparado, ademais, o soldado não irá lutar contra a União Soviética!

O ministro da Segurança da Nação quis contestar, mas diante da nova investida do presidente, fez um gesto de desânimo com a mão e caiu pesadamente numa cadeira.

— A moral do exército é excelente General! Os soldados — irão lutar. . . — replicou contrariado o presidente.

— Porém, eu não comandarei as tropas contra a Rússia! Seria suicídio! — o general Comandante-Chefe frisou a palavra.

— Eu vos ordenarei!

— É tarde demais, Excelência!

— Então, eu mesmo comandarei o exército à luta! — e o velho presidente, encanecido, com a barbicha trêmula, se ergueu de trás da mesa.

— No instante em que o fizeres, sereis internado, Excelência! — com os olhos chispando, disse ameaçador o General, visivelmente apoiado pelo coronel Primeiro-Ministro e, quase todos os ministros.

— Sua Excelência Senhor Presidente. . . — começou suavemente o Primeiro-Ministro, seus bigodes brancos se eriçando, — a guerra não tememos. Mas, a guerra sepultará a independência da nação; o sangue lituano deve ser preservado para outras refregas mais importantes. Os soviéticos, assim informa o Ministro das Relações Exteriores, prometem e garantem para nós, integral independência. Se lutarmos iremos colocar o

laço da forca nos próprios pescoços, temos que ceder, inevitavelmente.

— Não creio na propaganda soviética, Coronel!

— Não existe outra alternativa Senhor Presidente!

— O restante dos senhores ministros, o que pensam a respeito?

— Aceitar sem hesitação o ultimatum de Moscou! — estrugiu o coro. Somente o velho pedagogo Dr. Jokantas, incrédulo, sacudia a cabeça.

— Então como protesto ao plano de ocupação que está se formando, eu me afastarei ao exterior! — lentamente, mas de maneira firme, disse o Presidente.

— Para o bem da Nação, é preciso que vós permaneçais no posto, falaram os Ministros um tanto alarmados.

— Não! — a resposta foi firme, enérgica.

— Então, se manifestou irritado e ameaçador o general Comandante-Chefe e disse: darei ordens para que sejais vigiado. Senhor Ministro, procure convencer a sua Excelência, de que a liberdade da Pátria, o bem do país, exigem que o primeiro mandatário da Nação não se afaste do país.

— Excelência, se vós quereis afastar-vos, tereis tempo, — aceitamos o ultimatum dos russos e vós permaneceis, se notarmos que os russos estão seriamente empenhados na ocupação, vós tereis tempo suficiente de afastar-vos. Nestas condições, autorizaremos à entrega de uma razoável importância em dinheiro à vossa disposição, senhor presidente. . .

— Concordamos, — prorrompeu o vozerio dos membros do Conselho de Ministros, enquanto o velho Jokantas, meneava, desaprovadoramente a cabeça.

— Senhores, me deixem refletir melhor sobre a situação, a sessão está encerrada. . .

As preocupadas feições dos ministros e generais se distenderam, sentia-se que qualquer coisa ficou por dizer. Seus pensamentos divagaram ante as várias possibilidades na sucessão dos acontecimentos. Passou pela mente de mais de um que esta conferência podia ser a última realizada no país ainda livre.

Ao deixar o palácio presidencial, o Ministro da Fazenda notificou ao General, Comandante-Chefe.

— Darei imediatamente ordens ao Banco da Lituânia para que, tanto o Presidente, como qualquer membro da sua família, não possa sacar qualquer quantia, inclusive de conta particular, ele não ousará fugir ao exterior, sem um centavo no bolso.

— O General Comandante-Chefe, agradeceu a brilhante idéia ao Coronel Premier.

No mesmo dia, contra à vontade do Presidente da República, Moscou foi cientificada de que todas as condições do ultimatum foram aceitas; o Governo da Lituânia acredita que a União Soviética respeitará os termos do acordo e sob nenhum pretexto violentará a independência da Lituânia.

Qual o que, não violentará! Já faz algum tempo, quando Schulenburg com Molotov firmaram o ato de "compra e venda", que dava direito aos russos de ocupar a Lituânia e que lhes custou a importância, paga aos nazistas, de 31.500.000 (trinta e um milhões e quinhentos mil) marcos de ouro!

Agora só faltava representar a tragi-comédia do sepultamento da Lituânia Na cena deviam aparecer os artistas, russos que logo viriam. . .

É mais fácil pensar, que a tal sessão nunca se realizou. Tudo é invenção, boatos...

Claro — boatos!

Invencionices, para gerar inquietação!

Em Kaunas, os comentários eram cada vez mais ousados, alcançavam até as províncias. . .

Mas os ministros apertavam nas mãos trêmulas as escorregadias pastas e se calavam. A população começou se inquietar novamente ignorava-se a verdadeira situação e a série de boatos contraditórios se renovava.

Manhã de 15 de Junho.

A verdade não é revelada à população até o último instante, que se contentassem com boatos!

Todas as exigências da União Soviética foram aceitas. Podemos continuar calmos, nem o rádio nem os jornais matutinos dão notícias da trágica sessão realizada à noite. Parece que tudo não passou de boatos. Calmamente iniciamos as tarefas cotidianas.

É verdade, alguém começa procurar uma explicação para o fato de não descontarem os cheques do presidente, de alguns milhares de "litas" da sua conta particular.

Pelo rádio se ouve a música de sempre, dá algumas notícias do fronte ocidental.

A Nação pode permanecer calma.

Quem governa, se descuida!

Aproxima-se o meio-dia.

Reina quietude mas o ar está carregado, sente-se algo terrível, ameaçador.

Os funcionários da maioria das repartições públicas circulam pelas ruas. . .

Mais e mais surgem pessoas com feições preocupadas e grupos inquietos cochichando. Os maiores responsáveis pelos rumores ficam desorientados, e, ao serem interrogados limitam-se a sacudir os ombros.

É inacreditável, mas nesta hora terrível não havia quem informasse o povo! Ninguém que chamasse às armas os milhares de reservistas que durante anos seguidos foram para isto preparados aos quais fora martelado durante duas décadas que na hora do perigo empunhassem as armas e lutassem, morressem pela liberdade da Pátria.

As autoridades mantem-se silenciosas. . .

Parece que o perigo sério não existe. Em todas as oportunidades eles incutiam a crença de que sem resistência a Pátria não perderia a liberdade.

De repente. . .

Vibrante, alterada pela emoção, ouve-se a voz do locutor dando notícias pelo rádio, que teve o efeito de uma geada cobrindo as plantações em pleno verão, atingindo em cheio o coração da Nação:

— A União Soviética está descontente por ter sido aceito o ultimatum; descontente pela aceitação incondicional de todos os termos. Dentro de duas horas, unidades motorizadas soviéticas atravessarão a fronteira lituano-soviética. Pedimos ao povo, para manter-se calmo. O menor sinal de rebeldia, pode trazer ao País grandes desgraças. Permaneçamos calmos.

— Qual desgraça? Pode suceder desgraça ainda maior?

— Não! Maior horror não podíamos sentir. . .

A trêmula voz do locutor é interrompida. Mesmo os mais otimistas estão lívidos. Somente alguns simpatizantes do credo vermelho, um tanto enigmáticos, sorriem.

Parece que os falatórios sobre a sessão das altas autoridades não eram boatos.

Os peitos ficam como que oprimidos, esmagados, dilacerados. Quer se crer que tudo não passa de um pesadelo, que nada houve. Despertar e ver a Pátria livre, imaculada.

— Como? Qual o motivo? Que fizemos?

Ninguém responde. . .

Mas, todos sentem: fomos traídos!

Traídos pelas autoridades, Ministros, Generais, Políticos! — Conselho de Defesa Nacional!

— Não Não pode ser! — exclamava, puxando as ombreiras engalanadas, pálido até

o violáceo, um jovem oficial lituano, na praça da Independência.

— Temos que lutar! Temos o dever de defender-nos! Iremos morrer pela Pátria e pelo Chefe da Nação!. . .

— O Chefe da Nação debandou para o lado de Hitler. . . disse um transeunte, fez um gesto significativo e seguiu adiante, sorrindo sarcástico de prazer diabólico.

— O Presidente fugiu!

Foi como ribombar de trovão em pleno meio-dia calmo. . .

— O Chefe da Nação está em Marijampole. Lá está formando a resistência militar. O Comandante da guarnição de Marijampole seguiu com um regimento em formação de combate para Vilkaviskis.

— Os alemães concordaram em apoiar a nossa resistência contra o exército soviético. . .

— Smetona já está em Kybartai. . . O Primeiro-Ministro e o Chefe do Exército também se apressaram em seguir para lá. . .

— O Presidente fugiu. . .

— Os Ministros sumiram. . .

— Os russos estão ocupando o país sem obstáculos. . .

— O Governo está desorientado, desmoronado. . .

— Não temos Governo!

— As autóridades traíram a Nação! Entregaram-na na surdina! Entregaram-na dormindo! Traíram-na sob o tacão dos russos. . .

Rumores circulam pelas ruas como telégrafo.

Em Kaunas. . . Vilnius. . . Siauliai. . . — em toda Lituânia.

Rumores. . . rumores. . . rumores. . .

E, de repente. . .

Uma coluna de estrondosos tanques do inimigo surgiu na avenida da Liberdade. Cobertos pelo pó, os motoristas de olhos oblíquos tomaram o rumo do Palácio Presidencial.

As ruas do Presidente da Assembléia e Luksis ficaram todas cheias de tanques. Rodearam o quarteirão presidencial. Se o Presidente estiver no palácio, só transformando-se num inseto poderá escapar.

— E onde ele poderia estar? Claro, os boatos não têm fundamento, o Presidente não fugiu. Os russos saberiam! Não iriam com esta sofreguidão toda querer agarrá-lo. As ordens de Moscou são de fazê-lo renunciar "espontaneamente" o mais depressa possível, passando o cargo de presidente ao espião bolchevista Paleckis".

É preciso fazer tudo dentro da ordem, conforme a constituição, tingida com o sangue dos filhos da Lituânia e escrita com as mãos dos traidores da Lituânia, até mudar para a Rússia Vermelha.

Pasmem! Por uma insignificante fração de tempo, o Presidente da República aniquilou todas as esperanças do invasor e logrou todos os espiões vermelhos. Este silencioso protesto de A. Smetona deve ser anotado como um tributo em sua homenagem. Não lhe restava outra coisa a fazer. . . era tragicamente tarde. . .

Novas colunas de tanques russos rodam na estrada Kaunas-Marijampole, deixando uma longa esteira de poeira. Velozmente, à fronteira da Alemanha!

Como será que se comportarão os amigos nazistas? Não estariam eles tramando se apossar do já negociado e a eles prometido território de Suvalkija? É preciso se apressar, burlar o outro rapinante!

Verificou-se ser verdade. Todos os rumores que circularam. É evidente agora que o

Presidente acha-se em Kybartai. O Premier Coronel não foi bem sucedido nos seus planos de fazer retornar Presidente. Mas teve um consolo: ele voltou com autorização de "agir em nome do Presidente"... Era o jeito. Pozdniakov não se contenta: tragam-me o Smetona de volta, do contrário, enforcarei todos! Mas, como? Ousou desafiar a vontade do invasor? E quem? Um velho murcho! Vejam como o Presidente da Letônia, muito calmo e educado, transmitiu o cargo de Presidente à Kirchenstein e agradeceu pela corda ou bala, dependendo o que o usurpador gentilmente oferecesse. Ocupar o país assim é um verdadeiro prazer!

• Vejam só! Quem podia crer! Os ministros e generais preparavam o terreno para recepcionar devidamente o invasor e acolhê-lo de braços abertos e resultou num fracasso!

O 9º Regimento de Infantaria já retornou à Marijampole. O Comandante do Regimento, não suportando a idéia de se tornar o Judas da Pátria, suicidou-se com um tiro.

O Presidente logrou a todos, iludiu a vigilância da fronteira e chegou à Alemanha... Os invasores ficaram possessos. Mandaram "delegados", se desdobraram, queimaram todos os cartuchos na tentativa de persuadir o homem a voltar. Mas o Presidente foi inquebrantável!

Da União Soviética, de avião, veio à Kaunas o Vice-Ministro das Relações Exteriores, Dekazanov, nomeado pelo Conselho de Comissários, para "por em ordem"...

— Qual ordem?

— Russa! Soviética!

Dekazanov veio para "legalizar" a implantação da violência e a ocupação militar, oficializar o bestialismo e a tirania vermelha: Veio como encarregado de um salteador, para tomar de um outro salteador a "comprada", e a nenhum dos dois pertencente, "mercadoria".

Depois que cessou o ruído motorizado dos tanques, o povo se refez do choque e recuperou a fala. O instante de aturdimento passou.

— Jogue fora este uniforme verde, cor de rã — guinchou um rapazola sardento, tocando as ombreiras de um moço lituano uniformizado que ia tomar um ônibus.

— E você jogue fora este trapo vermelho do pescoço respondeu o uniformizado de verde, pulando agilmente dentro da viatura.

Na Praça dos Voluntários, reuniram-se uns vinte mocinhos trânsfugas. Todos ostentavam amarrados ao pescoço os lenços vermelhos. Encetaram com vozes esganiçadas a canção de todos os malandros do mundo, a Internacional Comunista. Erguem os punhos e gritam à passagem dos tanques: — hurra!

Os alunos do ginásio judeu, em seus uniformes azulados, atiram flores de cor vermelha aos motoristas dos tanques que passavam.

Do que é, culpada a minha Pátria, para estes estrangeiros, que lhe cospem na sua hora de maior dor? Aqui, durante anos seguidos tiveram de tudo: — fortunas, organizações exclusivas casas de oração e cemitérios, suas escolas, seus ginásios, seus teatros e instituições de divulgação espírito-cultural, tudo de uso exclusivo. Aqui tinham ampla imprensa, literatura e arte: o invasor profanará, destruirá, exterminará tudo isto. E eles sabem muito bem disso. Talvez sejam verdadeiras as palavras do milionário Chaim Gudinskis: — "Antes com os bolchevistas na Sibéria, do que com os lituanos em Kaunas. Respeitamos aqueles que tememos e desprezamos aqueles que não nos maltratam".

Como os rapazes berravam cada vez mais alto, um policial que fazia a ronda, não suportando o barulho, mandou-os dispersarem. Mas eles brandiram os punhos com maior violência e soltaram pragas contra ele. O policial, durante um minuto ficou encarando-os. Meio confuso, depois como que desanimado, afastou-se, rumo ao distrito policial.

O Mantenedor da ordem abandonou seu posto!

— Não precisamos de ordem!

Viva o cáos vermelho!

Os direitos humanos e a justiça, neste instante, abandonaram o meu país.

O povo impaciente por notícias, antes da edição dos jornais vespertinos, soltava os mais fantásticos boatos.

— Smetona foi preso e trazido de volta pelo exército russo, já está em Kaunas.

— Não, levaram-no de avião à Moscou.

— Não é verdade, o Comandante da União dos Sauliai deu ordens aos saulai para prender o Presidente da República. Que vergonha para a União dos Saulai!

— Isso, também não é verdade. O Presidente tapeou os saulai: rapou a barba e ànoite, irreconhecível, atravessou o regato da fronteira. . .

— Vê, se pegam ele agora: já está em Eitkunai!

— Para Eitkunai seguiu uma delegação representando o atual Governo para demovê-lo do seu plano, para que reconsidere, reflita e, para o bem da Nação, regresse. . .

Não! Ele já refletiu. Não tem mais em que pensar. É tragicamente tarde. O erro é irreparável! Ele jamais imaginou que seus colaboradores, seus conselheiros mais chegados, generais profusamente condecorados, ministros, iriam trair a Pátria no último instante, no minuto decisivo. . .

E por que esperou ele até o último minuto? Era tão "míope" que não percebeu, a não ser muito tarde, que era traído? Será que não notou como agiam os traidores antes? . . .

— Culpado!. . .

— Ao muro da vergonha com ele!. . .

— Já está velho. . . ele que se vire. . .

— Sabe da outra? Da Suíça veio o Professor Augustinas Voldemaras! Veio direitinho cair nas unhas dos vermelhos. . .

— Mas, que bobão!

— É idiota. . .

Já pensou, a sardinha na boca do tubarão? Anda, diabo sabe onde é, a sardinha ninguém mais tira. . .

— Por que todo mundo é sabido depois que acontecem as coisas?

— Ambos perceberam que o país será mergulhado num mar de sangue, e um deles tencionando "salvá-lo" se arrancou para o exterior. O outro com a mesma intenção veio para cá. Mas, no fim dá tudo na mesma!

Tarde!

Tragicamente tarde!

Ocupação — fato incontestável.

Dekanozov começou a procurar atores!

A comédia precisava ser representada.

Atores não faltarão! O que dizer dos "patriotas" que ensaiaram, ingerindo Vodka e caviar, na terra dos promotores do espetáculo?

O representante titular da União Soviética, Pozdniakov, não é de hoje que vem tecendo a teia de aranha. Desde o decano da faculdade das Humanidades, até o guarda do pátio, todos estão nas suas malhas. Pelo caviar, Vodka e mais alguma coisa. . .

A Lituânia deve se enforcar!

Com suas próprias mãos. . .

Tirar a vida, por meio de palavras, escritos e coração de seus cidadãos. . .

A Nação deve praticar a auto-destruição. A história deve se repetir. Exatamente como aconteceu em Lublin.

A faculdade de querer, viver ou morrer, está nas mãos do usurpador. Haverá quem queira morrer pela Pátria?

Sim, haverá!

O usurpador sabe disto muito bem!

Naturalmente, não será a elite. Os pretensos dirigentes do país.

Quem lutará e morrerá será a mocidade do campo e a da cidade. Os jovens oficiais, estudantes, aprendizes, operários, lavradores. Lutará e morrerá o povo, a verdadeira Nação, entregue à escravidão traiçoeiramente por um punhado de Judas.

Os prováveis rebeldes terão que ser "ajeitados", isolados, liquidados; mas para a opinião geral, interna e externa, os agentes funerários e os coveiros da liberdade do país tem de ser escolhidos entre os bem conhecidos, os que mereceram, conseguiram, títulos e honrarias — sobejamente conhecidos trânsfugas.

Qual deles não ficará seduzido por mais condecorações, novos títulos, posições de relevo asseguradas? Qual deles deixará de subir pelos degraus da carreira, mesmo improvisada pelos cadáveres dos irmãos?

Qual?

É muito provável que estes traidores da Pátria não sejam inteiramente dedicados ao bolchevismo. Talvez alguns deles, em certo momento, no fundo do coração, ouvirão o clamor da Pátria, que nem Vodka nem caviar, abafarão.

Não tem importância, dizia o invasor, estaremos vigilantes!

Às suas costas poremos um mongol devidamente armado, que lhes vigiará todos os passos, gestos e palavras. . .

Fácil! O que não nos falta é experiência. . .

O importante é que eles façam o seu papel, o que suceder depois será um problema menor.

Procurá-los, é coisa de pouco tempo. Pode-se escolher.

O Primeiro-Ministro e Presidente-Interino de então, seguiu apressadamente para o aeroporto. Em uniforme de gala, foi receber o carrasco da Nação — Dekanozov. Cheio de mesuras, espinha curvada, quase beijando a mão. Debaixo do bigode grisalho um sorriso escancarado, às costas — um arco perfeito. . . O próprio Dekanozov sentiu uma certa aversão em estender a mão a um traidor. Traidor da própria Pátria!

O trabalho deste traidor não é difícil: transferir o cargo à Paleckis, mas, tudo dentro da formalidade, baseado na constituição da Lituânia. Depois o destino do traidor é evidente. Julgamento rápido. Em seguida, virão os outros. . .

Os velhos Ministros, elementos de importância do antigo Governo, não podem permanecer no país, seria motivo de constante nervosismo das massas. . .

Todos à União Soviética! Lá, haverá lugar para todos!. . .

Na Embaixada Soviética trabalha-se a pleno vapor.

O Departamento de Defesa foi entregue à Anatolijus Pankratovas, Chefe de Polícia, pessoa nossa (ponto de vista soviético). O Departamento de Polícia coube a um Capitão do tempo do Tzar, mas, pessoa nossa. Cantor, quando trabalhava na Polícia da Fronteira, entoava "Volga. . . Volga. . ." com muito gosto; imaginem agora, cantando a "Internacional".

Prender, quanto antes possível, Pamataitis, Ciuoderis, Adamavicius, Galeckas e outros elementos de maior destaque do Departamento de Defesa e da Polícia Criminal, espalhados por toda a Lituânia.

Pankratovas, mal assumiu o pôsto no Departamento de Defesa, fugiu para o exterior. Apesar de ser russo, não quis trabalhar para os seus compatriotas; não quis com suas mãos perseguir e matar o povo do país que o acolheu, cujo saboroso pão durante quinze anos comeu.

Não tem importância, para o cargo, acharemos um outro lituano. Quem sabe, um sadista. Um cuja mão não tremerá, esteja ele matando seu irmão, seu pai ou sua mãe. . .

Faremos tudo de tal jeito, que aparentemente, para efeitos formais, a liberdade e a independência será extinguida por suas próprias mãos. Para a opinião pública em geral, isto é importante.

Matarão, enterrarão e com suas próprias bocas entoarão o canto do lamento pela liberdade desaparecida do torrão natal. Depois espargirão a campa com o sangue dos próprios irmãos. Sobre esta campa começará a crescer uma planta russo-comunista por

nós semeada, ela se espalhará, raízes profundas se enterrarão no solo lituano. Não haverá força no mundo capaz de extirpá-las!

— Assim fluíam os pensamentos do representante de Moscou, Dekanozov.

— Não esqueçamos da propaganda! A mais eficaz e poderosa das armas! O veneno mais violento! O melhor narcótico para entorpecer as faculdades mentais, o cérebro, dentro e fora do país, principalmente fora, mantendo-os dormindo!

— E não faltarão trovadores propagandísticos?

— Existem aqui uns pares deles que em matéria de propaganda são insubstituíveis. São capazes de criar tal força de propaganda, que o país todo tornar-se-á um ensurdecedor alto-falante. . .

— Moisa Zimanas?

— Presente . . .

— Vladas Niunka?

— Eu, Senhor Comissário!

— Vocês dois, ainda hoje, iniciarão os trabalhos para organizar o Departamento de Imprensa e Propaganda. Dediquem todo o esforço porque a situação é transitória. O tempo urge. Em primeiro lugar — jornal. Podem denominá-lo "A Voz do Povo", mais tarde trocarão para "Verdade Soviética", mas o melhor do esforço e trabalho tem de ser na primeira fase. A turma de colaboradores será providenciada pelo camarada Presidente Paleckis. Por enquanto, podem convidar para ajudar, trotzkistas, democratas, social-democratas, vira-casacas. Não desprezem ninguém, compreendem? Hoje, todos são úteis. Naturalmente, depois dispensaremos a maioria, faremos uma seleção. Vejam se conseguem atrair alguns elementos de tendências nazistas e fascistas. Para salvar a vida eles se desdobrarão, procurando agradar ao nosso regime e partido.

— Toda esta cambada tem de cumprir a obrigação! É para nós muito importante dar a impressão ao país e às outras Nações, de que a Lituânia recebe-nos com entusiasmo, como libertadores há muito esperados, para libertá-los do jugo smetoniano-capitalista.

— Aqui têm alguns papéis com textos diversos, um deles para saudar a União Soviética, seu poderoso exército Vermelho. Aqui, um outro discurso preparado, de agradecimento do povo lituano ao Grande Pai Mestre, que falta traduzir em lituano. Providenciem com urgência a tradução e divulguem, camaradas, estas entusiásticas manifestações de adesão aos mais proeminentes jornalistas, escritores, os que se dedicam ao ensino, artistas das belas artes, poetas, operários. Eles que assinem do próprio punho e levem o documento às redações de jornais. Os redatores não se recusarão à publicação, mas, se acontecer, já sabem. . . Compreendem?

— Compreendemos. . . — disseram os dois homens de compleição raquítica; duas entidades de tenebroso significado no horrível drama dos funerais da Pátria.

— Mantenham contato direto e constante com o Camarada Pozdniakov. As instruções de somenos importância, detalhes, pormenores, receberão aqui. . . Claro?

— Claro, Camarada Comissário!

— Boa sorte e sucesso, Camaradas, — disse Pozdniakov, acenando com a mão, que silencioso e atento, ouviu toda a conversa de Dekanozov.

— Agora, — Dekanozov se ergueu, — como vai a questão da formação do Governo? Alguma modificação da última relação?

— Pouca. . .

— Como Primeiro-Ministro e também, das Relações Exteriores nomeamos o Professor Vincas Kreve-Mickevicius.

— Concordou?

— Nós nos esforçamos para que concordasse. É muito importante para nós a sua popularidade e o seu nome. Ele é Presidente da Aliança Cultural Lituano-Soviética, Professor de Universidade, decano da Faculdade das Humanidades, escritor de destaque, classico, de tendências esquerdistas, altamente popular entre os estudantes e o povo. . .

— Excelente! Assim ninguém ousará, seja no país seja no estrangeiro, de atribuirnos usurpação e terrorismo. O nome de Kreve servir-nos-á perfeitamente por enquanto,

até o término da sua tarefa. Mais algum de estôfo reacionário?

— Ernestas, o mestre das finanças.

— Ah! O mestre das finanças. Temporariamente, toleraremos até gente assim, para melhor acobertar. Mais algum?

— O Ministério da Saúde foi prometido ao representante dos judeus. Essa gente é a que mais tem nos auxiliado e nos são de maior confiança. Dos seus méritos já me referi de maneira elogiosa ao camarada Plenipotenciário.

— Certo, os outros tem de ser lituanos, sejam eles uns tarecos, sejam reacionários, mas lituanos! Mesmo, provisoriamente. . .

— Pakarklis, Girdzijauskas, Glusauskas, Adamauskas, Gregorauskas. . .

— Pare! Quem é o Ministro dos Assuntos Internos?

— Redator do jornal anti-religioso "Zemaitis" (baixo-lituano), funcionário do Governo, Professor de ginásio, o mais fanático inimigo da religião e do regime de Smetona. No início trabalhará por convicção, depois. . .

— Entendo. Sabe o que, camarada? Demo-lhes como Diretor do Departamento de Defesa, o camarada Antanas. Um tipo adequado para nós. Ninguém poderá alegar que a Defesa da Nação não está nas mãos de um lituano. A propósito, a origem dele não é burguesa?

— Sim, descende de uma família bastante abastada.

— Muito bom! Será o maior exterminador dos abastados! Mais alguma coisa?

— Os redatores de jornais, já foram substituídos.

— Certo. Para fechar os jornais temos tempo. Agora tudo tem de se resumir na propaganda. Não deixaremos nenhum jornal não-comunista. Os jornalistas serão pescados para servir a imprensa soviética. Para a polícia e funcionalismo temos que escolher ainda. Também, isso será tarefa dos superiores. Até que venham os chefes de pessoal especializados, nomearemos os recomendados pelos camaradas Koganas, Gudinskis e Reznikas. Agora, camarada Pozdniakov, me apresente logo, se possível, o assim chamado Primeiro-Ministro, camarada Professor Kreve-Mickevicius, que é também, Ministro das Relações Exteriores. . .

IV

NA RUA DAUKANTAS

No edifício ELTA, uma agência se formou

E a repartição do diabo, a funcionar, começou

Moisa e Vladas, assim que saíram da Embaixada Soviética, tomaram o rumo da Avenida da Liberdade. Pararam um instante perto da Igreja, depois, silenciosos andaram alguns quarteirões e, como que desanimados, tomaram a direção da Praça da Integridade. Lá chegando desabaram sobre o primeiro banco público que encontraram.

— Diabo, onde devemos tentar? — resmungou Moisa.

Vladas fumava, silenciosamente.

— Quem sabe, se tentarmos a Diretoria do Trabalho Público?

— Não tente. Lá já está se instalando o camarada Kezinaitis, — lembrou Vladas.

Seguiram-se uns minutos de silêncio.

— Já sei! — exclamou Moisa, erguendo-se, todo sorridente.

— Sabe o que? — perguntou Vladas, em tom de dúvida, com o olhar fixo na bandeira que ondulava sobre a torre do Museu Vytautas Didysis (Vytautas o Grande).

— Sei de um bom lugar para nos instalarmos e organizarmos o nosso Departamento de Imprensa e Propaganda.

— E então. . .?

— ELTA! Compreende? No edifício ELTA acharemos uns quatro ou cinco quartos vagos para nós, para começar, depois com o tempo, um palacete exclusivo.

Algumas das dependências do edifício ELTA, situado à Rua Daukantas, 11, foram cedidas à Comissão de Repatriamento, adjunta ao Conselho de Ministros, cuja função consistia em repatriar os lituanos das regiões do leste, ocupadas pela União Soviética. A Comissão de Repatriamento, instalada no 3º andar, cessou as suas atividades a partir de 15 de Junho, quando a ocupação se estendeu por todo o país. O Presidente da referida Comissão, e também da Aliança de Apoio ao Lituano no Exterior, União dos Lituanos do Mundo e membro importante de uma dezena de outras importantes organizações, cedeu algumas dependências ao ébrio. Paleckis, para muito sossegado, em sua casa, como rato na toca, aguardar uma oportunidade de fugir para o estrangeiro. Os outros membros da Comissão sumiram aos quatro ventos. As dependências vagas no ELTA, com a extinção da Comissão de Repatriamento, foi o que atraiu a atenção dos dois "amigos".

O Administrador da Supervisão das Comissões, como compreensivo "amigo do povo", cedeu mui satisfeito quatro quartos com dois telefones e um completo equipamento de escritório aos dois camaradas propagandistas. Ele mesmo, com todos os autos e processos da Comissão, mudou-se para um quartinho, sendo que uma das paredes era formada pelos arquivos e armários cheios de papelada, atrás da qual, por acaso, se formou o gabinete do futuro propagador da mentira soviética, o Chefe do Departamento de Propaganda, o camarada Moisa.

Ainda no mesmo dia, os dois amigos, depois de longa conversa, formaram uma agremiação, a qual intitularam — Partido do Povo Lituano, ao qual, naturalmente, somente eles dois pertenciam.

No dia seguinte de manhã, já surgia o órgão de imprensa do Comitê Central do "partido", o matutino "A Voz do Povo".

Mais tarde, esta "voz" se desenvolveu com o camarada Moisa e hoje é órgão oficial, intitulado "Verdade".

Ainda no primeiro número d'A Voz do Povo, apareceu a caricatura do Presidente Smetona correndo na fuga, através da fronteira. O desenho, por ordens dos camaradas, foi exibido nos jornais cinematográficos, acompanhado de legenda de troca e achincalhe.

O primeiro e mais importante trabalho — escarnecer de tudo que fosse lituano!

Enlamear e escarrar sobre o sentimento de patriotismo lituano!

Dar o maior relevo possível, às falhas, fraquezas e erros dos homens do antigo go-

verno.

Salientar e trombetear com alarde, a assim denominada, miséria e exploração dos proletários!

— O que é que você acha? — perguntou Vladas, numa tarde após um dia agitado no expediente — não nos faltarão propagandistas lituanos, que têm aumentado, ao som do realejo de propaganda por nós dois tocada, hein Moisa?

— O que acho? — Moisa torceu a boca de lábios finos e agudos. — Eis o que acho: jamais pensei, que a Lituânia como uma Nação madura, iria cair nas nossas mãos sem esforço, sem luta, sem um pingo de sangue. Apesar de não ser lituano, pensei conhecer, mais ou menos, a psicologia do povo deste país. . .

— E acha que errou?

— Sim, errei, pois superestimei-os, seus patrícios não valem nada, são uns sujos e carreiristas! Lembra-se quando estávamos em Dimitrava entre os líderes católicos e outros de feitio progressista? Lembra-se de como nas discussões diárias eles elevavam aos céus as suas convicções chauvinisto-nacionalistas? Eles praguejavam constantemente contra Smetona e louvavam Krupavicius Leimonas, Dielinkaitis. . .

— E agora? — A testa de Vladas se enrugou.

— Agora, você não há de crer, mas é verdade! Krupavicius ofereceu seus préstimos ao camarada Paleckis e total lealdade dos Democratas Cristãos à organização comunista, com a condição de não ser bulido na sua hierarquia. . .

— Krupavicius não fez tal. . .

— Não acredita? Dá um telefonema ao Presidente do Conselho de Comissários do povo e se convencerá. Seja lá como for, eu — bolchevista convicto, velho membro do partido, que não menos que voce sofreu por seus ideais, digo que não esperava tamanha frouxidão do seu país. Espero não magoá-lo, camarada.

— Calma, não tire conclusões apressadas. Quem sabe, talvez não seja frouxidão, ponderou Vladas. — Talvez seja uma demonstração de profundo despontamento com os altos dirigentes da Nação, que a traíram. . . Tanto melhor para a nossa propaganda!

— Não diga "breve". Na corrida da adesão, um procura suplantar o outro! Você falou há pouco da possibilidade de faltar propagandistas. Somente hoje, neste gabinete, se ofereceram para trabalhar para a propaganda bolchevista, dois padres, sete tidos nacionalistas, nove conhecidos elementos de destaque do povo e dezesseis social-democratas. Dá uma olhada na lista, todos conhecidos e importantes nas suas atividades. Nada de tipos comuns, nada de ralé que surge cada minuto à porta. Você, como responsável pela Comissão Superior das Eleições à Assembléia, no início se manifestou estar receioso de que o povo lituano não votaria, com isto demonstrando o seu protesto pela ocupação militar do país. Pois olha, vão votar, e como!- São todos um bando de carneiros!

— Caro colega, perdão, — disse com certo azedume Vladas. — O meu país eu conheço bem. Foi ludibriado. Ainda está aturdido pelo golpe recebido. Mas, é duro, tenaz, unido! Os parasitas, esses bichos todos, esse lixo todo, tudo se dissipará, ruirá, desaparecerá. O núcleo, o âmago que sobrar será 90% puro. Ficará o aço! Será preciso desintegrá-lo, teremos que dobrar, queimar, bater. O nosso trabalho está apenas no início. De fato, um começo bastante auspicioso. Mas, quando se recobrar!. . . Creia, Moisa, defrontaremos uma rocha tão sólida, que para destruí-la teremos de solicitar muitas toneladas de dinamite da União Soviética. Mudando de assunto, como anda a questão do comício para amanhã, a se realizar na Praça Vileisis?

— Já está tudo preparado. As diretorias de todas as empresas e fábricas de Kaunas

têm instruções para deixar que os seus funcionários e operários, sem excessão, participem do comício. Devem comparecer com, já distribuídos, retratos gigantes dos líderes comunistas e bandeiras vermelhas. Qualquer empregado, seja de fábrica, companhia comercial ou repartição pública que não comparecer ao comício, será considerado inimigo do povo e sofrerá as conseqüências.

— Compreende-se quais as conseqüências.

— Evidente! Reuniremos uma tal multidão, como o velho Kaunas nunca viu naquela praça! Será a mais cabal demonstração de espontânea colaboração à sovietização da Lituânia que o povo trabalhador vai dar!

— E os oradores?

— Os melhores entre os melhores!

— Me incluiu também?!

— Você falará sobre as eleições para a Assembléia do povo. O texto do discurso ser-lhe-á entregue amanhã de manhã pelo camarada Pozdniakov. A tradução você mesmo fará.

— Quais são as instruções para o tema geral dos duscursos? — perguntou Vladas.

— Exige-se não poupar os ricaços, capitalistas e burgueses nacionalistas! Exige-se a nacionalização de qualquer ramo de atividade particular! Exige-se encaminhar as coisas para que se peça a incorporação da Lituânia à família das Repúblicas da União Soviética! Outras instruções serão dadas amanhã. Os tradutores trabalharão noite inteira, vertendo os originais para o lituano.

— Assim, camarada Moisa, estamos vivendo momentos históricos.

— Sim! A Lituânia tornar-se-á, para toda a eternidade, a 14ª República Soviética!

— Eu nunca duvidei que tal aconteceria. Mas, mal posso crer que tudo tenha sido tão fácil. Você sabe muito bem, estudei psicologia. Eu como você, esperávamos maior reação, resistência mais obstinada. . .

— Desencantado? — inquiriu Moisa, um tanto mordaz.

— Sim, você está com a razão, meu pensamento sofreu a influência do fato de ter nascido lituano. Foi um erro, mas, um erro agradável. Assim, o nosso trabalho é muito mais suave. Quanto mais depressa melhor. Não deixar se recobrar do atordoamento! Não deixar recuperar o fôlego! Sufocar a reação antes que nasça! Matar o pensamento, enquanto está inconsciente! Criar o terror, a suspeita de irmão para irmão! Fazer com que temam a própria sombra! O aço, desta forma, não fará efeito na madeira mais podre. A propósito, ouvi dizer que foram efetuadas inúmeras prisões ontem à noite. — E Vladas abaixou o tom da voz, como se o assunto exigisse maior cautela.

— Sim, graças ao esforço do camarada Snieckus! Dois mil trezentos e oitenta e cinco smetonistas que "entraram na linha"! Suas famílias estão aterrorizadas e sob vigilância da milícia civil. Mas a cantilena mal começou; ainda vai longe!

— Foram todos liquidados?

— Ora, por que devia? — perguntou com uma risadinha sarcástica, Moisa. — Já esqueceu que dentro da estrutura soviética o homem é de grande valor?

— Oh! Sem dúvida! — se apressou a dizer Vladas, corando ligeiramente.

— Claro! — Moisa acendeu um novo cigarro "Turmac". Aspirou a fumaça com evidente prazer e prosseguiu:

— Quem trabalhará no canal que une Volga à Moscou? Quem trabalhará nas florestas abatendo árvores, nas minas de carvão em Vorkut, na Sibéria? Pois é, camarada! — ele se ergueu. — Lugar não falta nem para dez milhões! Aqui, um punhado de lituanos. . .

— Não apenas lituanos. . .

— Sei. Tenho em mente a pequena parcela das outras nacionalidades, mas isto veremos depois. Agora quero comentar a sua declaração: 90% dos lituanos são puro aço. Somos velhos amigos e me contive para não cair na gargalhada. Acho, camarada Vladas, que você ainda não adquiriu a rigidez bolchevista necessária, agora importante, principalmente no caso. . .

— Entendo. Eliminação física?

— Você o disse! Desterraremos trinta mil; se for pouco — trezentos mil; se não bastar — a qualquer indício de descontentamento, desterraremos três milhões! Acha que não é exequível?

— Perfeitamente exequível. O país transformar-se-á num deserto. Biro-Bidjan na Europa. . .

— Outro engano seu. A Rússia é o celeiro dos povos e das Nações. Indestrutível. Seria difícil para ela, no lugar dos desterrados, mandar que habitassem os calmucos? Os quirguizes? Os bachquires? Até nomes lituanos podem ser-lhes dados.

— Lituanos? — Niunka ficou intrigado.

— E por que não? LITUÂNIA, como nome, jamais desaparecerá. Seja. Não lutamos contra nomes de países. São letras mortas. Onde estão os russos hoje? Onde estão os povos de há cem mil anos? Nem sinal deles. E os nomes? Vivem ainda. Mas, incomodam alguém? Sim, amigo, a Lituânia existirá! Como nome. O sangue dos habitantes, sua aparência, seu idioma, seu pensamento, tudo, será como nós quisermos. Duvida?

— Creio, e é assim que deve ser. Para implantar o comunismo nesta terra eu me sacrifiquei, não menos que você. Com meio caminho andado, não podemos parar. . . — Niunka sempre calmo e frio, começou a se inflamar.

Seguiu-se um instante de silêncio, após o qual, Niunka prosseguiu:

— Nós formamos a história. É difícil mudar um formigueiro para um novo lugar, novas condições, novo clima? Muito fácil. Talvez a maior parte dele cairá, desmoronará, morrerá. O formigueiro todo pode perecer se não se adaptar às novas condições. Mas, no seu lugar se formarão e crescerão outros novos, firmes, enrijecidos, equilibrados e fortes. Em terreno adubado, uma outra planta mais viçosa crescerá. Este adubo pode ser sangue, vidas humanas ou centenas de milhares de vidas. Talvez, um milhão ou milhões, pouco importa, a natureza não para de procriar, a vida é eterna. A vida de um homem pouco importa se for um obstáculo à realização dos nossos propósitos!

Atrás da parede ouviu-se um ligeiro ruído de alguém que tivesse se mexido, mas os dois degenerados nada ouviram, absortos que estavam em seus sonhos de delírio e alucinação.

Niunka continuou desenredando o fio de seus pensamentos, que partiam do cérebro, como se fosse de um carretel:

— Sobre as ruínas do Império Romano, cresceu e desenvolveu-se a Europa. Ela deu vida e força às Américas. Sobre as ruínas, que novamente se formarão, crescerá e se desenvolverá o Império Vermelho! Mundial! É possível lamentar algumas gotas de sangue lituano? Esta naçãozinha de três milhões? Se a nossa causa o exigir ,sacrificaremos mil milhões de vidas, vertendo seu sangue!

— Perfeitamente de acordo! Meu pensamento é idêntico. Vou usar a franqueza, à maneira bolchevista. Você falou dos lituanos, sendo um deles. Eu, filho de Israel. Como Nação, não somos menos antigos que vocês. Muitas vezes, injustamente, gente movida por inveja, nos acusa de ganância e apego às coisas materiais. Na história da cultura da humanidade, o papel do povo israelita foi dos mais destacados. No entanto, sem hesi-

tar, sacrificaria os meus compatriotas espalhados pelo mundo todo, ofertando o seu sangue em holocausto ao comunismo!

— As duas Nações, a sua e a minha, representam dois seixos na estrutura dos fundamentos do gigantesco edifício do novo Império Mundial.

— Se preciso for, reduziremos os ditos seixos a pó, do qual surgirá nova espécie humana, socialista!. . .

— Malucos! — comentou rindo silenciosamente atrás de uma parece, um funcionário que gostava de, todas as tardes, escondido ouvir os dois perigosos abortos do inferno — Niunka e Moisa — nas parlapatices de uma fantasia demente.

A conversa, com o tema de sua preferência, foi interrompida pelo toque do telefone.

— Sim! Pois não. . . camarada Antanas. Ambos. Tempo? Mas, sem dúvida! Para o Chefe da Defesa da Nação, sempre acharemos tempo. Importante? Tem. Naturalmente. . . sim. . . Está bém, esperaremos.

Depois de desligado o telefone, seguiu-se um instante de silêncio.

— Logo virá para cá o camarada Antanas. Em pessoa.

— Visita agradável, — as palavras como que se coaram por entre os dentes de Niunka.

— Agradável ou não, ele está preocupado com o comício de amanhã e. . .

— Que mais?

— Ele quer ver a lista da comissão das eleições. A lista está com você?

— Sim, mas incompleta. Faltam as imediações da cidade. . . Precisava de uma conversa sobre a comissão das eleições. Existem dúvidas.

Enquanto esperavam Snieckus, mantiveram silêncio, envoltos na fumaça de cigarro, as fisionomias denunciando reflexões.

— Salve, camaradas! — cumprimentou, ofegante, o mais proeminente salafrário da Lituânia, entrando.

— Salve, Antanas. Estávamos esperando. . .

— Que tal aqui? — Antanas franziu as sobrancelhas e relanceou a vista ao redor. As paredes não têm ouvidos?

— Oh, não! O andar todo está por nossa conta. É verdade, aqui devia estar um funcionário para liquidar a papelada da Comissão de Repatriamento, mas ele, há dias que não aparece. Acho que o sujeitinho deu às de vila-diogo. Não tem. . .

— Quem é ele?

— Creio que é de confiança, mas, o íntimo não se vê. . .

— Vão me perdoar, camaradas, mas, por via das dúvidas, vou dar uma olhada melhor, como precaução.

O abelhudo que estava escondido, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

Uma fechadura rangeu. Ouviu-se o barulho do arrastar de um armário. As luzes foram acesas.

Se entreolharam silenciosos.

— Vazio. Tudo em ordem, — as palavras de Antanas soaram quase como um murmúrio. Suas narinas dilatadas parece que procuravam farejar alguém oculto. Espiou pela porta que dava para o corredor. Maquinalmente abriu à porta de um grande armário. Por fim, displiscentemente, deu uma batida com a mão, nas pesadas cortinas da janela, que chegavam até o chão, atrás das quais, encolhido no canto, com a respiração presa, se achava um homem armado, pronto a atirar.

Foi o instinto de sobrevivência que salvou Antanas? O destino que preservou-o para a nafanda missão de Judas e carrasco de minha Pátria? Ou, simplesmente, teve preguiça de afastar a cortina por completo?

Dois minutos depois, o armário estava no lugar, as portas foram fechadas e os três desnaturados afundaram em macias poltronas.

— Como estamos em relação ao comício? — começou Antanas, falando bem alto.

— Tudo preparado. O comitê dos operários cumpriu a tarefa não muito satisfatoriamente, mas é tolerável. Um certo desleixo é notado nas fábricas "Metal" e "Âncora". O mais ativo demonstrou ser o camarada Labanauskas na fábrica de calçados "Bandeira Vermelha".

— E os sabotadores no "O Tecido"?

— Nomeamos um diretor imprestável. Quando era simples guarda da fábrica, parecia um bolchevista muito zeloso, agora está arrogante e não vale nada. Sabíamos que era um bêbado, mas não tomamos o fato em devida conta. Seu relaxamento é demais: como Chefe de Seções, conservou nacionalistas declarados, apesar das ordens dadas para que fossem afastados. Já faz três dias que reiteramos as ordens para despedir os elementos indesejáveis e entregar a lista dos mesmos ao Departamento de Defesa, e até agora, nada!

— Ainda esta noite fuzilaremos este relapso desmazelado! Sujo! Miolo podre! — bufou Antanas.

— Certo! Temos que dar exemplo e fazer uma advertência aos outros que tendem a se acomodar. Ontem afastei o comissário Jelov das funções que exercia na fábrica "Zefir". Ele se preocupa com a família, filhos, mas não com os trabalhos do partido.

— Jelov, aquele velho partidário que nos abrigava quando éramos perseguidos pela polícia smetonista?

— Esse mesmo. Em atenção aos trabalhos já feitos ao partido, não tomamos medidas mais drásticas.

— De acordo, falou entre dentes Antanas, — mas creio mais na eficiência de uma outra tática: livrar-se o quanto antes dos comunistas demasiado idealistas, utópicos. São os nossos piores inimigos. O comunista utópico é mais perigoso que o smetonista, nacionalista, porque é o que mais depressa se torna o mais violento reacionário. Precisamos, pelo menos no início, apoiar-nos em criminosos, até conseguir formar um Governo genuinamente proletário.

— Apoiar-nos em criminosos? E é possível reuní-los em número suficiente?- Moisa ergueu-se, atônito. Prosseguiu:

— Um fato, criminosos neste país existem poucos, o que não deixa de ser irritante. Os que são, foram vítimas de circunstâncias desfavoráveis, não podem ser considerados criminosos natos. Outro detalhe: 70% dessa gente não é lituana! Não teria importância se seus nomes não denunciassem a origem. Acha possível nomear para um cargo de destaque alguém como Makarov em Raudondvaris, um ladrão de cavalos, sobejamente conhecido pelos moradores do lugar pela "profissão" que exerce?!

— O camarada está mal informado. Em Raudondvaris ninguém conhece Makarov. Elementos como ele é o de que hoje precisamos.

— Ladrões de cavalos?

— Nem ladrões de cavalos, nem criminosos, camarada Moisa, acentuou, mordaz, Antanas, — são vítimas do injusto regime capitalista, no qual tiveram a infelicidade de nascer. Tenho de reconhecer que em matéria de delinqüentes este país não é pródigo, mas não esqueçamos de que o comunismo consegue desarraigar do indivíduo o que lhe é congênito.

— Para transformá-los em criminosos, murmurou Niunka. Mas fê-lo tão baixo,

que os outros dois, se ouviram, fingiram o contrário.

— Por outro lado, continuou Antanas, — não há motivos para nos afligirmos a respeito. As instruções do camarada Dekanozov são bem claras: estar mascarados e representando. É tarefa para pouco tempo, até que os diplomatas estrangeiros retornem aos seus respectivos países. Assim, presentemente, qualquer reacionário é admissível trabalhar conosco, se para tanto estão dispostos.

— É o que está sendo feito camarada. Breve "A Voz da Lituânia" tornar-se-á órgão oficial do partido e se chamará "A Verdade". Nas eleições à Assembléia trabalharemos acobertados pela, assim denominada, "União do Trabalho". Esta "União não existiu, não existe e jamais existirá, mas serve perfeitamente aos nossos objetivos: impôr nossos candidatos. Quem acha, camarada, que foram escolhidos para redatores de "A Verdade"?

— Vejamos, é interessante, — murmurou Antanas.

—Ei-los: o redator de o "Eco da Lituânia", órgão oficial smetonista, velho partidário, destacado, dos nacionalistas, Augustinas; o outro é figura de relevo na Associação da Juventude Fascista "A Jovem Lituânia" e redator do Jornal Fascista "A Nova Geração", Jonas.

— E esses tipos redigirão o órgão do Partido Comunista "A Verdade? — perguntou Niunka, admirado.

— Sim, redigirão. A equipe de colaboradores é formada de jornalistas e escritores, os quais redigirão "A Lituânia Legislativa" e estão organizando a Editora do Governo para a publicação de obras soviéticas.

— Reacionários e fascistas trabalhando em Departamentos Comunistas! — Niunka estava indignado. Antanas sorria de maneira fria.

— Claro, reacionários! — Moisa continuou, imperturbável — um ato de inteligência foi a instituição do concurso de Canções Revolucionárias. A adesão dos poetas ao novo Governo foi notável. Participaram 90% dos filhos da Musa, dos quais a maior parte deu o melhor da sua criação poética. A elite intelectual está toda em torno de Liudas, depois que esse poeta foi nomeado Vice-Ministro da Educação. Numa palavra, a propaganda pela imprensa está toda em nossas mãos. Por esse lado, logo folgaremos. . .

— Excelente! Infelizmente, a Defesa não segue o mesmo ritmo. É um departamento ingrato no sentido de atrair bons elementos para nele trabalhar. Até os mais fervorosos carreiristas o repelem. Em compensação, sou importunado a ponto de ficar exausto, pelos seus compatriotas, — e Antanas fez um gesto em direção à Moisa. — Dois terços do departamento está nas mãos dos judeus, principalmente na parte do julgamento e promulgação da sentença. Todos, sem excessão, são do tipo Razowski, revolucionários inflamados!

— Aparecerão lituanos, também. Não desanime, camarada Antanas. Você é mesmo é lituano e sua atuação se destaca em primeiro plano, observou Moisa.

— Eu, lituano? Está enganado, camarada! Sou mil vezes mais russo! Vocês concordarão comigo, que, Stálin é mais russo que georgiano. O que fizeram de bom, ele com Béria, à sua Pátria Geórgia? Por isso, nas horas de descanso, penso, que o que me proporcionaria maior satisfação, seria ver o país em que estamos transformado em toda a extensão do território, num vasto cemitério! Varrer todo esse refugo lituano da superfície terrestre!

— E então?

— Então, no terreno adubado com sangue plantar para sempre, uma árvore russa!

Niunka com Moisa entreolharam-se e riram.

— É um tanto singular, mas os nossos pensamentos a esse respeito coincidem. Pouco antes da sua vinda, conversávamos de modo quase idêntico. Agora a relação entre o pensamento e ação, há coincidência camarada Antanas?

— Como devo interpretar esta pergunta?

— Já faz doze dias que governamos este país sob a proteção do Exército Vermelho. É um razoável prazo de tempo, de acordo? Quais os resultados? Você mesmo, não conseguiu domar a irrisória quantidade de dois mil reacionários. Ora, desse jeito, para chegar até os três milhões, ou conseguimos prolongar a sua existência, ou deixamos a tarefa para os seus netos. . .

— Não se preocupe com a minha morosidade. É verdade, até hoje prendemos perto de três mil, dos quais a maioria foi executada ou banida. É pouco, concordo, mas por que? Primeiramente é preciso não esquecer que somos obrigados a esperar até que todos os representantes dos países estrangeiros vão embora, os quais estão fora do alcance do meu poder. A propaganda para esses asnos do exterior é um dos fatores mais importantes. Outra razão: ampliação da rede de espionagem, principalmente nas fábricas e um pouco menos nos sítios. As aldeias estão fora de questão. O que menos dificuldade oferece para arregimentação dos, assim denominados, "formadores da opinião pública", são os homens da imprensa. Parece que todos eles foram atraídos ao trabalho no estilo bolchevista-soviético; se não estão ligados diretamente à imprensa, então atuam como agentes, espiões. . .

— De fato, esse seguimento da sociedade foi o mais maleável.

— Em seguida vêm os funcionários públicos, empregados comuns e de categoria, do antigo Governo. Numa palavra, fascistas. . .

— A triste verdade é que os mais difíceis de serem atraídos para o trabalho comunista são os trabalhadores e a gente simples da população, se não contarmos com um punhado de débeis mentais e alguns anarquistas.

— E por que? — se interessou Niunka.

— Não é difícil de explicar: os trabalhadores, o povo, esperam conseguir melhores condições de vida, as quais nós só podemos agravar. Outra coisa: eles querem ver enforcados todos os partidários do antigo regime, enquanto nós os colocamos em postos de responsabilidade, tanto do Governo como do partido, fascistas e nazistas. Mais ainda: as massas sempre insensatas creêm na nossa propaganda, que tudo que apregoamos será em breve realidade, o que é o maior absurdo! Lógico, vem a desilusão e a massa de operários vira contra nós. O que resta, a exemplo do que sucedeu na Rússia, é eliminá-los pela fome ou então por outros meios.

— E pensa que algo semelhante terá que acontecer aqui na Lituânia?

— Sim, é inevitável! A reação mais rápida e violenta virá do proletariado! Quando ocorrer, haverá a exterminação em massa. . .

— Naturalmente depois das eleições à Assembléia. . .

— De fato. Primeiro virão as eleições e o pedido de anexação à União Soviética. A Assembléia cumprirá as formalidades, pois será só de nome, e então, falaremos livremente. . .

— Ah! Niunka tossiu levemente.

— Bem, camarada Niunka, quero dar uma olhada na lista da comissão das eleições. Estou interessado em saber por quem é formada.

— Quase todos os chefes de distritos eleitorais são mestre-escolas do local; alguns cooperativistas; menos, alguns populares mais enérgicos, habitantes mais em evidência no local.

– E os sitiantes ricos nas aldeias?

– Com esses, nada feito. São cabeças duras!

– Amolecerão! Conheço bem o sitiante lituano e sua psicologia. Será preciso dobrá-los, eliminá-los, varrê-los da terra, assim mesmo não sei se cederão.

"Filho de ricaços retratando os ascendentes", pensou Niunka contraindo a boca como que receiando que o pensamento escapasse em palavras de viva voz.

Antanas rapidamente folheava os papéis e, de vez em quando, anotava alguns nomes numa caderneta. Os outros dois acompanhavam o movimento dos dedos dele e estremeceram um pouco, quando, depois de meia hora, Antanas ergueu a cabeça.

– Pronto! Faremos algumas substituições, porque trinta e dois deles serão presos, ainda esta noite. Alguns dos que anotei terei que consultar as fichas no departamento, ainda tenho dúvidas. Agora, irei embora porque amanhã temos muito trabalho e eu tenho que providenciar a nomeação de trezentos agentes, que estarão atentos ao comportamento do povo nas eleições. Prevejo, para amanhã à noite, uma grande caça aos cães smetonistas, que pode se prolongar madrugada afora.

– Bom divertimento! – desejou Moisa.

– Não se aflijam, camaradas, se a revolução na Lituânia se fez sem derramamento de sangue. Paciência! Ainda teremos rios de sangue, lagos. . . Mas, não o sangue dos filhos do povo soviético!

Em Vilnius, Kaunas, Siauliai, Panevezis e outras cidades, como nos seus arredores, começarão a desaparecer de duzentos a trezentos inimigos da nossa política por noite; é satisfatório, – em breve, enfiaremos todo o país no espeto!. . .

O telefone tocou.

– É para o camarada Niunka.

Mal ouviu a aguda e estridente voz falando em russo, o feroz rosto de Niunka, se alterou pelo sorriso que lhe aflorou. Durante o telefonema só pronunciou duas palavras com variadas entoações: da, da e paniatna. Quando terminou, enxugou a testa que tinha se coberto de suor, e se sacudiu todo.

– Camarada Dekanozov irá amanhã cedo à Moscou. Tenho que ir buscar correndo as Instruções Especiais das Eleições à Assembléia. . .

– Mas ele devia ficar esperando até à véspera das eleições? – perguntou Antanas, admirado.

– Voltará dentro de poucos dias. Até a vista, camarada! Sou esperado. . .

– E assim faremos girar a roda da História. – disse Antanas bocejando.

Moisa fechava as gavetas cuidadosamente.

V

NA PRAÇA PETRAS VILEISIS

Multidões de escravos chegaram

Os carrascos da Pátria adoraram

Antanas, com efeito, iniciou a caçada humana noturna. Uma vez presas as pessoas desapareciam. Eram inúteis as diligências dos familiares ou amigos na obtenção de notícias do preso. Os que se obstinavam e procuravam recorrer à justiça, não poucas vezes, não mais voltavam ao lar. . .

Era a implantação do terror, a maldição da suspeita, da incerteza, que tanto mais se faziam sentir se confrontados com a vida calma e despreocupada que era até então levada.

A marca rubra da escravidão se fazia mais nítida depois de duas semanas de ocupação.

Vários partidários de diversas correntes políticas começaram a ficar apreensivos com o constante e crescente desaparecimento de importantes personalidades do Governo, antigos Ministros, Vice-Ministros, Diretores e Chefes. Começaram a perceber que o Moloc Vermelho, na falta de "smetonistas", iria à cata de vítimas para o sacrifício humano, entre democratas filiados a partidos de nomes diferentes, mas semelhantes, do ponto de vista da liberdade política.

O povo andava tão aterrorizado, que o convívio social praticamente cessou, todos se mostravam taciturnos e arredios.

Depois das quatorze horas começou a marcha dos trabalhadores das fábricas, dos funcionários públicos, dos empregados de diversos Departamentos do Governo e dos soldados da guarnição.

Por sobre as cabeças ondulavam retratos gigantes entremeados de trapos vermelhos (bandeiras dos "libertadores"). Nas ruas de Kaunas pela primeira vez apareceram em profusão os voroshilovs, stálins, lénines, marxs, engels, berias e koganovitchs retratados em tamanho gigante. Ao lado vinham algumas figuras do lixo caseiro — os paleckis, gedvilas, cvikas e outros que representavam o aviltamento e a vergonha da Nação.

A Lituânia reverencia seus próprios escravizadores!

A Lituânia idolatra seus próprios carrascos! Agradece a traição personificada nas pessoas de Antanas e Moisa!

A Lituânia se degrada e se crucifica com suas próprias mãos!

O espetáculo que é dado presenciar é inacreditável!

A Praça Petras Vileisis, pela primeira vez na sua história vê um enorme ajuntamento do povo. Os oitenta mil e poucos habitantes de Kaunas, "livre e voluntariamente" compareceram ao comício, prestigiando-o com "júbilo".

Tentariam eles não comparecer sentindo a ponta da baioneta nas costas segura por um mongol? Tentassem eles não cantar as músicas revolucionárias, cujas letras o Camarada lituano com um grupo de auxiliares andou traduzindo noite e dia, enquanto outros camaradas, músicos, rapidamente adaptavam a melodia!. . .

Para uma invulgar multidão, invulgares as canções: "Katiusha", "Se a guerra estourar amanhã" e outras "jóias" russo-soviéticas. Breve surgirão encaixadas algumas canções locais com arranjos e adaptações. Na ocasião se ouviram algumas estrofes de "Com Stálin rumo ao Sol", "Bandeira Vermelha" e "O Cigano".

Centenas de agentes de Antanas estão infiltrados na multidão, estão atentos a qualquer conversa. Que alguém experimente espirrar sem que um agente o perceba. Que alguém tente uma risadinha de mofa quando o Comissário Paleckis brandindo o punho discursava, com mangas da camisa vermelha arregaçadas; com aparência de um insignificante guarda-livros berrava ao alto-falante, com respingos de saliva e ferindo os tímpanos dos ouvidos a ponto de ensurdecê-los.

Quem ousaria não aplaudir, o "Camarada Presidente" Paleckis que com evidente esforço gritava: ". . .precisamos pedir um Governo do povo para que a Lituânia seja in-

corporada à família das Repúblicas Soviéticas!. . ."

Nada de deixar a Nação recobrar a consciência! Os ferreiros bolchevistas batem o ferro, enquanto está quente! Batem com fúria e presteza! Como seria duro o trabalho se não tivessem alguns lituanos para ajudar!

E a pergunta surge na mente de não poucos:

"Que fariam os russos sem os lituanos paleckis, gedvilas, glusauskas, cvirkas, snieckus e um milhar de traidores colaboradores voluntários e entusiastas? "

Qual o "Governo" que seria formado? Quais os "Presidentes" e "Ministros" que seriam nomeados por Pozdniakov e Dekanozov se os lituanos os tivessem recebido como Herkus Mantas, com a bravura do tempo de Duque Margis, com amor à Pátria e espírito de luta?

Uma porção de caviar russo na concha, um pouco de vodka no copo destes traidores e a lituanidade é esmagada! Quanta satisfação para escravizador, ver os lituanos traidores eliminando seus compatriotas! Às nossas costas os dirigentes riam como possessos, assistindo o drama do aniquilamento físico e espiritual do povo lituano.

As canções russas continuam, principalmente perto da tribuna enfeitada de trapos vermelhos e à qual, a cada instante, sobem como ao cadafalso, à guilhotina, os futuros chefes do proletariado da Lituânia, os atuais e os futuros carrascos da Pátria. . .

Surgiam os primeiros sinais da recuperação da consciência.

Um dia antes a imprensa oficial negou, em grandes manchetes, a incorporação da Lituânia, a sua condição de futura província da União Soviética. A Lituânia teria um Governo nos moldes soviéticos, mas seria independente! O Exército Vermelho estava ali com uma finalidade: defendê-la do inimigo externo! Tal noticiário visava acabar com certos boatos!

Alguns dos políticos mais ingênuos aceitaram como verdadeira a notícia falsa que lhes impingiram. Um outro se gabava:

— Não disse que era inútil se insurgir contra os soviéticos? — Eles não pretendem acabar com a independência da Lituânia. Se tivéssemos resistido, seria pior, a independência, nunca mais! Certo, temos algumas vítimas, uma ou outra centena, mas, quantas não seriam se nos opuséssemos? No nosso caso é bom o que bem termina.

Julgamentos apressados sempre enganam.

No comício, pelo tema dos discursos e pela aceitação "unânime" dos seus principais tópicos, mesmo às almas mais timoratas tornou-se patente que viviam dias históricos, festejando, com seu comparecimento o aniquilamento da Lituânia.

Vergonha, impaciência, inquietação e temor se fizeram sentir, os rostos dos assistentes se acinzentaram e se cobriram de suor.

Implacáveis, os altos-falantes transmitiam as vozes cada vez mais estridentes. A onda oratória dos servos do usurpador não cessa, o coração endurece. Dos traidores e vendilhões, nem sombra do rubor da vergonha.

O comício é transmitido pelo rádio à toda Lituânia. No estrangeiro também ouvem; ficam admirados, fazem conjecturas:

"Como é possível que a Lituânia tornou-se tão depressa veneradora do credo vermelho? Esta Nação tão quieta, terra de lavradores cultos, aceita de repente com entusiasmo os invasores se atirando como bárbaros obscuros às garras dos salteadores de Moscou? "

O mundo não compreendeu, como não compreende hoje trinta e cinco anos depois. É difícil entender como os traidores conterrâneos amarraram a pedra verme-

lha da escravidão ao pescoço dos demais e os atiraram de ponta-cabeça aos canais, derramando o sangue dos inocentes.

Nós, os que estamos no Ocidente, trememos e silenciamos: não podemos mexer nos que vivem no exterior, porque alguns estão "libertando" a Pátria traída e conspurcada; outros atolados com problemas materiais; terceiros apregoando "brilhantes realizações" em prol da Pátria e seguros de honra, aguardam o Além. . .

A quem, pois, pode dirigir a dolorosa palavra da justiça? Aos mortos, que os antigos romanos tanto respeitavam e que não permitiam referências injuriosas? Vejamos Ao término do primeiro tomo da denúncia, Kreve expirou. Em sua memória seus admiradores estão projetando erguer estátuas e monumentos, enquanto eu penso se devo arrancar algumas páginas, qual fuhrer da Enciclopédia Lituana. Reflito, o que está escrito fica escrito. Trânsfuga sempre, vivo ou morto! Pior para à Nação se ele foi talentoso e genial. Lembremos as palavras do Consul Polisaitis: "Se incluírem o nome de Kreve no Livro de Ouro, não esqueçam, no mesmo lugar de honra, mencionar o nome do camarada Paleckis.

Sol abrasador em pleno verão. O vento inutilmente tenta dispersar a aglomeração de sombrias nuvens no céu que avançavam do oeste. Ao entardecer desaba um aguaceiro torrencial. Os retratos gigantescos dos "heróis da Revolução" que às pressas foram pintados por artistas lituanos em papel, uma vez molhados começaram a ficar desfigurados, contorcidos, horríveis. A própria natureza mostrou o que aguarda uma Nação que em vez do culto à nacionalidade prefere os monstruosos ídolos alienígenas!

A multidão timidamente se desfaz à procura de abrigos. A praça vai se esvaziando aos poucos. Os que vieram organizados têm maior dificuldade de escapulir: guardas e agentes zelam pela ordem.

Ouviram até a saturação, as sandices; aplaudiram e aclamaram além do suportável em honra à União Soviética; aceitaram por "unanimidade" todas as proposições à maneira soviética: estimularam a vontade do povo trabalhador em oportuna e espontânea manifestação, que voltou às fábricas novamente, estrugindo cantos russos. Somente a essa altura dos acontecimentos os camaradas comissários tiveram a permissão de se dispersarem, para irem às suas casas.

Ainda hoje me lembro: vejo-os como se estivessem diante dos meus olhos, ostentando horríveis e ferozes sorrisos. O lituano ainda desconhecia as lágrimas ou o desejo de vingança. A liberdade em seu decurso desacostumou-o das lágrimas e o destemor para a luta não se desenvolveu. Com o tempo cresceu a inquebrantável fibra guerreira! Ela se formou e se fortaleceu à sombra do terror reinante. Naquele momento, somente se via, em todos os rostos, a dúvida e nojo, um traço de esperança, a apatia e o cansaço. . .

Internacional Comunista, a nova "oração" encerrou o comício. Colunas se formaram entoando as estrofes, enunciando uma verdade:

"À frente, escravos oprimidos!
Multidões famintas, à frente!. . ."

VI

AS ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLÉIA SOVIÉTICA

O aviso do Comissário
Repercutiu pelos campos:

— Quem é vivo, pode andar
Para a Assembléia e deve votar!...

Do iníció da ocupação até dia 21 de julho, transcorreu um mês. O ocupante se apressa.

Não deixa a Nação se recuperar, não deixa recobrar o fôlego. O escravizador sabe: os responsáveis pela desgraça do país, o refugo da Nação, os que sem um tiro entregaram a própria Pátria ao monstruoso tirano, uma parte fugiu para países estrangeiros, qual ratos que abandonam o navio que afunda; a outra, o usurpador se encarregou de pescar. . .

Para alguns, morte rápida e silenciosa, outros aguardam na prisão o tiro de misericórdia, outros extremados deportados para a distante Sibéria. . .

Uma boa parcela se insinuou perante o invasor e obteve a graça de limpar-lhes, prostada, as botas. Com esses o usurpador não se preocupou, estavam sempre diante dos olhos. Para exterminá-los não havia pressa. Somente, uma pequena minoria conseguiu se ocultar, se disfarçar e aguardar o inevitável destino: prisão, tortura e. . . um tiro na nuca. Estes também aturdidos de medo não ergueriam um dedo contra o ocupante.

Então porque o escravizador procura tão depressa "legalizar" o produto da sua rapinagem? Por que se esforça ao máximo em explorar o que a propaganda postulou e o terror imprimiu na conduta do povo?

O inimigo pressente a psicologia da Nação lituana Se hoje está silenciosa, desorientada e confusa, amanhã pode não estar mais e recuperar-se; então à frente da Nação se postarão os genuínos líderes da Pátria, uma Pátria combatente e destemida! Na vanguarda surgirão inigualáveis guerreiros na luta, no sacrifício, na coragem, no heroísmo, a exemplo de Jasiunskas, Kurpe, Stanevicius, Prapuolenas e centenas como eles, heróis que deram seu sangue pela Pátria.

Como conseqüência da ameaça do genocídio, começaram a transparecer formas de aspecto sombrio prenunciando tempestade, da qual surgiriam os novos Margis, Padre Mackevicius, que em holocausto à Pátria sacrificarão as suas vidas, darão todo o seu gênio, destemor, arrojo e abnegação, fatores decisivos que farão pender a balança do embuste e terror do usurpador.

É por isso que os bolchevistas, febris, se apressam. Seus receios têm fundamentos.

Mil, dez mil daqueles que hoje inflamados de lituanidade trabalham para o ocupante, depois de um semestre, um ano, acordarão se regenerarão, passarão a trabalhar enojados, com o desejo de vingança sufocado dentro do coração e, de um modo geral, abandonarão o seu posto sangrento e irão à luta subterrânea.

Um problema para o usurpador: quem nomear para a assembléia do povo? Digo: nomear, porque eleger os legítimos representantes não é possível!

O país desconhece o lançamento das candidaturas e o regulamento das eleições. O Governo por meio de seus agentes proclamava a relação dos candidatos, e, se queriam votar, muito bem, se não, o resultado não alterava! O ocupante, ainda na véspera das eleições, preparava a revelação ao mundo de que 99% da população votou e, certamente, foram eleitos todos os candidatos!

O problema portanto se resumia nisto: nomear, quem? Quais os indivíduos que deviam ser reunidos na, assim denominada, assembléia do povo? É preciso que eles, sem condições, sem hesitações e sem dúvida traiam a própria Pátria e não temam a vergonha e opróbio.

Seria possível reuní-los pelo terror, com auxílio da baioneta, mas a preferência bolchevista é que eles executem a sua tarefa sem constrangimento, sem que se sintam forçados, à vontade, no papel mais vil e sujo da história de provações da minha terra. . .

Para tal espécie de trabalho, os ladrões de cavalos não são os mais indicados; são precisos traidores e patifes fora do comum.

Não é possível colher da sarjeta alguns miseráveis, arrancar de algum canto sórdido uns quantos mendigos e com eles formar uma assembleia do povo! Nomeá-los representantes da vontade do povo! Não! Não ficava bem para a opinião pública mundial e, mesmo, para a interna.

Devem ser personalidades de renome! Com títulos!. . . Têm de ser notáveis, famosos! Os que pelo seu talento, seu trabalho ou qualquer extraordinária habilidade conseguiram a consagração pública e o respeito da Pátria.

Será que aparecerão pessoas tão abjetas na minha Pátria? O que aconteceria, se uma vez anunciada a relação dos candidatos para a assembléia do povo bolchevista, os mesmos, solidários, fossem à floresta onde achariam lugar como aconteceu aos guerrilheiros mais tarde, onde estes últimos escaparam à feroz caçada do invasor durante dez anos?

Os escravizadores, claro, fariam uma nova relação, na qual constariam "os melhores entre os melhores" Porém, estes, deverão ser guardados e vigiados por força de armas. Neste caso, como mostrar aos correspondentes estrangeiros a sua "espontaneidade"? E se, por ventura, eles preferissem a cadeia à traição à Pátria?

Talvez o usurpador não queira mais tentar se encobrir com astúcia, mentira e logro. Talvez, indiferente à opinião pública em geral, simplesmente anexaria a Lituânia à União Soviética. Talvez acharia mil pretextos para "legalizar" a incorporação.

Que grande vitória moral teríamos perante nós mesmos e perante o mundo! A elite intelectual com seu exemplo, sua coragem e seu heroísmo, teria acesso à chama do patriotismo, despertando a reação do país.

Os filhos da mesma Nação deviam salvar os seus, defender, proteger e nunca, denunciar, trair, matar!. . .

É lamentável, doloroso, a Nação não está preparada para o infortúnio. Ainda no primeiro ano escolar, lembro, com que disposição de ânimo enfrentamos os trágicos acontecimentos.

O propalado amor à Pátria, qual trapo puído, servia de escudo para encobrir lucrativas negociatas individuais.

Os narcóticos, de efeitos favoráveis aos russos, envenenavam o espírito lituano, procurando destruí-lo. Nessa inversão de valores, os que zombavam de tudo que era genuinamente lituano, destacavam-se os laureados do país!

Não é ironia? O vulcão estava prestes a entrar em erupção e com lavas vermelhas cobrir a Lituânia, enquanto os que tanto influíam na opinião e conduta do povo, olhavam o espetáculo com evidente prazer, esperavam ansiosos o vomitar do fogo. Sem procurar disfarçar, às escâncaras, aguardavam um entendimento político e ideológico com elementos inimigos. Gira, na imprensa, se referiu á "auspiciosa transação".

A União Soviética tornou-se um símbolo, um Alfa-Ômega, para todos os intelectuais de tendências esquerdistas.

Assim, eram tidos em alta conta os autores de obras como "Mestre e seus filhos", "Irmãos Domeika", etc. Tínhamos que tomar o veneno que eles destilavam como se fosse um elixir regenerador, aceitar como se fossem pérolas de cultura.

Tínhamos que aceitar "O domesticador da cegonha", que retratando tipos lituanos, insinuava uma ignóbil política. O "tamanco" de Teófilas, Henrikas, era considerado semi-oficialmente o que melhor retratava os costumes e as tendências da coletividade. Cegos à verdade, não reconhecíamos que durante anos seguidos ele foi o veneno mais letal ao patriotismo. Ninguém como ele para conspurcar nas águas sujas da sátira! Semanalmente ele poluia com a sua pestilência a tertúlia dos homens de letras, mas

era apreciado e considerado como o consolidador do lituanismo.

O diário "Tempo", órgão de imprensa de Herikas, Donatas Rodas e Justinas Paleckis, era, sem dúvida, de tendência bolchevista.

Para atingir com mais profundidade a mente, paralizando suas atividades, o Presidente da Associação dos Escritores Lituanos surgiu com "Novidades Literárias", periódico de inspiração comunista. Durante anos seguidos esse tipo foi amparado pelo Ministério da Educação e é inacreditável que tal fato passasse despercebido, até pelo Departamento do Trabalho Social. . .

Não é de surpreender que nos posteriores acontecimentos, o critério do Patriotismo tivesse sofrido modificação – autêntico patriota, tornou-se sinônimo de desprezo e mofa. . .

Se alguém falava de amor à Pátria, atribuíam tal linguagem a certos interesses, salário, dinheiro!

Digo, se os bolchevistas lhe pagam salário, recebe dinheiro deles – forçosamente você é patriota bolchevisado. Lógico!

Os bolchevistas eram espertos: no princípio não poupavam rublos, como mais tarde não pouparam tiros e cadeia. Se não faltam rublos, temos ainda, não apenas que ouvir música, mas também dançar conforme ela.

E ouvíamos e dançávamos à vontade!

Depois – no reverso da medalha, quantos se declararam uns "coitados" e "inexperientes":

– Fomos forçados! Fomos ameaçados!

– A mim queriam desterrar!

– Escapei por pouco do desterro!. . .

– Eu defendia o lar, a vida dos filhos. . .

– Eu queria salvar as minhas economias, minha casinha, meu barracão, cabana. . .

. . .E assim foram todos "espoliados", "forçados", "logrados".

São, apenas palavras.

Farisaísmo!

Os acontecimentos provaram, houve milhares que não colaboraram e não trabalharam para o usurpador! E não houve força no mundo que os fizesse trair a Pátria e seus compatriotas.

O inimigo dedicou especial atenção à realização das eleições para a assembléia. Todas as profissões, a Nação em suas múltiplas formas de atividades, deviam ser representada na assembléia.

Na relação dos candidatos figuram ferreiros, tecelões, sitiantes, lavradores, pintores, atores, escritores, funcionários do Governo, jornalistas, etc.

"Os melhores entre os melhores", de todas as profissões!

Existe, por acaso, quem não conheça o Prefeito de Kaunas. Alguém dirá que se trata de péssima pessoa? Qual nada é lituano digno! E que tal Kripas? O diretor artístico Romualdas? Podemos mencionar o agrônomo Pranas, o incomparável ator Henrikas, a escritora Stase, de Palanga e dezenas, ou melhor, centenas a eles equiparáveis. . .

Quem ousaria afirmar que eles foram traidores, degenerados inimigos da Pátria?

Stase, já referida, juntamente com seu marido, Dr. Liudas, foram ativos combatentes contra a ocupação da Rússia tzarista.

Antecipemos um pouco os acontecimentos e vejamos como ela se justificou em 1942 quando surgiu em cena o segundo invasor:

– Fui forçada por meio de ameaças a apresentar a minha candidatura à Assembléia do Povo. Pouco importando se eu queria ou não Fui simplesmente nomeada sem

prévia consulta, para que com minha assinatura e minha oratória aderisse à legalização da tirania bolchevista.

São apenas palavras, simples medida para salvar a pele, uma forma de agradar ao novo usurpador é estar em paz com o novo regime.

Não creio na sinceridade dessas palavras!

Tampouco devem acreditar os que tiveram a oportunidade de ouví-la naquela tarde, no comício pró-eleições.

Na ocasião ela agradeceu pela honra com que a distinguiram e pela confiança do povo. Pediu para que todos votassem. Procurou convencer que a assembléia do povo bolchevista iria realmente representar a Nação. A Assembléia iria salvar a nossa terra do obscurantismo religioso. A assembléia seria a expressão livre e justa da vontade de toda a população.

Seu discurso, ao qual, para maior ênfase, contribuiu o seu talento literário, foi de exaltação ao invasor e inúmeras vezes, levada pelo entusiasmo, brandiu o punho no ar.

De maneira semelhante lembramos que possuído de um furor oracional, explodia em palavras o camarada Liudas. Ao seu lado cochichava o camarada Presidente Paleckis. Antanas, que procurava persuadir com frieza científica; Mecys, Presidente do Conselho dos Comissários do Povo que uivava feito lobo; também o Chefe do Exército "popularizado"; Pakarklis, Comissário da Justiça e outros. Meras figuras, bonecos de cera, que com a maior facilidade foram moldados pelo Vice-Ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Georgi Dekanozov e o adjunto N.G. Pozdniakov.

Como deve a Nação encarar o fato, se à testa do Governo se acha o louvado clássico Professor Kreve? Que fazer se o Ministro da Lituânia independente, a maior autoridade em finanças, Professor Ernetas, se torna Ministro soviético? Pode um operário, mesmo um escriturário, ter a mente completamente lúcida e considerar-se um soldado virtual, se os próprios generais envergando o uniforme soviético elogiam o papa-nações como um realejo acionado pela manivela?

É admissível que todos, os que citamos e os que omitimos, tenham sido forçados pelo inimigo na ação e nas palavras? É admissível que todos os representantes da Nação não passassem de marionetes que se venderam por lhes agradar a condição de lacáios, a qual julgavam mais edificante que a posição de ajoelhados? Se foi esse o objetivo, eles então foram muito hábeis e souberam cumprir o seu dever durante os trágicos dias.

Reflitamos, a que conclusão devemos chegar?

Não há o que duvidar, o Calvário da minha Pátria, ainda não terminado, o atesta, a Lituânia teve seus Judas e o Tribunal da História terá que julgá-los pelo nefando papel.

Se na história da Lituânia não há exemplo de um crime que em seu horror se iguale, então o veredicto não pode admitir atenuantes, a penalidade deve ser aplicada em seu rigor máximo!

É inútil amenizar a questão com o ditado romano: sobre os mortos, falar bem ou nada. A culpa não é menor só porque o acusado, ou melhor, o culpado já não existe entre os vivos.

Quem se refere hoje de maneira amável aos mortos como Gengis Khan, Átila, Nero, Stálin, Lénine, Trotzky? Ninguém!

Pode-se alegar que tal atitude não é de inspiração cristã. Muito bem. É cristã a maneira como a "escrupulosa" imprensa da Lituânia ocupada, pastora de almas, "Homenagea" a pessoa do falecido Antanas Smetona? Quão "cristãmente" a mesma imprensa "respeita" o morto Dr. Gabris?

Ambos tinham a sua fé, ambos amaram a Pátria da maneira que entenderam. Ambos não desejavam mal à Pátria, se bem que fizeram alguns erros, porque eram humanos. Hoje, faz anos que ambos dormem o sono eterno e, no entanto, seus atos, seus erros que de alguma forma afetaram os destinos da Lituânia, são analisados, julgados, criticados pelos que se intitulam democratas. . .

Por isso conclamo os que se distinguiram pela bravura durante os trágicos acontecimentos para o severo tribunal da História. Julgo-me no inquestionável direito de assim proceder como qualquer lituano que sabe julgar com imparcialidade. Talves eu seja um dos mais obscuros filhos da Lituânia, seja! Procurem no entanto avaliar o amor pela Pátria arrancando o meu coração, pesando-o na balança do patriotismo! Demonstrem que amam mais que eu a gloriosa terra dos antepassados! Provem que o meu amor e o meu tormento é menos profundo que o vosso! Conseguido isso, silenciarão o meu brado de justiça, as acusações do meu coração dilacerado!

"Ainda não é tempo!"

"Sem dúvida, agora não é oportuno!" — são os gritos que se repetem em todas as ocasiões, tempo e lugar.

"Que os julguem e condenem os futuros historiadores!"

A esses eu respondo:

"Meus senhores, minha saúde é um tanto precária e eu não posso me arriscar aguardando o dia que acharão propício para o julgamento dos traidores da Pátria e seus cúmplices. Meu dia é hoje, nem um dia mais, somente hoje!"

"É tempo de atirar às faces desses canalhas, seus trabalhos e méritos, qual uma luva de ferro! Não sentirei vergonha se o mundo souber que existe um punhado de patifes lituanos, traidores e trânsfugas. Todo país tem seus quislings e seus santos. Muitos países não hesitaram em por o laço da forca aos traidores, apesar de um passado de realizações patrióticas. Não é concebível que nós coloquemos no pedestal os que aderiram ao inimigo, apunhalaram a Pátria e veneraram os carrascos da terra natal. Muitos deles estão exilados e chamamo-los de gênios, entregamos às suas mãos o nosso patrimônio cultural e, na maioria das vezes, o trabalho da libertação da Pátria!"

"Não! Não é possível ocultar, o mundo tem de saber, tem de ser esclarecido sobre a verdade, por que motivo a heróica e digna Lituânia, qual um vitelo, graciosamente, de livre vontade enfiou a cabeça debaixo do machado do carrasco"!

"O mundo tem de saber como elegemos a tida assembléia do povo, como "entusiasticamente" nos unimos à União Soviética e como, com nossas próprias mãos, colocamos a canga da escravidão vermelha".

O partido de fachada formado por Zimanas e Niunka — União do Trabalho Lituano — que depois das eleições se extinguiu, conseguiu reunir o número necessário de candidatos e, sob a bênção de Dekanozov, apresentaram a plataforma eleitoral. . .

As paredes, as cêrcas e os postes se ornamentaram de retratos dos candidatos. Dava a impressão que fitando com insistência eles o vigiavam de todos os cantos, bancas de jornais, fendas dos muros, sorrindo irônicos de nos verem encurralados. Qual maldição, aquele sorriso diabólico nos perseguia; a Nação toda não podia evitar de ter diante dos olhos a cada instante aquelas fisionomias contraídas!

Qual aparição, surgiam nas páginas dos jornais! O rádio zumbia incessantemente, com seus discursos! Nas esquinas e praças trovejavam os alto-falantes bombardeando os seus ouvidos! A tudo isso se juntavam os propagandistas, que falavam das suas realiza-

ções, seus talentos, suas qualidades, às quais procuravam dar o melhor colorido possível!

Berravam, rosnavam, zurravam, sibilavam os agitadores da agência "Agitpropas", formada especialmente para esse fim, dirigida pelo pintor Stepas, Henrikas, Tilvytis, Cvirka, Marcinkevicius, Dovydaitis. Haviam outros de menor importância, tal qual na escala zoológica. . .

É impossível fugir deles! A gritaria era tanta que se refletia nos sonhos e a gente os via de punhos erguidos, espumando pela boca e uivando ensurdecendo-nos: — Eu sou o melhor, incomparável, perfeito!. . . Vote em mim, se não já sabe!. . .

A tranqüila Lituânia ensurdeceu com essa barulheira infernal. Desfaleceu de asco, vergonha e abalo.

Os agentes de Snieckus-Guzevicius, aos milhares, perseguiam o atordoado lituano e lhes sopravam aos ouvidos:

"Tento não votar, deixarás de receber o passe marcado e daí podes dizer adeus à liberdade! Morrerás! Apodrecerás na cadeia! Quem não votar, será considerado inimigo do povo! Os inimigos do povo, sabemos como "amansar"!

Diríamos uma grande mentira se afirmássemos que os lituanos não votaram. Votaram sim, como nunca! Votaram porque tinham medo, votaram para não serem indiciados, votaram porque amavam a vida e votaram sobretudo por causa do maldito passe marcado. . .

De acordo com o pintor Vladas e o diretor artístico do Teatro Estadual, a propaganda deles foi tão eficiente que na zona eleitoral deles só os mortos não votaram! Algo semelhante ocorreu em toda a Lituânia. É verdade que grande número de votantes sentindo o espicaçar da consciência ou por desabafo ao ódio reprimido, puseram no envelope, não a cédula com o nome do candidato, mas a caricatura de Melchioras Putelé, então muito em voga. Vários eleitores escreveram uma série de vitupérios, alguns, frases patéticas. Muitas mulheres deixaram a marca das lágrimas dentro do envelope. . .

Para os que apuravam os votos, nada disso tinha importância. Não se tratava de um plebiscito e eram destituídos de qualquer curiosidade sobre o pensamento do povo nas eleições. . .

Interroguemos as pessoas, que se contam aos milhares, que conhecem a forma de vida na União Soviética: alguma vez aconteceu o fato do Governo (partido) perder as eleições e seus candidatos deixarem de ser eleitos?! Nunca! Se você foi escolhido para candidato, sua vitória está assegurada com 113%!

Na ocasião desconhecíamos o fato. Não estando familiarizados com a "democracia" soviética, enfiávamos no envelope em vez da cédula, qualquer papelucho e ficávamos sentindo uma satisfação íntima. Antegozávamos a surpresa do apurador e a decepção do candidato, pensando que sem o voto, o candidato se sentiria como o caçador sem arma e sem cachorro.

A surpresa quem teve fomos nós com o resultado das eleições! Havia motivos para tal, pois a "assembléia do povo" foi escolhida com 95,51% dos votos, quando na realidade tínhamos certeza de que não podia exceder uns 15%!

Personagens da tragi-comédia, ainda alimentávamos ilusões de ética e justiça. Escapava à nossa compreensão e um certo sentido intuitivo, que na Rússia soviética, acima da justiça e ética paira a suprema vontade do Partido! Qualquer manifesto que de lá surgisse, por mais absurdo que fosse, se colocava acima da lei!

Dia 21 de julho de 1940, no Teatro Estadual de Kaunas reuniu-se a Assembléia do Povo da Lituânia para a primeira sessão solene. Por que teatro? Por se tratar de uma paródia e ali ser o lugar mais apropriado?

Reuniram-se os atores escolhidos por Dekanozov e sob sua orientação artística, representaram o último ato da tragi-comédia dos funerais da Independência.

Reuniram-se os voluntários arqui-judas para com suas assinaturas confirmar a legalidade do ato de rapinagem do invasor, tornando-o lei.

Se durante o mês de ocupação o cidadão mais obtuso notou os objetivos e os sinistros planos dos bolchevistas em relação aos interesses e o futuro do país, é realmente esquisito, para não dizer asqueroso, que os "nobres intelectuais", Deputados da Assembléia, sem pejo, sujassem as mãos no trabalho mais baixo e vil. . .

A Assembléia proclamou a Lituânia como a R.F.S.L.! (República Federativa Socialista da Lituânia). Proclamou também, na ocasião, a introdução da Constituição de Stálin.

O Presidente da Associação de Escritores e Vice-Ministro da Educação, o poeta Liudas, agitando a sua barbicha de bode, devido ao movimento incessante da cabeça, leu durante a sessão, especialmente composta para a ocasião e aprovada por Moscou, a "ode" entitulada "O Sol da Constituição de Stálin'. Durante meia hora, numa monotonia irritante, exaltou o "bigodudo sol" de Moscou, enquanto o restante dos Deputados, aproveitando a menor pausa, aplaudia delirantemente.

Depois de tão "brilhante apresentação", a Assembléia, por unanimidade, aprovou a Constituição de Stálin e escolheu uma delegação para ir à Moscou a fim de implorar a anexação definitiva da Lituânia à União Soviética.

À Moscou irá o "Presidente" Paleckis em pessoa, com um numeroso grupo. Irá junto a laureada com o maior prêmio estadual, a poetisa Salomeja Neris, mas não de mãos abanando. Ela levará junto, assim afirmou a imprensa na época, a sua obra prima, uma pérola de criação artística, o poema ao camarada Stálin. Com essa obra ela conquistou o reconhecimento do Kremlin e o prêmio com o nome do ditador da Rússia!

Vamos admitir, como hipótese, que os camaradas Kreve, Galvanauskas, Mickys, Dovydenas, Glusauskas, Kacinskas foram forçados pelo terror a aderir ao inimigo. Poderemos fazer o mesmo em relação à poetisa, admitir que ela foi forçada a compor um hino ao carrasco da Pátria, levar a "prece" à Moscou, para que o Grande Canibal tivesse o ensejo de ouvir dos próprios lábios da autora.

Alguém pode negar que o crime dessa senhora atingiu tal grau que só resta riscar seu nome para sempre da literatura e história da Nação lituana?

Os outros trânsfugas, nem que fosse por uma mínima fração de tempo, demonstraram que eram vítimas da ameaça e do terror! Sempre sorridentes compareceram aos funerais da Lituânia e com sua presença contribuíram para sancionar o crime do assassino da Nação e, com esse ato, tornaram-se seus colaboradores! Enterraram a Liberdade da Pátria e deixaram a sua marca na campa da Independência! Neste mesmo instante atraíram sobre as suas cabeças a maldição eterna; o repúdio e o desprezo da Nação estigmatizando indelevelmente os seus nomes! Neste instante deixaram de ser lituanos e a horrível marca do traidor da Pátria, qual chaga viva, desfigurará os seus rostos e é dessa forma que a posteridade os conhecerá durante milhares de anos!. . .

É verdade que mais tarde demasiadamente, devido a certas razões políticas, alguns "acordaram", mas não admitiram que tivessem qualquer culpa; nem deram o menor sinal de arrependimento ou remorso, como que se tratasse da coisa mais banal!

Não existe tal espécie de arrependimento, que destrua a obra de Judas e torne o nome do traidor livre de mácula!

Muito mais tarde, passados anos, o camarada Deputado da Assembléia do Povo, Liudas, já no exterior, se lamentava à conhecidos mais íntimos, que durante a ocupação nazista se viu obrigado a escrever "Depoimentos", cuja divulgação forçou-o a trocar a

democracia americana pela soviética. . .

Assim os senhores camaradas, seja durante os dias de cruciante infortúnio para a Pátria, seja mais tarde — quatorze anos depois — não acharam necessário dar qualquer explicação, por pequena que fosse, numa tentativa de aliviar a consciência sobre o seu infame papel. Esse silêncio não os isenta de culpa, evidente para toda a Nação, apenas acentua mais a monstruosidade das suas almas.

Deles falaremos individualmente em publicações posteriores.

O plano soviético de aniquilar a Independência da Lituânia com as mãos dos próprios lituanos vencidos, foi executado rápida e satisfatoriamente. A Nação aterrorizada e ensurdecida pelas fanfarras bolchevistas, depois de um mês viu-se presa nas garras do dragão moscovita.

É inútil dizer que Moscou com Berlim, havia um ano que tinham firmado um tratado de subjugação da Lituânia; o fato não altera as implicações políticas, nem atenua o papel covarde dos entreguistas. Quando assinaram o tratado, os bolchevistas jamais acreditaram apoderar-se do país sem derramar uma gota de sangue.

Ao se efetuar a ocupação do país, se tivesse havido luta, teríamos atraído as atenções do mundo livre, teríamos conquistado as suas simpatias para a nossa causa e hoje, o conceito de que gozamos seria diferente, muito mais elevado, mais nobre. Uma luta de dois ou três dias daria a possibilidade do país recobrar a consciência patriótica e alertá-lo do pavoroso perigo dos lituanos serem envolvidos na monstruosa teia de aranha vermelha.

É possível sentir alegria, se hoje Henrikas, como Secretário-Geral da União dos Povos conferencia com o Diretor do Comitê da Lituânia Livre nos Estados Unidos, sobre a libertação da minha Pátria? Mas como? Àinda não esquecemos, que esse camarada exibia-se de camisa vermelha e com a boca espumando "libertava" a Pátria do "Sangrento Regime Smetonista". O que libertará ele, hoje?

Ainda temos bem vivo na nossa memória, o camarada Henrikas na "Agitpropas" bolchevista, durante anos inteiros, despejando toda a sujeira, aos baldes, sobre a Independência da Lituânia! Durante quinze anos enlameou e escarneceu de tudo o que era tipicamente lituano, motivo de orgulho patriótico, no seu imundo jornaleco. Até o início da guerra russo-alemã, foi redator da "A Vassoura" bolchevista, braço direito de Stepas, um dos mais destacados propagandistas do comunismo. Com o pseudônimo de H. Berzarylikstis (vara de bétula) cobriu de nomes vis os veteranos da Nação, bem como a qualquer lituano patriota. Sempre jurou que se na luta tivesse que recuar, iria até Vladivostok, mas se afastou tanto, que chegou à cadeira de Secretário-Geral da União dos Povos.

Agora o servo mais rastejante dos sátrapas vermelhos, se desdobra na libertação da Pátria e nós, à semelhança dos Deputados da Assembléia Bolchevista, aplaudiremos, embriagados com as palavras do Judas. Ocultando a sua verdadeira face de traidor e fraticida, exibe uma outra, que adaptou forçado pelas circunstâncias e conveniências.

Em matéria de paródia, pode se desejar mais?!

São muitos os que são tentados a deixar para depois, quando voltarmos à nossa terra livre, o julgamento das obras de lesa-Pátria; então teremos poder para colocar os culpados ante o Promotor Público da Nação.

Não! ELES, os Henrikas, os dovydenas, os rukas, os glusauskas e todos da mesma panela acabarão por se tornar os Promotores Públicos. Os julgados tornar-se-ão os lituanos comuns, o zé-povo, dos quais os centavos economizados com suor servem para alimentar os senhores camaradas!

Ao retornarem, serão capazes de culpar os guerrilheiros patriotas, alegar que os veteranos lutadores pela liberdade da Pátria não são merecedores de honras e discursos de louvor.

Estando de volta, colocarão a si mesmos no Panteão dos lutadores pela liberdade da Pátria e nas alamedas inundadas de verdor da Nação livre, surgirão seus bustos e estátuas, espiando-nos por entre as árvores e arbustos com seu sorriso-agressivo

Tais suposições não tem nada de absurdo, pois vemo-los hoje, arrogantes e desdenhosos, nos seus papéis de dirigentes pela libertação da Lituânia, em diversas instituições.

Talvez não voltem mais; talvez as suas vidas sejam mais curtas do que a duração da escravidão da Pátria; assim eles aproveitam em serem os "heróis do dia", Chefes da fragmentada representação lituana no exterior e vivem de uma renda que não pode ser considerada das piores.

Tais desvios da narrativa são inevitáveis, pois ao contar os acontecimentos e fatos daquele tempo, me vejo envolvido em outros atuais, nos quais figuram, por exemplo, o "Deputado" e uma série de nomes de seus propagandistas aqui no Ocidente, vivendo às expensas do capital da tragédia da Pátria, dos padecimentos da Nação escravizada, tirando seus proveitos materias e espirituais!

A delegação escolhida pela Assembléia do Povo reuniu-se na Estação da Estrada de Ferro de Kaunas na quietude matinal, tremulavam panos vermelhos como que pingando sangue e lágrimas de pessoas inocentes!

Os camaradas deputados estavam pálidos. Alguns deles devido à ressaca depois de uma tremenda bebedeira, outros devido a certos vestígios de dignidade, mantiveram-se de cabeça baixa para, ao erguê-la, não se ruborizarem. . .

Esse resto de decência é passageiro! O rublo tem a faculdade de apagar os últimos vestígios de retidão. O mais difícil é o começo. . .

Salomeja Neris tem os olhos fixos no buquê de rósas vermelhas. Talvez, como poetisa, veja e sinta o pulsar do coração da Nação coberta de sangue. . . Do vagão, ela não desce. Não cai de joelhos e não beija a santa terra da Lituânia que ela cantou em versos comoventes "andando sobre o gelo que rachava, por entre arvoredos que floresciam". . .

Não! Ela se domina. No luxuoso vagão, ela leva a mais ignominiosa das homenagens ao bárbaro de Kremlin. Leva o hino da poetisa lituana mais talentosa ao mais sangrento Nero da Nova Era que com sangue e tormentos selou o destino da sua Pátria!

O camarada "Presidente" Paleckis se debruçou na janela do vagão para dissipar a embriaguez e improvisar um discurso. Abre a boca duas vezes, mas a língua não obedece e, desanimado, com um gesto demonstrando a inutilidade da tentativa, desabou sobre o estofado banco.

Os outros começaram a se enervar, demonstrando impaciência e uma certa raiva, olhando constantemente ao relógio da estação. Os ponteiros pareciam pregados. Os Judas da Pátria mal se contêm. A manhã é um tanto fria, mas as suas frontes estão cobertas de gotas de suor. É dura a vocação de traidor da Pátria. Os "camaradas delegados" sentem cada vez mais um calafrio a percorrer-lhes a espinha. . .

Por fim, o trem se mexe.

"Pa-ra Mos-cou!. . . Pa-ra Mos-cou!. . . Tra-i-do-res!. . . Tra-i-do-res!. . ." — ouvem os delegados a música rítmica das rodas sobre os trilhos. Suas feições se carregam, tornam-se mais sombrias.

VII

O SOL DE STÁLIN

Com Stálin rumo ao sol
Com Stálin lutaremos com fé
Que ninguém ouse no mundo
Dentro da Lituânia a por o pé!

Antanas Rukas

Com grande solenidade e pompa, Moscou recebeu a delegação dos pérfidios lituanos. O Povo do Kremlin se dignou a ouvir as tiradas de louvor de Salomeja Neris especialmente compostas em homenagem ao terrível assassino das Nações.

Estrugiu a salva de palmas de Béria, Malenkov, Voroshilov, Kaganovitch e Molotov quando ouviram a delegação implorar, como se estivessem orando, a inclusão da minha Pátria na prisão das Nações da Rússia.

A farsa é transmitida para Kaunas e Vilnius. O país todo fica sabendo que a Lituânia, qual mosca, não escapará da Teia de Aranha Vermelha.

Promessas, cantigas embaladoras, cortinas de fumaça, tudo se evaporou.

O que ficou foi a desnuda e disforme verdade.

O usurpador não precisa mais fingir. Chegou a hora do terror pleno e sem disfarce. As prisões noturnas, feitas em silêncio, não mais serão necessárias! A tétrica crucificação do país pode ser iniciada, completamente a descoberto.

As possíveis testemunhas de países estrangeiros praticamente não existem. As delegações e consulados de diversos países fecham as portas e alvoroçados procuram abandonar logo a terra infeliz, contaminada pela peste vermelha.

Os habitantes de origem germânica tem a Alemanha como a nova Pátria. A eles se juntam milhares de lituanos relacionados por parentesco ou outra forma.

Começam a surgir advogados os quais, mediante polpudos honorários, conseguem passaportes falsos, declarando o possuidor do mesmo como de nascimento alemão. Na posse desses papéis todos tem um só objetivo: — atravessar a fronteira.

Espetáculo desagradável quando os lituanos militares de superior hierarquia (Urbanas, Birontas, Berentas, Bytautas, Gintautas, Reikertas) argumentam e discutem procurando convencer a Comissão de Repatriamento de que eles nunca foram lituanos! Eles, alemães autênticos, jamais tiveram algo de comum com a Lituânia.

Esses militares quebravam o juramento das forças armadas em face da guerra. Os senhores capitães, majores e coronéis, servindo ao exército anos seguidos, "esqueceram" o juramento de que defenderiam, não importando as circunstâncias e as condições, a liberdade e a Independência da Pátria.

Agora, todos atestavam, nunca foram lituanos. Queriam e quanto antes abandonar a Lituânia, a eles estranha, e voltar o mais rapidamente possível à "sua Pátria, Alemanha".

— Nach Vaterland! (Para a Pátria) — exclamavam, cheios de intensa alegria, na Praça Vytautas, os que conseguiram a permissão para deixar a sua verdadeira Pátria. Apesar do contentamento visível nas fisionomias, eles não tinham dúvida de que a sangrenta Alemanha, sem hesitação, os convocaria ao exército e logo em seguida os despacharia para o front.

Ora! Do front eles não têm medo. Lutar pelo Reich alemão, irão com prazer. É muito diferente de se incorporar à resistência contra a escravidão da terra natal. Parece que lutar pela liberdade da própria terra é algo que não lhes faz sentido.

Seja! É o lixo que se despreende, é o pó que não mais encobre o brilho dourado do genuíno lituanismo. A Nação se livra do inútil, do anti-higiênico, para aos poucos mostrar uma superfície límpida. Eliminando o supérfluo, adquire maior consistência. Foi uma rajada de furacão que varreu a Lituânia e atirou os renegados, uns para o Oriente outros para o Ocidente.

Passado o semestre inicial da ocupação, quase desapareceram as urtigas e outras plantas daninhas do solo lituano. Restaram colaboradores do usurpador escravagista de um lado, e os inimigos decididos do invasor do outro, os bravos combatentes subterrâneos.

A Nação consolida-se. Está se recobrando, perdendo o torpor, reunindo forças. Enrijece temperada pelo fogo do terror soviético. Começa a se preparar para a luta de vida ou morte!

Medrosos como coelhos os dirigentes e Chefes da Nação que não quiserem mobilizar o exército para lutar contra o inimigo, alguns meses depois do começo da escravidão, estão se preparando para a guerra, contra os guerrilheiros! Combaterão como inimigos, não somente os que foram soldados, como também velhos e crianças. Expulsarão trêmulos velhinhos e crianças em idade escolar das moradias, dos seus pedaços de terra, das suas plantações, de onde nasceram e sempre viveram. A mesma sorte terá o trabalhador braçal e o intelectual, o socialista e o católico.

Ao lado dos professores, mestres-escola, alunos e estudantes, se agrupam os serventes, empregados de cocheira e pastores, velhos e os moços, homens e mulheres. Os alicerces das futuras guerrilhas se espraiam pelo país todo, tornando-se dia a dia mais fortes.

Não existem grupos isolados de Resistência. Não existem individualistas na luta subterrânea. Resistência envolve toda a Nação. O país todo é um corpo só na luta subterrânea.

Virá o tempo em que surgirão os oportunistas e toda a sorte de agitadores atribuindo a si próprios a formação de guerrilhas, reivindicando o direito de colher os louros das vitórias obtidas. Aparecerão "líderes" que proclamarão que eles é que organizaram o levante de toda a Nação contra o usurpador vermelho quando, na verdade, nesse exato instante, se achavam em Berlim ou mais longe.

Mas, sobre eles falaremos depois.

Retorna de Moscou a delegação dos coveiros da Pátria. Cada um deles jogou o seu punhado de terra sobre o esquife dos restos mortais da Independência. Um "selecionado bando" de judas os aguarda na estação da estrada de ferro. São cumprimentados pelos elementos de confiança de Moscou, os comissários vermelhos. Um grupo de mocinhas apóstatas os presenteiam com rosas vermelhas. É possível entender a conduta dos estrangeiros, mas os próprios compatriotas, vendidos e renegados, só sendo do mesmo estofo.

O "Presidente" soviético deve dirigir algumas palavras aos presentes na recepção. A multidão está impaciente. Algumas pessoas começam a sorrir ironicamente. Corajosamente, por fim, ele abre a boca para dizer algo extraordinário. Está difícil. É melhor contentar-se com o que se fala e se escreve no momento. Sua falta de delicadeza e tato é sobejamente conhecida. No Teatro Estadual, na Presidência, a sentença já estava formada na mente, mas quando notou na multidão faces denotando desprezo, asco e ódio, engoliu a saliva e a sentença ficou retida. Semi-cerrou os olhos e como que abobalhado olhou para todos os lados. Num piscar de olhos tomou consciência do terrível fato, o que ele representava para a Nação lituana. A sentença, as palavras se evaporaram da sua cabeça.

A multidão estava silenciosa, mas sorria zombeteira.

A "delegação" começou a se agitar, murmurar... Um deles cutucou o braço do camarada "Presidente", quando este se refazendo olhou um pouco para o alto, como que procurando inspiração, e viu um pano vermelho ondulado na torre. A inspiração veio:

— Eis a Bandeira! Berrou o camarada Paleckis com toda a força dos pulmões e aspirando ar até estufar o peito e prosseguiu:

— Camaradas! Esta bandeira prova que nós trouxemos de Moscou para vocês o Sol do camarada Stálin! Daqui em diante ele aquecerá e iluminará os homens livres da

Lituânia Federativa! Um viva ao grande pai mestre, a luz e sol, o nosso muito amado chefe, camarada Stálin!

Os delegados, com um suspiro de alívio, ocuparam os seus lugares nos automóveis. Um discurso mais inteligente do camarada "Presidente" ninguém imaginava.

Sob a proteção do bigodudo "Sol", os lacaios de Moscou começaram a formar, desembaraçados e imperturbáveis, o nosso paraíso stalinista. Desapareceu "União do Trabalho, o partido de fachada, o Jornal "A Voz do Povo" tornou-se "A Verdade", o diário "Eco da Lituânia", órgão oficial, foi rebatizado para "A Lituânia do Trabalho", depois "A Lituânia Federativa", órgão do Conselho dos Comissários do Povo. O restante — jornais, diários, semanários, revistas e outros periódicos, foram fechados de acordo com a Liberdade Vermelha. O mesmo destino tiveram todas as editoras privadas.

A terra, os bancos (principalmente as contas bancárias), indústrias, casas comerciais, empresas, sítios, fábricas; tudo foi declarado propriedade do Governo.

Quando o sol de Stálin começou a aquecer, acabaram-se as necessidades do homem.

Tudo para o país, para o partido e para os bonzos do Governo. O ente humano se enquadra ao mesmo sistema. Ele tem de trabalhar lá onde indicarem e fazer o que mandarem.

O conceito de liberdade na União Soviética consiste em obediência incondicional ao partido.

Os acontecimentos político-beligerantes em plena ebulição no exterior, não davam margem para a implantação com a prontidão e totalidade necessárias do sistema econômico-soviético na Lituânia. O trabalho na lavoura, apesar da nacionalização, declarado propriedade do Governo, continuava nas mãos dos que dele viviam. As terras cultivadas foram divididas em glebas pequenas, operação tida de caráter provisório. O sistema de colcozes seria introduzido quando o domínio soviético no país ocupado estivesse mais fortalecido.

Os sitiantes estavam conformados, a terra não lhes foi arrebatada, e se foi fragmentada, diminuída, continuou nas mãos dos seus legítimos donos.

No entanto, as traças do partido e da polícia, como toda a variedade de repelentes bichinhos do Governo, riam e zombavam dizendo que os sitiantes logo desistiriam das suas terras, não iriam arcar com uma tal responsabilidade e implorariam, em lágrimas, para reuní-los em colcozes.

Pouco depois ressuscitaram o sistema em uso na Primeira Guerra Mundial e que fora esquecido, entitulado "Contribuição ao Governo". Os sitiantes são obrigados a entregar ao Governo o produto de todo seu trabalho: rêses, cereais, gêneros alimentícios compensação ao consentimento de usufruir a riqueza da terra, pertencente ao Estado.

A arrecadação em dinheiro cresce paulatinamente, acompanhando a de bens fundiários e de raiz. Se o sitiante é incapaz de pagar, de uma forma ou de outra, tem de solicitar ao governo e ao partido o seu afastamento da terra que cultiva, ou então aguardar a hora em que será preso, declarado sabotador, inimigo do estado soviético e, na melhor hipótese, enviado ao longínqüo Norte (Sibéria).

É um tanto esquisito, mas cumpre observar que os lavradores lituanos, pouco afeitos às brutalidades de ordem política, confiavam no senso de justiça dos soviéticos e por essa razão é que cobriram de queixas o Comissariado de Aproveitamento de Terras, pela injusta desapropriação do que lhes pertencia.

O Comissariado encaminhava todas as queixas ao Onipotente Partido. Uma dessas autoridades, realmente um trânsfuga patrício, sorrindo ironicamente iniciava o interrogatório chamando o que era sitiante de ricaço, burguês, explorador.

— Como é que o senhor obteve o sítio?

— Foi o pai que deixou.

— Ah! Quer dizer que seu pai acumulou a fortuna às custas do suor e trabalho do povo? Ele explorou o trabalho do povo. Por décadas abusaram do trabalhador. O senhor está aproveitando-se hoje da herança criada de suor e trabalho explorados. É justo isso? Não Senhor! A justiça soviética não pode encarar com benevolência o fato dos pais e avós do senhor terem sido burgueses, traficantes, sugadores de sangue e suor do povo, exploradores do seu trabalho.

O sitiante, por fim acabava sabendo "como o diabo era" e saía correndo como se tivesse o inferno no encalço.

Com as mesmas queixas, vinha o seguinte:

— Como adquiriu a assim chamada sua propriedade? — Veio a pergunta, sempre com o mesmo sentido.

— Ganhei-a com o suor do meu rosto.

— Como assim "ganhei-a"? — e o camarada trânsfuga alçando os ombros como quem está intrigado, procurava se divertir com o querelante como o demonstravam os lábios torcidos pela risadinha de mofa.

— Ora, trabalhei p'ra burro e assim ganhei — insistiu o altivo sitiante.

— Conte, como foi isso?

— Bem, servi aos meus patrões. Fui pastor, peão, criado. Fui juntando tostão, por tostão até conseguir para a passagem à América. Lá trabalhei nas minas de carvão durante quinze anos. Com mãos calejadas e sangrando ia juntando os centavos, os dólares, depois voltei e com minhas economias comprei esse sítio.

— Não senhor! A justiça soviética não tolera que o senhor, aproveitando-se das anormais condições de câmbio, tirando vantagens da frágil estrutura econômica capitalista, tenha adquirido essa fortuna, sequioso de se tornar um capitalista também, para se aproveitar do trabalho escravo do povo. Nada disso amigo! No momento em que comprou o sítio, não importa a forma de como obteve o dinheiro, o senhor tornou-se um ricaço, um explorador, e como tal, sabe onde é o seu lugar?

Corajosamente, entra o seguinte.

— Camarada Comissário, é um absurdo, tomarem a minha casa e o meu sítio! Já faz 20 anos que, não apenas apoio, mas ajudo o comunismo sempre que posso. Veja os certificados, eis aqui os recibos de MOPR. Várias vezes me sugeriram para entrar no Partido. Não recebi herança dos pais. Eles possuíam um casebre na extremidade da aldeia. Durante vinte anos, eu com minha mulher, levamos leite, carregando baldes, para vender na cidade. Pastoreamos as duas vaquinhas no meio de ruínas, lugares abandonados. Andávamos andrajosos e passávamos fome, até que o fidalgote Fonzydas, ao dissipar a fortuna em bebedeiras, nos vendeu um pedacinho de terra. É engraçado, julgar-nos ricaços! Durante toda a nossa atribulada vida, nunca as palmas das nossas sangrentas mãos cicatrizaram.

— Basta! Chega! Compreendo porque o amigo durante toda a vida manteve a aparência de um miserável e sofredor. Assim procedendo queria tornar seus filhos capitalistas, sugadores do sangue do povo e exploradores da classe operária.

— Mas, senhor Comissário, eu não tenho filhos.

— O que? Sem filhos? Então, amigo, em vez de Sibéria você merece um tiro! Queria se tornar capitalista e explorador você mesmo? Você é pior do que aquele que recebeu a herança dos pais. Esse não pediu que lhe deixassem palacetes ou capital, enquanto você, noite e dia, não sonhava outra coisa senão pertencer à classe dos exploradores. Teve coragem de querer passar por colaborador do partido? Embusteiro!

Ainda quer ter razão, quer justiça? Fora daqui, senão. . .

Com tais exemplos "ilustrativos" os supostos "inimigos do povo" não mais tentaram procurar seus direitos nas instituições de justiça soviética.

Os Kaplanas, Reznikas e Icikas, pessoas boas e simples até hoje, tornaram-se personalidades importantes, dignatários e chefes destacados da era vermelha.

Os escarnecedores da verdade e da justiça lotaram toda a Lituânia com uma série de jornais com títulos tais como: "A Verdade", "A Verdade Juvenil", "A Verdade Militar", "A Verdade de Penevezis", "A Verdade de Siauliai", etc. . . Com palavras e nomes queriam cobrir suas imundas atividades e sua atuação iníqua.

Em qualquer instituto, repartição, empresa ou escola, penduravam-se comunicados nas paredes no intuito de ajudar a espionar com mais facilidade elementos suspeitos, gerar desconfiança, denunciar e criar pavor nos que, estando inocentes, pudessem entrar "na fria".

Proliferam Gabinetes Vermelhos e departamentos de MOPR; a juventude, principalmente estudantes, é compelida a ingressar na União da Juventude Comunista, os alunos do primário, na Organização dos Pioneiros Stalinistas.

Mas, o rumo dos acontecimentos era diferente do aparente.

Transcorrido um semestre, os mais violentos e fanáticos comunistas convictos se desiludiram. Aqueles que já eram lituanos de coração, que não se envolveram com outras ideologias, nada tinham com que se desiludirem, apenas tiveram revigorada a certeza de que com o escravizador havia uma só maneira de lidar: lutar com todas as forças.

Os russos começaram a não confiar nos seus Comissários enviados a Lituânia, Peixes graúdos pulavam fora da rede, abandonavam as hostes comunistas.

Foi enviado à Lituânia o General do Exército Vermelho Baltusis-Zemaitis, nascido lituano, porém cidadão da União Soviética, onde sempre viveu, a ponto de ter esquecido a língua natal. Foi nomeado comandante-chefe do exército da Lituânia sovietizada. Pouco tempo depois da vinda à terra natal, sentiu o apelo da Terra dos Ancestrais. Sentiu o espírito lituano. Ouviu o clamor do seu sofrimento. Ouviu as lamentações dos irmãos padecendo na escravidão e não achando saída para o dilema (renunciar ao posto, abandonar os vermelhos ou ser carrasco da infeliz Pátria), deu cabo da existência com um tiro na testa em sua residência.

O exemplo do General Baltusis foi seguido por diversos proeminentes colaboradores da tirania: Cirtautas, Rudzevicius, Navickas, etc. . . os quais não queriam sujar as mãos assassinando os compatriotas. Abandonavam o Partido, e com esse gesto, a vida.

O Comissário da fábrica "Lituânia", velho e importante membro do Partido, deixou uma carta, assim redigida:

Aos camaradas do Partido!

Cometi o maior erro trabalhando toda a minha vida para os carrascos da Pátria! Que a Lituânia perdoe as minhas faltas pelas quais pago com a vida. Maldito seja o comunismo e seus falsos apóstolos! Durante vinte anos pertenci ao Partido, hoje corto o repugnante fio da minha existência, que enlameei porque fui comunista. Vocês escravizaram e destruíram a minha bela Pátria, A LITUÂNIA, e Todos Países Bálticos. Mataram e continuam matando os melhores filhos da Lituânia. Vocês desterram para a Sibéria meus irmãos e irmãs... Portanto, sejam malditos.

Ass. LABANAUSKAS

É dia 24 de fevereiro de 1941, o comunista idealista, como o único meio para o fim do seu tormento, em KAUNAS/CAPITAL DA LITUÂNIA, no sotão da sua casa à Rua Itália 36, depois de três tentativas, tirou a vida no laço da corda.

Casos semelhantes vão se sucedendo. Porém esses suicídios vão como vem sem abalar os bonzos do Governo. Paleckis, Gedvila e Snieskus, embriagados de sangue, cobertos de sangue, se tentassem recusar, não saberiam achar o caminho. Um fato consolador é que eles são um punhado dentro dum país de três milhões de habitantes. Como elementos de confiança do Partido, os arquivos não acusam mais de trezentos. A porcentagem é insignificante, mas o poder, absoluto. Uma densa rede de agentes da NKVD/POLÍCIA SECRETA-AUT os apoia. São poucos os "lituanos" tipo Razauskas, todos porém, verdugos ferozes, à semelhança dos mestres estrangeiros.

Um crescente número de patrícios moscovitas afluem à Lituânia. Eles vem de Moscou e de outras localidades da Rússia para exercerem as funções mais diversas.

Formigavam divisões do exercício vermelho. Em Suvalkija constroem-se novos aeroportos, fortificações, abrigos; novas linhas "MAGINOT". A minha Pátria é o primeiro baluarte contra a Alemanha.

Apesar da severa vigilância na Fronteira ALEMANHA-LITUÂNIA, um ou outro consegue escapar para o Ocidente através do Rio Sesupé-Aut. Em fins de fevereiro, fugiram para a Alemanha cerca de 150 funcionários do Governo bolchevista, de alto gabarito, entre eles, Capital SERGALIS e o Diretor do Departamento de Saúde de Kaunas, Dr. NATKEVICIUS.

Os salteadores vermelhos reforçam mais a vigilância militar na Fronteira Lituânia/ /Alemanha. Alargam a zona e intensificam mais as batidas aos moradores fronteiriços; efetuam prisões e espalham o terror.

As prisões, de tão lotadas, não comportam os "inimigos do povo", Magotes de presos, que freqüentemente eram enviados às prisões de Minsk ou de outras localidades da União Soviética.

Milhares pereceram nas prisões, nas recém construídas masmorras pela NKVD./ POLÍCIA SECRETA COMUNISTA-Aut.

Quem pode crer numa democracia assim formada, na qual trezentos subjugam pelo terror três milhões? Durante os treze anos do regime "sangrento" e ditatorial de Smetona, aos inimigos do Governo não foram decretadas treze condenações à morte.

A "Democracia" vermelha, num ano desterrou, matou ou destruiu de outra forma, cinqüenta mil pessoas. Parece que em treze anos teremos setecentas mil vítimas. Os "democratas" vermelhos alcançarão essa cifra em poucos anos.

Os números demonstram, mesmo aos não iniciados, que a "democracia" vermelha é um milhão de vezes mais sangrenta que a ditadura smetonista.

O Governo de uma democracia representa a vontade do povo. O povo no regime vermelho é um instrumento e um escravo sem direitos. É monstruoso que, acobertados pela declaração de agirem em nome dos trabalhadores e proletários, implantem o terror, destruam a existência do trabalhador, transformem-no num cego instrumento do governo e do partido, façam-no um vassalo, um escravo, num sentenciado, um robô do trabalho.

O que não passava de um bate-papo entre Moisa e Vladas com Snieskus é agora uma terrível realidade, o cutelo dos generados não perde o fio. As cabeças rolam, não apenas nas masmorras da NKVD ou nos porões das fortalezas em KAUNAS, como também em VILNIUS, Siauliai, Panevezys. Em toda a Lituânia e em TODOS OS PAÍSES BÁLTICOS as vidas são ceifadas com a mesma fúria. . .

Estampidos abafados ressoam. De entre torrentes de sangue dos inocentes, ouvem-se gemidos de agonia, gritos de horror e atroz sofrimento.

Os poucos capitalistas da Lituânia (não existem há tempos). Os que não conseguiram livrar em tempo a carcaça, tombaram atingidos pela foice. Agora, indiscrimina-

damente, são atingidos sitiantes e operários, não escapam os "divergentes" do partido ou os que não sendo membros se mostram "zelosos" bolchevistas.

O embrutecimento é crescente. Muitos para melhor agradar o ocupante ou por medo de perder a cabeça, fazem o sadismo atingir o auge, não tem piedade do amigo, do irmão, do pai e da mãe ou de quaisquer parentes.

O Secretário Municipal do Partido (geralmente um marginal ou um vagabundo) é ditador todo poderoso dos habitantes do local. Ele aterroriza e assassina os moradores, mas treme de pavor diante do superior, para que não o denuncie por ser "brando" demais. Esse por sua vez teme o Poder Central, o qual também curva-se ante o Centro de Moscou o Supremo.

Medo — o melhor chicote para os homens de palha que amam a condição de capachos.

Todos eles entram numa sinistra competição, cada qual procurando suplantar o outro em número de denúncias, procurando demonstrar maior ferocidade e sadismo, procurando evitar, a todo custo, ser acusados de colaboradores dos inimigos do povo.

A pior forma de terror é a provocada pelo medo.

Os representantes caninos do partido, principalmente os de pequeno tamanho, sabiam que quanto mais alto latissem, mais ferozmente mordessem, maiores atrocidades cometessem, agradariam melhor o açougueiro e ganhariam o osso (carreira assegurada). Se, ao contrário, procurassem apoio na eqüidade, se fossem movidos por sentimentos humanos, tanto mais depressa seriam tachados de bolchevistas, desfibrados e levariam um tiro na nuca.

Num sistema de Governo desses os "inimigos do povo" não diminuem e não podem diminuir.

A Lituânia, como é de conhecimento geral é 80% agrícola. Depois que os sitiantes entregaram ao "Governo" as rêses, os cereais e outros produtos, depois que pagaram toda série de impostos. Fez uma "limpeza em regra" nos seus celeiros.

Agora, próximo da época da plantação na primavera, sabiam que a terra não seria semeada, pois havia sementes.

Os rádios e os jornais começaram a trombetear: "aquele que deixar um palmo de terra sem semear, será considerado inimigo do povo e sabotador da federação do campo. O destino deles será decretado.

Como e onde obter as sementes, se todos os cereais foram parar nos armazéns do Governo e, naturalmente, enviados em seguida à RÚSSIA. O que sobrou de rêses foi cuidadosamente registrado e qualquer desaparecimento de um novilho será também considerado sabotagem.

Faças o que fizeres na tua vida, não evitarás o epíteto de sabotador e "inimigo do povo". Nos sítios que ficaram abandonados em conseqüência do repatriamento dos alemães e dos desterros à Sibéria, apareceram habitantes de Gudija (região rica em turfa do chamado triângulo de Suvalkija). Esses "repatriados" de longas barbas e família numerosa, deviam ser sustentados pelos sitiantes mais abastados, além disso eram amparados pelo Comitê da localidade, pelos agrônomos do Governo e pelos Departamentos ligados à lavoura. Esses intrusos eram gente de confiança do partido, sua principal tarefa era relatar ao secretário do partido daquela região, tudo que notassem de suspeito ou anormal.

Uma palavra irrefletidamente dita, às vezes nem isso, dependendo da disposição e da imaginação do espião, e este corria ao secretário, que por sua vez informava à NKVD

e o sitiante desaparecia como se se evaporasse.

Assim é a "democracia soviética".

Ninguém procura averiguar a veracidade da denúncia. A ninguém é concedido o direito de defesa, nem mesmo uma palavra. Para que? Numa "democracia" federalista tudo é muito claro e certo, certas formalidades podem ser suprimidas.

Um oficial da NKVD em conversa com SIRTOV, Presidente do Comitê Executivo de BABTAI, definiu em algumas palavras o sistema adotado pela União Soviética na aplicação da justiça em TODO MUNDO:

— Se nós sabemos que entre cem habitantes um é sabotador ou é nocivo de outra forma à democracia soviética, se não podemos descobrir qual deles seja, FUZILAMOS TODOS OS CEM. Não fará grande diferença à Federação do Povo do Trabalho se eliminamos 99 inocentes e abreviamos a data de irem para o caixão se em troca ficamos livres de um malfeitor desconhecido. É preferível que tais fatos não ocorram e para isso é preciso que todos os que são leais à Federação tenham os olhos não apenas na testa, como nas costas. A obrigação de cada um é pressentir os inimigos da democracia Federativa, identificá-los e denunciá-los o quanto antes para que a justiça soviética se encarregue deles.

Ao homem culto do Ocidente tudo isso é incompreensível. Não raras vezes um erudito ocidental se admira de chamarmos os ditadores soviéticos de GENGIS KHAN E NERO.

A ferocidade soviética é para muitos uma novela de ficção de conteúdo tétrico.

Comparar a sede de sangue dos soviéticos com a dos HUNOS, VÂNDALOS e outros bárbaros que se celebrizam por suas jornadas sangrentas, é impossível.

A bestialidade soviética não tem PARALELO na HISTÓRIA DA HUMANIDADE mesmo confrontando com as épocas mais tenebrosas.

As feras soviéticas, nos tempos modernos, podem usar todas as conquistas da técnica do homem civilizado e empregá-las nas sevícias a massacres de milhões de inocentes.

Não haja dúvida, se em qualquer parte do mundo alguém inventou uma nova modalidade de suplício, imediatamente será submetido à prova e posto em uso nas masmorras dos carrascos da NKVD (POLÍCIA SECRETA COMUNISTA—Aut), para arrancar a declaração que desejarem.

A parte culta da humanidade protege até os animais. Mas onde estão as Sociedades que protegem os Seres Humanos??? Por meio da Sociedade Protetora de Animais cuidam para que os seres irracionais não sofram fome e não sejam vítimas de maus tratos. Por outro lado, paradoxalmente, cooperam, conferenciam e até negociam com verdugos e TORTURADORES, e não de animais, mas de MILHÕES DE SERES HUMANOS INOCENTES.

O MUNDO LIVRE DO OCIDENTE RESPEITA A FERA HUMANA SOVIÉTICA QUE RENUNCIOU À RELIGIÃO e a qualquer forma SENTIMENTO NOBRE. O homem-animal que desconhece a mais elementar regra de ética, moral e decência.. O homem-abutre que não respeita tratados internacionais e acordos entre nações.

Paciência! O MUNDO LIVRE DO OCIDENTE ESTÁ CEGO e SURDO. Talvez recupere a visão quando sentir em todo o HORROR a tirania VERMELHA, como a Lituânia e todos países Bálticos sentem HOJE.

VIII

A NAÇÃO REAGE. . .

MARIA, MARIA IMACULADA,

SALVE-NOS DO INIMIGO PAVOROSO.

"Maironis. . ."

Paciente e tranqüila é a Nação lituana. Com seu labor e sua cultura, herança secular dos antepassados, ela conseguiu a própria sobrevivência em meio de condições as mais adversas.

Porém, não limitou-se apenas à sobrevivência.

A Lituânia, qual laboriosa abelha levando mel à colméia, acumulou o seu patrimônio cultural e enriqueceu com ele o cabedal científico das Nações.

A Lituânia nunca se queixou dos seus sofrimentos e nunca se lamentou. O lituano nos tempos do feudalismo, nas eras da escravidão, com canto e sorriso, suportava o peso da servidão, confiando sempre que a luz da liberdade despontaria, se não para ele, então para os netos.

Das remotas eras aos dias atuais, suavemente o lituano preservou as mais belas jóias do tesouro espiritual. No longinqüo passado o lituano era profundamente religioso. Suas divindades não eram os ídolos cobertos de sangue, mas fenômenos da natureza lituana, os quais identificavam o Criador. O lituano cultuava antigamente, com todo seu fervor, o Eterno. Aceitou depois o cristianismo e a doutrina do Salvador. Adorou com todo o coração o advento do culto da virgem Santíssima.

As outras Nações sempre se destacaram pelo desregramento moral, desrespeito pelos bens alheios, abstenção ao dever ou quebra da palavra; ao lituano tudo isso era estranho.

A tudo isso o lituano era e continua sendo incólume como exemplo de integridade moral e honra.

Infelizmente, a junção com os poloneses e o jugo da escravidão russa, que se prolongou por mais de cem anos, fez com que se infiltrasse em nosso país muita matéria nociva e com o tempo se incorporasse ao lituanismo. Plantas daninhas estrangeiras prejudicando as plantações lituanas.

Começaram a abundar os frutos venenosos, gente falando lituano, com nome lituano, acobertada com um sobrenome que soava como lituano, mas de coração, modos e descendência, nada tinha de lituano.

O curto período de independência em nada ou muito pouco contribuiu para extirpar o mato rasteiro.

A Lituânia era como uma orquestra que executava músicas lituanas, que não eram apreciadas por muitos executantes e às vezes pelo próprio regente.

Os forasteiros na sua maior parte intitulavam a si próprios como elite. Representavam a Lituânia no exterior, para afinal, entregarem-na à opressão, ao terror e sofrimentos intermináveis, ao progressivo extermínio, há 36 anos (trinta e seis anos).

Como prova do que afirmamos, escolhamos pelo menos um desses traidores dos que foram citados, estudemos a sua genealogia e com cem porcento de probabilidades constataremos que não são lituanos.

Assim são os judas snieskus, niunka, paleckis, vitkauskas, macijauskas, gregorauskas, bieliauskas, parnauskas, glusauskas, sumauskas e uma longa lista de outros que, seja por sua ascendência, seja por seus trabalhos, não podem ser lituanos.

Os forasteiros podem ser muito hábeis, até muito talentosos, mas ao soprar de outros ventos, o forasteiro torna-se o primeiro verdugo da Nação.

Tem acontecido que vários criminosos estrangeiros ou fugitivos políticos acostumaram a viver entre os lituanos e, mais cedo ou mais tarde, adotaram sobrenomes de acordo com o feitio da Língua do País. Depois, ao constituírem família, as raízes se fortaleceram, mas assim mesmo, a voz do sangue traía-os em diversas circunstâncias.
Na hora decisiva para o país, a atuação deles atirou a minha Pátria ao abismo dos infortúnios. . .

Os laboriosos,de maneira tranquila,na grandeza de seus corações lituanos,não sentiram, nem perceberam a aproximação da tragédia. Com sua retidão, não podiam imaginar que os lituanizadores israelitas, tártaros, poloneses e alemães, seriam os primeiros carrascos do COMUNISMO para guilhotinar a Lituânia.

Liudas, por exemplo, ainda nos tempos da Independência, se orgulhava por poder provar a sua origem não lituana-herbaciauskas que outrora disputou a cadeira de decano na Universidade Vytautas Didysis com V. Kreve, investia contra este,alardeando patriotismo, nas colunas do Jornal "O Lituano". Mais tarde, em Varsóvia — Polônia afirmou. . . "errei trinta anos me considerando lituano". O general Plekavicius inúmeras vezes vangloriava-se da sua origem bielorusso; de modo semelhante engrandecia-se todo demonstrando a sua descendência inglesa o General Teodoras Daukantas. Se formos enumerar os "lituanos" ilustres como os que citamos, faremos uma lista para a qual teremos necessidade de muito papel.

Quando a tranqüila Nação acordou nas horríveis masmorras — ficou atônita. Olhava toda confusa e incrédula ao redor. A foice, afiada e sangrenta, transpassando o coração vivo da Nação. . .

Foi esse o instante em que começaram a aparecer os verdadeiros líderes. O perigo mortal e o instinto de salvação da Pátria os forjou. Não eram os representantes decorativos, os heróis das fulgurantes condecorações. Eram lutadores para a vida ou morte. Destemidos. Temerários. Incondicionalmente, livres de compromissos, se atiram à luta pela liberdade e sobrevivência da Nação.

Enquanto os antigos, ou todos chefes, procuravam avaliar as possibilidades de combate com canções anti-bolchevistas ou boletins subterrâneos; enquanto muitos esperavam escondidos, os verdadeiros chefes se fundiam aos combatentes, se armavam por todos os meios, possíveis ou impossíveis.

Seus peitos representavam os escudos na defesa e proteção à aterrorizada Pátria, mergulhada em mares de sangue.

Jovens patriotas acharam seus meios de conseguir armas e munições. Entre os combatentes, se enfileiravam lado a lado, os estudantes e os camponeses.

Corriam rumores de que os amigos bolchevistas e nazistas não iriam manter a amizade durante muito tempo e por isso os lituanos deviam se organ zar, manter-se alerta e, no momento oportuno, de arma na mão reconquistar o que tão LEVIANAMEN-FOI PERDIDO.

Era comum verificar nos ginásios e outras escolas, os filhos de lituanos agirem em campo apostos; uns dedicando-se a organizar tudo que se relacionasse com o comunismo, outros fazendo entusiásticos preparativos de levante armado contra o invasor.

Naturalmente, cada grupo vigiava um ao outro e agia tomando as necessárias precauções. Os traidores e colaboradores do usurpador, de um certo modo envergonhavam-se dos colegas, enquanto os patriotas não queriam expôr-se a um perigo inútil com prematuras manifestações.

Assim mesmo, houve denúncias, porém poucas.

Citemos um caso para melhor ilustrar o ambiente paradoxal de então. O Major Giniotis do exército lituano, agora envergando o uniforme de Major do Exército vermelho, procurava convencer o seu filho único, ginasiano no oitavo ano de curso, a desistir do movimento subterrâneo, "que se apiedasse do pai e não ferisse o coração da mãe".

Retrucou o filho:

— Vós, já avançados em anos, privados do espírito da luta, a temem. Quem irá combater então? Vós tremeis pela própria segurança; quem irá, então sacrificar a própria vida e derramar sangue pela Pátria? Se não houver voluntários para expôr a sua vida em holocausto à Pátria, essa jamais recuperará a liberdade. . .

— Eu o compreendo meu filho disse o pai num tom em que havia resignação, dor e orgulho, que seja, mas tome cuidado com o filho do Coronel Rakunas, teu colega de classe. Se não me engano ele é secretário de um grupo pró-comunista no ginásio.

— Não se preocupe papai, ele também é lituano e não creio que seja um traidor. Ainda hoje tentarei atraí-lo para o nosso trabalho de luta subterrânea.

O pai se opôs, argumentando que o Coronel Rakunas era perigoso; ele sempre demonstrou maior preferência por línguas estrangeiras, além de outras coisas, que sempre considerou superiores às lituanas.

Transcorrem quase duas semanas.

No meio de uma noite tranqüila ouviu-se o ruído de batidas de uma porta sendo forçada. Todo trêmulo, o Major lituano do exército vermelho comunista, mal podendo controlar as mãos, abriu as portas. O filho dele vendo-se perdido e não podendo destruir os documentos comprometedores em tempo, jogou-os no cano de esgôto.

Em vão os acólitos da NKVD quebraram a mobília e viraram tudo de pernas para o ar, nada acharam. Os lábios de Arunas, o filho, estavam comprimidos, demonstrando a resolução de que antes morreria do que deixar escapar algum segredo. Ao se despedir do pai assim se expressou, quase num murmúrio:

— Não fique abatido papai; a Pátria precisa do sacrifício de seus filhos. Sem dúvida fui traído pelo colega Ricardas, filho do Coronel Rakunas, Infelizmente não agiu como lituano, mas como inimigo.

"Sim. Não agiu como lituano", concordou o pai, sem pronunciar as palavras. Contemplou em silêncio a casa revolvida, a cama vazia do filho, enquanto ouvia os soluços irreprimíveis da mãe, chorando a perda do filho único, vítima de uma traição.

O escravizador tentou por todos os meios esmagar a nascente reação do país, mas via os seus esforços baldados. Dia a dia crescia o número dos que procuravam as fileiras dos ocultos patriotas, dos que preparavam-se para a inevitável luta.

Uma só palavra em todas as bocas, lutar. A maior aspiração era servir à Pátria ofertando a vida o mais caro possível.

Há poucos meses atrás, o Comandante-Chefe do Exército Lituano era de opinião que a Nação não lutaria contra o usurpador e impôs esse ponto de vista ao Governo de então; agora todos percebiam que 90% dos lituanos, de livre vontade, sem propaganda, sem agitação, estavam prontos para combater o inimigo vermelho.

A situação chegou a um ponto em que as canções "revolucionárias" soavam de um modo cômico quando cantadas pelo ocupante e seus seguidores. As provocações de H. Blazas-Berzarykstis sobre a luta de classes e o antagonismo entre os lituanos, eram mesmo tiradas do monturo de lixo.

Quanta estultícia. Na Lituânia não existiam classes. Assim sendo, não poderia haver a "Luta de Classes" a não ser na mente de certos rabiscadores bolchevistas, cuja função consistia em cobrir o jornal de asneiras às vezes também a "literatura" premiada de certos "lituanos".

O que mais contribuiu, por certo, para essa forma de idéias, foram os fomentadores de desordem e seguidores exaltados de algumas doutrinas e, sobretudo, os russófilos. Uma coisa no entanto todos estavam percebendo; sem iniciadores, sem mercenários agitadores e propagandistas, sem programas, sem sectarismo constrangedor se forma um no-

vo e poderoso PARTIDO DOS LITUANOS. A esse "partido" pertenciam todos os lituanos que deploravam a Nação vilipendiada.

Gente que sempre foi indiferente à religião, cantava agora com lágrimas nos olhos, "Maria, Maria", que tornou-se como que um segundo hino nacional.

Para grande irritação do usurpador as igrejas ficavam tão lotadas, que não comportavam os fiéis que oravam ajoelhados suplicando misericórdia ao CRIADOR. Quanto mais os degenerados zombavam da religião na imprensa bolchevista, mais afluiam pessoas às igrejas e capelas. Os blazas, pakarkus, liepsnonis, tilvytis-roda, beliauskas, meskupas e gira, mantinham o fogo da artilharia anti-religiosa ininterrupto, mas de nada adiantava. O povo continuava orando pela religião ultrajada, pela Pátria espezinhada e a pedir forças para suportar a morte pela tortura.

Não sei por que motivo os nossos escritores não ornamentaram de roupagens literárias o movimento reacionário da Nação. Será que trinta e cinco anos é um lapso de tempo muito curto? Outras perspectivas próximas?

Os velhos religiosos sentiram-se como que esmagados pelo terror e, prostrados, encolhidos, não arredavam pé da paróquia. Eles não lutavam contra o medo da morte, enquanto os novos chefes espirituais, os pastores de almas, enfrentavam serenamente o destino das possíveis atrocidades. Falavam abertamente à Nação de viva voz. Davam exemplo de espírito de luta. Eram veementes nos sermões, inflamavam os ouvintes. Proclamavam o amor do Criador e à Pátria. Sabiam, mas não se incomodavam, que os espiões de NKVD (Polícia especial de torturas secreta-ML) os seguiam e ouviam. Sabiam que na noite seguinte podiam se achar nas câmaras de tortura dos sadistas do SÉCULO XX.

Aproxima-se o primeiro aniversário da implantação do terror. Quantas milhares de pessoas torturadas? Quantos agonizam nas prisões? Quantos são seviciados nas câmaras de tortura da NKVD? Quantos milhares já foram enviados às prisões da União Soviética e Sibéria?

A Pátria está devastada. A lavoura do país está destruída. Dolorosa apatia oprime a laborioso sitiante lituano, quando qualquer um quer trabalhar, fertilizar a terra, semear, mas os conselheiros em agronomia são ignorantes, (semelhantes ao "agronomo" Naujalis de Garliava), cuja verdadeira função é servir de espiões do partido.

Os trabalhadores das fábricas, durante o regime smetona-capitalista trabalhavam oito horas por dia, agora são obrigados a trabalhar dez, sendo que seu poder aquisitivo é a metade do tempo anterior.

Talvez o nome do "Governo dos Trabalhadores" provem do fato de que os totalitários vermelhos, depois que liquidam com o trabalhador, jogam o seu cadáver no tôpo de qualquer elevação. Os Stachanovo, os Spartuolis criaram normas socialistas impossíveis de serem cumpridas por um trabalhador comum. Os cursos noturnos de "doutrinação política" contribuíam para aumentar a fadiga e a irritação. Depois de um exaustivo dia de trabalho, nada pior que ficar ouvindo a interminável e nauseabunda mentira da "agradável" forma de vida introduzida pelos soviéticos. Freqüentemente era forçado a mandar telegramas de agradecimento ao "pai-sol" pelo destino, dia a dia pior, do trabalhador.

Os mestres-escola, os instrutores, tinham de incutir nas crianças o respeito ao terror nos seus corações o amor aos assassinos usurpadores e escravistas. Tinham por obrigação arrancar das suas almas inocentes, para conspucar-las, o pendor espiritual para a religião e as primeiras preces ensinadas pela mãe.

Diariamente as mercadorias de consumo geral desapareciam das vendas e quando surgiam, os preços subiam de uma maneira nunca vista.

O Presidente do Conselho de Ministros, Mecys Gedvila, acusou pelo rádio os capitalistas, os sabotadores, os inimigos do povo e outros elementos similares como culpados, garantindo que com a eliminação deles, a vida, logo melhoraria.

Diariamente, de trem, chegavam da Rússia grupos de servidores e funcionários do Governo, instrutores, "educadores" especialmente escolhidos e outros. Todos famintos e andrajosos, mas bem providos de rublos.

Esse afluxo de gente agravava a situação do país, e a minha Pátria, antes tão bela, estava desfigurada pela miséria.

Na imprensa emudecem os cantos revolucionários que tão calorosamente se expressavam; até o rouxinol de Stálin-Salomeja Neris, deixou de escrever hinos em homenagem ao NERO de GEORGIA, bárbaro século XX até o revolucionário Antanas não queria seguir "com Stálin rumo ao sol", apesar de toda proteção de que gozou.

De nada valia esse retraimento, agora que o mal estava feito. Assim mesmo, trumpickis, zukas, blazas e liepsnonis, espumavam amaldicoando os burguezes por meio das publicações do Agirpropas, às quais ninguém punha a mão.

Cvirka e Gira com suas consciências mortas, ainda invectivavam os capitalistas, os burguezes cuspiam ao falar deles, no entanto, nada tinham que temer deles, a não ser que seus espectros se erguessem da cova e os perseguissem, especialmente Cvirka, que se instalou na mansão de um antigo milionário.

Moscou não se cansava de exigir a extinção dos burguezes, o último foco de exploradores. Na falta desses, iam os que eram denunciados ou suspeitos.

Estando uma vez detido, era considerado culpado para todos os efeitos. Das unhas da NKVD só escapam aqueles que assinam uma declaração e se prontificam a espionar seus antigos companheiros e os entregar aos soviéticos.

Sorte igual à de Bronys, hoje na Inglaterra, foi dada a bem poucos. Eram casos excepcionais e a sua raridade também favorecia a NKVD.

A União Soviética, a essa altura, estava preparando uma arremetida das mais violentas, monstruosas e medonhas à escravizada, aterrorizada e profundamente ferida Pátria dos meus ancestrais.

IX

O TERRÍVEL MÊS DE JUNHO

Implorando uma gota d'água
Com os lábios crestados
Mas como enternecer o carrasco?
Mesmo a seus pés ajoelhados. . .

O plano de Sierov, comissário de Defesa da União Soviética, fotocopiado e divulgado no primeiro tomo dos Arquivos Lituanos, ultrapassa em tudo o que a imaginação possa conceber em ferocidade e bestialização do homem. O plano envolve cerca de 700.000 lituanos. De cada três habitantes da Lituânia, um está destinado a ser triturado, qual trigo no moinho, pelo Camarada Sierov. (Já liquidado, entrou no INFERNO – Autor).

Durante os últimos trinta e cinco anos muito se escreveu, tanto na imprensa lituana do interior como nos de outros países, mesmo no Brasil, sobre o inolvidável Junho Terrível. A parte culta da humanidade sentirá em todo o seu horror os acontecimentos, mesmo depois de transcorridos dos mil anos..

O terror engendrado e posto em prática pela Defesa da União Soviética, não pode ser equiparado com qualquer fato histórico que se celebrizou por sua selvageria e desumanidade. É muito duvidoso que os tempos da invasão dos bárbaros, do vandalismo e da escravidão possam servir de exemplo.

Com a constituição staliniana, a "democracia" soviética atingiu o apogeu em matéria de perpretação de suplícios ao ser HUMANO. Seu terrorismo alcançou o ápice, limite que não pode ser ultrapassado.

Que os onipotentes mongóis procedessem com ferocidade, ainda compreendia-se, pois a brutalidade os caracterizava, mas os lituanos huzevicius, snieskus, liniovaitis, palevicius, bocanskas e bardauskas acertarem e executarem as determinações e ordens dos soviéticos com diligência, desnorteava o cidadão comum, tornava confusa a sua mente.

DIA 14 DE JUNHO, véspera do primeiro aniversário da escravização da Lituânia, marca o início do extermínio definitivo da Nação como entidade física. Os milhares que até essa data foram presos, torturados, fuzilados, desterrados, não satisfazem os escravizadores sedentos de sangue. Não satisfez, tampouco, os trânsfugas nativos que perderam os últimos vestígios de humanidade e sentimento lituanos. O esforço e o zelo em seguir as instruções de Sierov com cem por cento de dedicação, faz com que não sejam mais convocados ao tribunal da HISTÓRIA da Nação Lituana, porque, no caso, deixam de ser dignos de serem considerados como humanos e passam à condição de feras. Não é possível julgar uma fera bestial e assassina. O único meio de lidar com elas é destruí-las.

Nesse bando de animais selvagens podem se incluir todos os que podiam, mas não ergueram a mão em protesto contra os sinistros desígnios de usurpador GENOCIDA. Dos bolchevistas e seus seguidores ninguém abriu a boca. Nenhum "HUMANISTA", poeta ou intelectual disse uma palavra opondo-se à brutalidade e despotismo bárbaros. Onde se achavam nesse tempo os DISSIDENTES, que HOJE são "HERÓIS". O camarada "Presidente"? O que fazia o Conselho de Ministros? Onde estavam os camaradas parnarauskas, glusauskas e pakarklis? O que cantavam o "rouxinol staliniano" Salomeja neris" e os "democratas" dovydenas, garmus e rukas? Onde se achavam as centenas, a eles semelhantes, cultuadores do bestialismo? O camarada blazas em companhia do "Presidente", em público, chamava de vagabundos e prostitutas os mártires do Junho Terrível, para mais tarde negar, benzendo-se. Os camaradas tilvytis e cvirka chegaram ao ponto de criar uma sátira, de como entre as segaduras e as colheitas, repontou o general na luta pela liberdade, com sacola de mendigo, rumo à Sibéria, para enfeitar-se com estrelinhas de gelo.

Se um outro dessa "companhia", afirma hoje que não podia evitar o massacre da Nação, por não ter tido forças para tanto, então por que mostrou-se solidário na flagelação e tortura do país? Quais os protestos que apresentaram ao escravizador ou renúncia aos altos postos que ocupavam?

Não é não. Tudo indica que seus olhos estavam cobertos por um véu vermelho,

através do qual não enxergaram os padecimentos e as angústias da Nação.

No entanto, houve tempo para enxergar.

O fato é que 25 bocas não se abriram. Não mexeram dedo.

Uns, zombando abertamente, outros silenciando, colaboraram com os algozes. Ambos, são igualmente culpados.

Seria admissível, se a monstruosa ferocidade demonstrada fosse atributo exclusivo dos mongois e se não houvessem evidências do apoio prestado pelos compatriotas parasitas.

Tudo indica que colaboraram. Colaboraram demonstrando zelo e esforço maior que o exigido. Eles se aproveitaram da "rara oportunidade" para formar listas dos desafetos pessoais. Eles se apressaram em destruir os que por seu talento, sua capacidade ou intelecto lhes faziam sombra. Se apressaram também em destruir os que sabiam das suas atividades ilícitas, ou então, os que podiam ser rivais da disputa pelo prato da refeição russa.

De acordo com as declarações do ex-Comissário Glusauskas, os russos exigiram do Conselho dos Comissários a aprovação do plano de desterro de 700.000 habitantes para a Sibéria. O plano não foi levado a efeito devido à guerra. Assim sendo, o "camarada" Jurgis Glusauskas, atualmente redator de O LITUANO da Austrália, empenhado com os Dubrowskys russos em despertar o patriotismo dos compatriotas, confessa cinicamente ter sido um dos que aprovaram o genocídio da Nação. Se a guerra tivesse estourado alguns meses mais tarde ou mesmo nunca, ele hoje se sentaria em companhia dos que devastaram e aviltaram a Pátria.

O camarada Donatas Roda (braço direito de H. Blazas, pessoalmente conduzia gente da NKVD à residência dos jornalistas e entregou onze deles às terríveis presas dos carrascos. Por isso é "reverenciado", e com o título de principal redator continua instalado em VILNIUS. Outro "amigo de coração" de H. Blazas e Palecks, anunciou pelo rádio que o desterro se limitava aos criminosos condenados e que a Nação podia ficar tranqüila.

É chocante e inacreditável que durante o sanguinolento terror nem um Ministro atirou a pasta ao ocupante. Nem um Comissário correu o risco de evitar ou tentar retardar a execução do plano de Sierov demonstrando que seu coração de lituano não estava inteiramente morto.

Deviam protelar. Apresentar dificuldades de "ordem técnica". Não conseguindo deter a brutalidade do plano, deviam se afastar, desertar, se refugiar nas florestas, mas jamais cobrir de sangue as mãos no massacre dos inocentes.

Assim teriam agido as pessoas que tivessem um pingo de sangue lituano. . .

É lamentável. Não fui eu o único que lhes vias as feições. Ouvi as suas conversas durante a terrível semana de junho. Seus focinhos nutridos estavam sempre retorcidos de satisfação e sarcasmo durante as convulsões de agonia de Nação.

Os mais "sensíveis" comentavam a meia voz de não ser oportuno a proclamação do estado soviético em relação ao total do empréstimo, mas, submissos, se curvaram à vontade do partido, concordando com a tese de que os que sobrevivessem ao terror seriam mais dóceis. A Nação no limiar da morte, impassível, deixaria que lhes arrancassem a camisa do corpo, para que os degenerados da Pátria melhor se nutrissem; uma Nação seria sacrificada para manutenção de um punho de desalmados bonzos dos soviéticos.

À noite imperava o terror, durante o dia se assinava a lista do Empréstimo Federal. O Bolchevismo procurava tirar proveito de tudo; rápinagem e assassinato. A Bandeira introduzida por Peleckis e Cia devia ser encharcada de lágrimas de sangue dos li-

tuanos. A constituição staliniana devia "proteger" a Nação escravizada, para que mais depressa desaparecesse da superfície terrestre.

Os inválidos e os doentes fazia anos que não podiam se mover fora dos leitos; os anciãos, trêmulos e decrépitos, no limiar do último suspiro; crianças de colo que, despertadas do sono, olhavam sorridentes para as ferozes feições dos carrascos. Todos como "inimigo do povo" eram considerados pelos tiranos vermelhos e, portanto deviam ser destruídos. Destruir, sim; porém, nada de morte rápida. Não, isso seria demasiado suave e tal método não convinha aos bolchevistas.

É preciso que tenhamos alguma satisfação que só será proporcionada por contemplação de seres-vivos sofrendo atrozmente as piores torturas. Acabar com eles pela sede, pela fome e pelos golpes desferidos pela turma feroz da NKVD (Polícia secreta especial para torturas).

– Por que? Qual é a causa, o motivo?

– É inútil tentar obter a resposta.

Sem qualquer resultado, milhões clamariam, noite e dia.

– Por que? ? ?

Ninguém, realmente ninguém responderá, porque no sistema de Governo das bípedes feras tal pergunta não existe.

Qualquer dos senhores que não viram com os próprios olhos o quadro; os que não sentiram o coração dilacerado por um suplício pior que a morte; os que não sucumbiram de dor pelo horror presenciado. Os senhores leitores, gravem nos seus corações, nas páginas a seguir, um dos quadros dentre milhares, em todo seu cruel realismo.

Caro leitor, pode ser que seja um humilde operário. Deve ter sua família. Uma adorável esposa. Duas crianças. Nunca na sua vida envolveu-se em questões políticas. Política era coisa que não interessava. Vive trabalhando para manter a família. Conscientemente cumpre o seu trabalho. É indiferente em questão de patriotismo.

Pouco liga a forma do Governo. Por esses motivos sente-se tranqüilo, com a certeza de que uma vez que não fez mal a ninguém, também não será atingido por alguma maldade. É muito provável que não é político não quer saber quem luta contra quem ou se mantêm relações de amizade com alguém envolvido, nada tem há ver com política.

Todo ser vivo está sujeito a uma repentina desgraça. . . As vezes a desgraça é de tais proporções, que o indivíduo mais cauteloso não pode evitar.

Imaginemos que um dos seus colegas de trabalho, um homem correto aliás, lhe peça no dia do pagamento um empréstimo de dez rublos. O senhor reflete; os tempos não andam bons e esse dinheiro pode fazer falta; mas é possível que para o colega faça mais falta e, por fim, acaba entregando o dinheiro sem perguntar quando seria devolvido, Seu colega, suponhamos, raciocina dessa forma: ele hesitou, - emprestou contrariado. Ora, ele vive melhor que eu, veste melhor. . . Um pouco de inveja que se insinua é bastante. Na primeira oportunidade, como que por acaso, ele deixa escapar algumas palavras ao secretário do Partido da localidade, dando a entender que o senhor não está satisfeito com o regime vermelho, tendo se queixado da vida difícil, etc. . .

O secretário do partido age como se demonstrasse pouco interesse, como se mal tivesse ouvido. Seu colega logo esquece o "insignificante incidente", mas. . .

O senhor estava longe de imaginar que o seu nome já constava na lista dos incursos.

– Quatorze de junho. É próximo o alvorecer. A sua casa está silenciosa. É hora em que o sono é mais profundo e agradável. De repente estrondo, a porta é aberta

com violência. A casa é invadida por um grupo de mongóis liderados pelos secretários do partido local. Acusam o senhor, sem mais preâmbulos, de "inimigo do povo". Dão-lhe meia hora de prazo, na melhor das hipóteses uma hora para que ajunte o que lhe é indispensável para vestir, formar uma trouxa, que a viagem será longa.

É inútil alegar ou protestar inocência; não tomam conhecimento. Consideram-no culpado e isso para eles é bastante, as lágrimas de sua esposa desfalecendo não os comovem. São insensíveis ao choro das crianças que despertaram.

São todos atirados num caminhão e levados em seguida à próxima estação da estrada de ferro. Ordenam-lhe que se despeça da família, porque está destinado a nunca mais ver os seus.

É difícil reunir forças para desprender do seu pescoço o abraço desesperado do seu filhinho em lágrimas, ou da filhinha que aos soluços e gritos procura se agarrar com suas frágeis mãozinhas ao seu corpo. Pela última vez o senhor os acaricia e beija suas faces cobertas de lágrimas. Mas, não por muito tempo.

Os guardas carrascos, à força, arrancam-no sem modos dos braços dos seus familiares. Enfiam-no num vagão do qual todas as fendas foram cobertas com tábuas. O vagão está superlotado de outros infelizes e, no entanto, mais deles estão sendo empurrados para dentro à coronhadas de fuzís nas costas.

Com grande estrondo, as portas do vagão são corridas e fechadas. O senhor se sente prensado entra uma grande massa dè seres humanos vivos. Não é possível se mexer. A respiração é quase impossível. O ar viciado, o suor e a sede faz com que se veja na iminência de desmaio. Por sorte, o senhor é de constituição física robusta. Consegue resistir. Com os dentes cerrados, vai suportando.

A grande massa humana que o cerca, tem igual destino. Muitos não suportam. Ouvem-se choros, soluços, lamentações, gemidos. O senhor ainda não teve a oportunidade de ver um homem chorar e seus cabelos se eriçam ao testemunhar o fato.

Sente o seu coração oprimido ante a dolorosa pergunta; o que acontecerá à amada esposa? os amados filhos?

A fome ainda não se fez manifestar, mas a sede o atormenta; a garganta parece estar sendo devorada pelo fogo.

Passa um dia, uma noite. O dia novamente. O suplício da sede e da fome acrescidos de um cheiro nauseabundo, o esmagam. A Cabeça lateja e parece que irá explodir de tanta dor e do ar fétido. Os seus olhos já se habituaram às densas trevas e começaram a divisar alguma coisa. Começa a distinguir algumas fisionomias desfiguradas pelo sofrimento. Começa a notar, caídos no chão, os corpos dos que desfaleceram; alguns, talvez, mortos. Quando o cheiro de carne putrefata lhe chega às narinas, o talvez cede lugar à certeza.

No meio das trevas os cadáveres e os corpos dos que desmaiaram se confundem. Ao lado um amigo de infortúnio procura com os dentes romper as veias dos pulsos, na tentativa de por fim aos próprios padecimentos.

Em seguida, a sua atenção é desviada para um outro, alguém que não suportando o horror, perdeu a sanidade mental e que – ria, ria, ria. . . O seu riso tinha um que de tão sinistro, que um calafrio o percorria. Um outro, de desespero ou de um ataque de loucura, procura arrancar a própria língua. Na fatigante tentativa acaba sentindo falta de fôlego. Começa a extertorar, surge uma espuma avermelhada na boca e, por fim, cai inconsciente.

É difícil dizer quantas paradas o trem fez. Finalmente as portas são abertas. Aos vivos, e isso o inclui, recebem um gole d'água. Acompanha uma côdea de pão. Em seguida vem a ordem para que os cadáveres sejam atirados fora. Com os dedos entorpecidos, a sensibilidade atrofiada, pegam os corpos e rolando-os jogam-nos para fora do vagão, a uma valeta que beira a estrada de ferro, numa erma planície.

Agora, dentro do vagão, há mais espaço e a respiração é nítidamente melhor. As esperanças não estão completamente perdidas. O trem, lentamente vai avançando rumo ao desconhecido. Perdeu a noção da contagem do tempo, quando de repente verifica achar-se em KARAGANDA.

Os trêmulos sobreviventes da longa viagem, são atirados pelos mongóis às barracas envoltas de arame farpado. Arrancam do seu corpo as roupas decentes e em seu lugar lhe dão mantos de lona; isso é a sua camisa, seu paletó, sobretudo, numa palavra a única roupa. À noite ganha uma concha de uma mal cheirosa sopa.

Na manhã seguinte, à força de coronhadas, os ferozes de olhos oblíquos mongóis, os impelem para trabalhar nas intermináveis florestas do Norte, para abater árvores.

Somente agora o seu destino tornou-se claro. As forças como que o abandonam de repente. Uma fraqueza geral o envolve. A vista escurece. As mãos tremem. A gigantesca serra pesa-lhe demasiado. O guarda o insulta e dá-lhe ponta-pés. Num dos golpes as ferradas botas o atingem na têmpora. O sangue tinge a neve sobre a pisada relva, mas, o senhor já não vê. A morte sobrevém como libertadora, a piedosa pacificadora. A esperada hora chega e com seus dedos gelados fecha as pálpebras sobre os seus olhos. No seu último instante de consciência surge a visão rápida da companheira da sua vida. Sente, num momento fugaz, a carícia do abraço dos seus filhinhos no pescoço. No último alento, quando a sua sangrenta face começa a enrijecer, sente os seus rostinhos molhados. Os tímpanos dos seus ouvidos são como que feridos por uns gritos agudos e cortantes: Papai! Papai!

E a vida então o abandona.

O seu cadáver recebe ainda um último ponta-pé de um odioso, bem nutrido e desalmado guarda. No seu lugar, junto à serra põem um outro preso mais forte, mais rijo, mais resistente. Com os dentes cerrados, seu corpo encurva-se servilmente para pegar a serra. Irá abastecer a União Soviética com a riquíssima madeira que será exportada para a INGLATERRA e outros países do OCIDENTE.

Pouco importa que alguém trabalhou por pouco tempo e não resistiu. Existem muitos que são bem fortes. Chegam a aguentar anos inteiros. No lugar dos que tombam, os vagões trazem novas remessas e despejam nova mão-de-obra, aos milhares, às centenas de milhares, milhões. . .

Os senhores não podem ignorar que os países ocupados são para a União Soviéti-

ca os celeiros HUMANOS.

A Rádio de Moscou anuncia ao mundo: "Milhares de habitantes da Lituânia Federalista e de todos os Países Bálticos pedem insistentemente para serem enviados ao Extremo Oriente, longe da ameaça da guerra. A União Soviética não repeliu os apelos do povo lituano e lhes proporcionou excelentes condições para se locomover com suas famílias e seus pertences às regiões orientais do país soviético. Por esse motivo, por meio de milhares de telegramas, respeitam e agradecem ao Governo da União Soviética e ao Comandante Pai do Povo Trabalhador, O mestre, o camarada STÁLIN. O Sol" . . .CARRASCO DO SÉCULO XX – (AUTOR-M.L.).

"Quem diria – pensam os habitantes do mundo Ocidental. Parece que ninguém os desterrou para nenhum lugar. Tudo foi voluntariamente e com agradecimentos. Todos seguiram de "livre vontade" para o ORIENTE. Não existe terror, força, atrocidades, desterros. Tudo não passa de propaganda dos inimigos da União Soviética, dos seus detratores".

Seja. Que importa se o mundo OCIDENTAL LIVRE crê tão CEGA e INGENUINAMENTE. Mas. . . como explicar o "elemento criminoso", sujo de terror, ir também para a Sibéria, conforme o próprio "presidente" Paleckis proclamou pela rádio de Kaunas e Vilnius?

Será que os criminosos soviéticos vão à Sibéria voluntariamente? De onde surgiram na Lituânia tantos delinqüentes e marginais, para os quais as cadeias locais não são suficientes e que para exportá-los é preciso vagões as dezenas? ?

Enfim, seja: admitamos que os lituanos se tornaram todos criminosos, os quais deviam ser eliminados pela fome ou pelo frio. Neste caso onde estão os julgamentos democráticos, as provas da culpa, os processos, tudo que se relaciona com a justiça? É possível num país democrático, organizado, condenar uma pessoa por ordens superiores? O que dizer então, quando trata-se de milhares de pessoas? E se forem milhões?

E os fisicamente deficientes? Os doentes? As mulheres idosas? As criancinhas? O julgamento em bloco de Nações inteiras?

Essa é a face verdadeira da "democracia Soviética"

Mas, voltamos à sua querida família.

A sua esposa não se conforma em viver separada do marido. Lembra-se que ela foi arrebatada à força dos seus braços. Dois agentes especializados da NKVD levaram-na inconsciente e jogaram-na em outro vagão. As crianças são atiradas junto e em seguida as portas são fechadas. Sua filhinha grita incessantemente e repete sempre a mesma palavra até a rouquidão:

– Papai. Papai.

Neste vagão se achavam unicamente mulheres e crianças. Meninos maiores de dez anos seguem junto com os homens.

Como o outro, esse vagão está lotado. Somente algumas mulheres podem sentar. As mais jovens encostam-se às paredes com os filhos nos braços, mas todas choram.

Um coro alucinante de cem vozes soluçantes. Lentamente os gritos das criancinhas vão diminuindo. É a rouquidão que sobrevêm. Algumas desmaiam devido ao ar denso demais, assim como algumas mulheres de compleição física mais frágil.

– Água. Água. . .

– Uma gota d'água, pelo amor de Deus. . .

A frase é repetida e repetida por todas, qual prece. Essas súplicas tem algo de loucura e horror.

A saúde da sua esposa não é das melhores. Seus braços entorpecidos não conseguem suster as duas crianças, que aos poucos vão escorregando para o chão, o ar é mais viciado e denso. O calor implacável do mês de junho se faz sentir.

O trem corre e corre monotamente rumo ao leste. Nas paradas e estações as portas não são abertas. As padecentes mulheres cessaram os gritos e lamentações, devido à rouquidão. Cessaram as lágrimas, pois esgotaram-nas. As horas vão passando. Por entre minúsculas fendas, se percebe o dia susceder à noite, a noite ao dia. Algumas, mais fracas ou doentes, já se despediram da vida.

Os lábios dos seus amados filhos incharam apresentando diversas rachaduras. Os olhos dilatados, com olheiras, as vozes inaudíveis, que as lágrimas e gritos estancaram.

Um grito rouco e selvagem se ouve de repente. É a sua esposa. As companheiras querem acudir e consolar, mas os lábios inchados e as vozes roucas tal não permitem. A mãe sentiu o corpo do filhinho, encostado ao seu corpo, se enregelando. Toda trêmula deita-o no chão, como se temesse despertá-lo. O SONO, porém é ETERNO. A esperança e a alegria da sua família jamais acordará.

A mãe ainda tem fé de salvar a menina. Ela é maiorzinha e mais forte também. Pelo menos, se pudesse obter uma gota d'água para umedecer os lábios crestados da criança.

O trem para. Nas imediações circulam inúmeros guardas. Cantarolam em russo. A sua esposa com voz rouca e muito enfraquecida os chama e implora um pouco d'água para a criança moribunda. Ela fala perfeitamente o idioma russo e tenta comover o coração da fera bolchevista.

— NÃO.

Se ouve um breve e cortante "MOLCHAT" e, os passos de quem as proferiu vão se perdendo à distância. Palavra "Molchat" — CALABOCA. . ."

A menina está desmaiada mas a sua respiração é fraca. Na próxima parada as portas se abrem e todas notam que se acham no meio de uma floresta.

— Fora com os cadáveres. — Soa a breve ordem.

A tarefa cabe às próprias mulheres. Elas porém sequiosas de ar fresco, procuram vivificar os pulmões e de enfraquecidas não se mexem do lugar.

Os mongóis enfurecidos sobem aos vagões e jogam os cadáveres à valeta que ladea a estrada de ferro. A sua esposa abraça firmemente o cadáver do menino. A criança do seu sangue, mesmo morta lhe é cara. O mongol, à força, arranca-o dos braços da mãe e agarrando o corpo por uma das perninhas atira-o fora.

A mãe, desvairada pelo horror, aperta contra si o corpinho desmaiado da menina. O feroz asiático agarra a criança e se empenha em arrebatar o corpo dos braços da mãe. Aos gritos e gemidos lancinantes a mãe diz a criança não está morta, vive ainda, está desmaiada, apenas. Se a menina obtivesse um pingo d'água, imediatamente, abriria os olhos.

Ela não larga a menina. Convulsa, enterra as unhas nas roupas da menina. Cai aos pés do mongol, beija e alisa as enlameadas botas dele. Implora e suplica pela criança, procurando certificá-lo de que a menina está desfalecida, talvez adormecida.

Tudo isso tem a duração de uma fração de tempo ínfima. Pregueja o molgol e com força joga a mulher contra a parede, enquanto a MENINA VIVA AINDA, COM TRÊS ANOS DE IDADE É ATIRADA PARA FORA DO VAGÃO. SEU CORPINHO ATRAVESSA A VALETA, BATE NO MURO E CAI, ROLANDO JUNTO AO CORPINHO DO IRMÃO. NUMA SEPULTURA COMUM.

— Nitchevo. (Não é nada — palavra original — Autor) diz em tom humora-

do, a fera humana. Não é nada. Se não morreu, morrerá. Maldita semente burguesa, que a mãe. . .

As portas se fecham novamente. As crianças que restaram são as que tinham alguns anos mais. Os menores não suportaram. Todos ficaram na valeta no trajeto pavoroso rumo à Sibéria.

Todos sabem que o "pai-mestre, o "camarada sol "Stálin, ama as crianças". de Propagandas deste gênero, a Lituânia estava saturada. Havia quem nelas acreditasse.

Corre o trem novamente, com raras paradas. As mulheres e as crianças sobreviventes ganham um pouco d'água e algumas fatias de pão preto. A morte pela fome e sede, está momentaneamente afastada.

Por fim a última estação, NOVOSIBIRSK. Lá são baldeadas para embarcações do Rio OBI. Navegam durante dez dias. Chegam às regiões ricas em florestas, VASTUGYN. Depois que desembarcam, são obrigadas a erguer com as próprias mãos as barracas para nelas morarem.

Sua esposa, como as outras infelizes, torna-se lenhadora. A tarefa a executar é superior as debilitadas forças das coitadas. Para cada quatro metros quadrados não executados, tem como castigo reduzir de 50 gramas a ração de pão, cuja diária é a insignificância de 250 gramas.

A sua esposa, tendo perdido o marido tão inesperadamente, depois de ter visto com os próprios olhos a horrível morte de sua filhinha, trabalhava silenciosamente, mantendo a boca sempre cerrada.

Ela não chora e não se queixa como as companheiras do mesmo destino. No seu íntimo suplica pela morte, mas tirar a vida por seus próprios meios, não tem coragem. Sem movêr os lábios ela ora pelo seu marido e os seus filhos. Com poucas forças que lhe restam se dedica ao seu trabalho de dificílima execução.

As mulheres não mais se impressionam e não se comovem com as que tombam mortas. A maneira como trabalham e a paciência com que suportam o infortúnio, causa admiração aos desalmados guardas. Entre essas a sua esposa é que mais se distingue. Um dia escolhem-na para trabalhar na cozinha do acampamento. Ali as condições são um pouco mais suaves. Deixa de sentir o aguilhão da fome. Lentamente recupera as forças que a tinham abandonado.

Passam-se meses. Aproxima-se o terrível inverno de Sibéria. Um dia o Chefe dos guardas chama-á à sua presença. Ela luta com todas as suas forças, mas o bem NUTRIDO MONGOL consegue subjugá-la. Depois de violá-la atira a vítima ao campo de neve.

Na manhã seguinte, novamente ela é mandada ao antigo trabalho. Encolhidas e trêmulas, cobertas de trapos, as mulheres se arrastam para executar a tarefa cotidiana. A sua esposa trabalha com as poucas forças que lhe restam. Um dia não suportando mais, já sem forças, desaba sobre um monte de neve. Os guardas aos ponta-pés procuram fazê-la se levantar. Ela, porém, não os sente mais. A morte sobreveio rápida.

O senhor com sua família contribuíram para o lançamento do "grandioso e belo edifício da Pátria Socialista" e com suas vidas deram-lhes alicerces. Após, virão milhões de outros, mão-de-obra indispensável na "construção" da obra!

Não é fascinante e atraente o paraíso soviético?

Para viver nesse "extraordinário" regime, não sonham milhões de operários explorados e oprimidos de todos os países capitalistas?

A sua família representa um átomo, à semelhança da minha Pátria, uma gota no

imenso oceano de sangue da União Soviética!

Retratamos o destino de uma família por uma "culpa" considerada das menores! Não se removeram voluntariamente? Uma amável solicitação que foi atendida!

Na Lituânia ficaram as cadeias abarrotadas! Os campos de concentração!

Dessas "paradisíacas instituições" é inconcebível pretender a remoção de todos os prisioneiros à Sibéria. A guerra estourou entre dois bestiais inimigos, um tanto repentinamente. O que podem esperar os "inimigos do povo" amontoados nas cadeias, sendo a maioria sitiantes que não conseguiram suprir o Governo com os cereais, carne, etc. . ., para a insaciável "contribuição ao Governo".

Não poucos de nós lemos os trabalhos de Rosa Luxemburg e outros autores notáveis, apologistas do COMUNISMO, que com brilhante realismo retrataram os horrores que sofreram os prisioneiros nas cadeias tzaristas. Nos seus escritos, eles sempre falavam em razão, justiça, humanidade, do ponto de vista do homem sentenciado. E por que os atuais "laureados de Stálin" esqueceram a Justiça, o sentimento humano e evitam escrever sobre o que se passa nas prisões soviéticas?

Será por que a cadeia tzarista pareceria uma brincadeira se confrontada com a da "Democracia Soviética"?!

As prisões da Lituânia independente, à exemplo das outras nações do Ocidente, eram sempre modernizadas. Com a sorte dos prisioneiros se preocupava a Irmandade de Proteção aos Sentenciados. Fazia-se de tudo para suavizar as condições de vida dos prisioneiros. A perda de liberdade não devia significar a impossibilidade de recuperação social. Era preciso que a pessoa, uma vez recuperando à liberdade, depois de cumprida a sentença, estivesse moralmente mais forte, mais confiante nas novas condições de vida, para evitar que reincidisse, para que deixasse de ser um encargo à sociedade.

Isso acontecia nos "terríveis" tempos do regime smetonista. Agora, vela por nós a "Democracia Popular Stalinista"!

As nossas divindades federalistas há muito que repeliam o tratamento burguêz em relação aos prisioneisos. Seu objetivo era destruir, e não recuperar o criminoso, ou então, transformá-lo num bolchevista!

Que fértil a imaginação deles em matéria de torturas infligidas ao homem. Não existe comparação possível. O sentenciado, segundo o sistema soviético, não tem direito a jornais, livros, alimentação decente e higiene adequada; negam-lhe até a luz do sol e o ar! As "janelas" das cadeias são pregadas com caixotes, para que entre o menos possível de luz. O prisioneiro soviético não pode obter nada, excetuando a tortura. No ato da prisão cessa de ser gente. Torna-se um número zero. Qual um objeto vivo é entregue aos mais atrozes suplícios para gáudio e bestialidade dos sádicos.

E quando a guerra começou, viram que não teriam tempo suficiente de evacuar os prisioneiros para as profundezas da Rússia. Libertar os numerosos inimigos do povo vivos era inadmissível. Não se podiam soltar os descrentes da "religião" COMUNISTA. . .

A única solução eficaz, tipicamente soviética, era liquidar a todos.

Sem inquérito. Sem julgamento. Sem um elementar interrogatório. E para que julgamento se o homem já estava preso? Pois não era ele um simples número? A diferença é que agora serão exterminados em prazo de tempo muito curto. Podem até agradecer, por que se trata de um benefício. Quem conhece o terror soviético, sabe que o que menos eles distribuem são amabilidades.

Tomada a decisão de liquidar os prisioneiros, eles tinham que achar meios de fazer rapidamente, o que em outras circunstâncias levaria longos meses, talvez anos!

Exterminar rápida e eficientemente, de tal forma que os mais ferozes algozes, com toda sua selvageria, não conseguiriam!

"Desgraçadamente" os bolchevistas se enganaram em alguns cálculos e não puderam executar o plano satisfatoriamente. Os tanques e bombardeiros alemães atingiam-lhes os calcanhares!

Mas, algum tempo houve.

Como exemplo, demos uma olhada a Pravieniskes. Aqui se achava, não apenas a cadeia, como também o acampamento de trabalhos forçados para os sitiantes e operários. Os prisioneiros trabalhavam em turfas. Cabia a cada grupo de 35 sentenciados, 12.000 unidades de turfas diárias. Para quem não cumprisse a terefa, o cárcere.

Na véspera da eclosão da guerra, ali existiam 450 prisioneiros, 50 guardas e mados invadiram o acampamento. Eram cerca de cem, todos ferozes. Levaram para o bosque e lá fuzilaram 17 guardas. Os prisioneiros se mantiveram quietos.

Se os bolchevistas liquidaram os vigias, os prisioneiros podiam ter a esperança de recuperar a liberdade? E recuperaram! Para a ETERNIDADE.

esperança de recuperar a liberdade? E recuperaram!

Com granadas e tiros de automáticas, mataram os servidores administrativos juntamente com a família, não se apiedando nem de crianças do colo. Não se importavam de que estavam matando servidores bolchevistas, tudo se esclareceu: não queriam testemunhas sobreviventes para relatar os horrores praticados. Assim mesmo, algumas sobreviveram!

Tendo liquidado a questão com os guardas e a administração, reuniram todos os prisioneiros no pátio rodeado por cercas de arame farpado e a tiros de metralhadoras abateram todos. Alguns que foram levemente feridos, protegidos pelo cadáver do companheiro caído por cima, escaparam com vida, (COMO PRÓPRIO AUTOR, TESTEMUNHA SOBREVIVENTE). Os bolchevistas jogaram algumas granadas onde chegou a se formar montes de corpos e depois com as mãos liquidaram os que davam sinais de vida.

Naquele preciso momento na estação da estrada de ferro de Praviniskes, um grupo de agentes da NKVD travou um tiroteio com os guerrilheiros. Os assassinos bolchevistas, não tendo conseguido matar a todos, abandonaram às pressas o pavoroso e terrível acampamento do crime e da morte.

Mas tarde, alguns dos feridos (mesmo o autor), conseguiram se arrastar até a próxima aldeia e sobreviveram como testemunhas do bestialismo soviético.

Com a rapidez do raio se espalhou a notícia de que os soviéticos, depois do desterro em massa, começaram a exterminar, não apenas os detentos, não apenas seus colaboradores bolchevistas, mas os habitantes de qualquer lugarejo ou aldeia, em sua totalidade, bastando que lhes surgissem no caminho.

Qual fogo devorador, o terror envolveu os tranqüilos moradores de todos os lugares. Em seguida veio a determinação de vender caro a vida!

O número de combatentes e guerrilheiros crescia a cada minuto. Ninguém mais temia a morte! Dezenas de milhares de lituanos, sem propaganda, sem obediência às ordens, formaram colunas de combatentes, dispostos a morrer se necessário.

Para um culto ocidental, é inadmissível como fato, que nos subterrâneos dos fortes de Kaunas e alguns lugares, se achavam presos por motivos de política, crianças de 8 a 12 anos!

Esses "temíveis delinqüentes", na maioria das vezes eram punidos por terem rasgado nas costas de um desafeto um pedaço de fita com cores lituanas, por terem se recusado a arrancar dos livros escolares as páginas onde vinha escrito o hino, ou então, porque não se inscreviam na organização dos pioneiros stalinistas. Inimigos des-

ta espécie da "Pátria Socialista" deviam ser eliminados!

Em Petrasiunai, no cemitério dos católicos de 8 ha de terra, os bolchevistas, na maioria das vezes, lá enterravam as vítimas do terror. Muitos dos que eram destinados para o desterro à Sibéria, morriam em conseqüência dos sofrimentos nas masmorras da NKVD, e à noite eram enterrados. Depois da expulsão dos soviéticos, muitos cadáveres foram desenterrados e ficou constatado que a maioria tinha sinais de batidas de martelo na cabeça.

Em Raseiniai, depois da exumação, o quadro que se apresentou era mais tétrico ainda: ossos partidos, corpos feridos e dilacerados, cheios de furos!

Em pánevyzys, 24 operários da fábrica de açúcar foram selvagemente torturados. As covas, eles mesmos deviam abrir. Depois foram fuzilados, e os mortos, juntamente com os feridos, foram jogados à cova e enterrados.

No bosque de Rainiai, próximo da cidade de Telsiai, houve um planejamento de aplicação de torturas aos prisioneiros. O massacre durou a noite inteira. os detentos eram assados, queimados, fervidos em água; suas orelhas foram cortadas, seus olhos furados, as línguas arrancadas. Muitos tiveram seus crânios esmigalhados.

Os bestiais algozes vermelhos deixaram no campo da execução o dínamo e todo o aparelhamento de tortura.

Dos setenta e seis que lá foram chacinados, poucos foram reconhecidos pelos parentes, de tão desfigurados. Entre as vítimas achavam-se onze estudantes, quatorze funcionários comunistas desistentes, quatro operários, dezesseis lavradores, três milicianos vermelhos e dois russos autênticos, ainda com uniformes do exército!

Os Médicos-Cirurgiões: Dr. Maciulis, Dr. Godiks e Dr. Zemgulys, foram brutalmente afastados das mesas de operações e torturados até a morte. As irmãs de caridade, antes de serem assassinadas, foram violentadas.

Zarasaí, Ukmerge, Rokiskis, os fortes de Kaunas. Em toda a Lituânia foram registrados mais de 460 lugares onde os bárbaros sadistas praticaram toda sorte de atrocidade!

"QUANTAS VÍTIMAS"?
"QUANTO HORROR"?
"QUANTO SOFRIMENTO?"
"TUDO ISSO. POR QUÊ"?

Será que a bandeira que Paleckis e cia trouxeram de Moscou não era suficientemente vermelha necessitando tingí-la mais com o sangue dos inocentes? Será que os vermelhos comissários e carrascos não sabiam o que faziam? Poderá a Nação esquecer alguma vez as atrocidades, as vítimas, os sofrimentos? Poderá esquecer os nomes dos traidores da Pátria? Os algozes e os escravizadores, diretos e indiretos? Podem transcorrer mil anos, mas seus nomes serão evocados com estremecimento o horror!

Os infelizes e os inocentes não clamam d'outro mundo a nós, os vivos? Não exigem de nós o afastamento total, proibindo a mínima colaboração com os antigos ou atuais simpatizantes do COMUNISMO? É possível que neste vasto mundo possa se achar um lituano, que amando a Pátria, possa estender a mão a um COMUNISTA? Seja do presente ou do passado?

Quem conhece a forma de perdão que possa lavar da consciência dos COMUNISTAS os mares de sangue derramado pelos inocentes em TODO O MUNDO? A luta dos COMUNISTAS no sentido de acabar com o que é humano e digno torna-os excluídos da raça HUMANA e do acolhimento entre nações civilizadas, eles perderam o DIREITO de se INTITULAREM HOMENS e pretender qualquer tolerância e apoio das outras nações. Parece que gente normal não mantém relações com maníacos e

insanos, então é possível admitir qualquer amizade com um tresloucado VERMELHO altamente cheio de bacilos COMUNISTAS?

De maneira elogiosa e digna, agiu a redação de um jornal, defensor dos direitos lituanos e do MUNDO LIVRE, que proibiu a circulação do mesmo onde proliferavam as sujas folhas comunistas. Porém como explicar, uma verdadeira legião dos que se dizem patriotas, os que são líderes, embaixadores oficiais", os quais colaboram com os FANÁTICOS VERMELHOS MESMO AQUI NO NOSSO QUERIDO BRASIL!

É possível compreender Juozas Tysliava, o redator da "Unificação" que mais de uma vez se postou na "plataforma de amizade" com os declarados seguidores da tirania vermelha? Como explicar a atitude dos que se refugiam no OCIDENTE e tendo a Pátria perdida, participam das atividades de toda espécie com os "vermelhos", lidam com eles amigavelmente e assinam muitas vezes o seu sujo jornaleco?!

Não é hora de pregar os cartazes no muro da vergonha, onde seus nomes figurarão para a execração pública?! É preciso que sejam desmascarados os "ingênuos" colaboradores do bolchevismo, até a conspurcada nudez da pele.

Os colaboradores dos leprosos são por sua vez uns leprosos e como tal devem ser afastados do convívio da sociedade lituana, para que a contaminação seja extinta!

EM HOLOCAUSTO PELA LIBERTAÇÃO

DA PÁTRIA

Maio cum dignitate potuis

cader, quam cum ignominia

servire!

"NÃO MERECE A LIBERDADE,

QUEM NÃO A DEFENDE!"

21 de Junho. Sábado.

Exatamente um ano e uma semana da implantação da devastadora tirania vermelha na Lituânia e todos países Bálticos. Normalmente, num país livre e laborioso, num pequeno lápso de tempo, mas numa escravidão totalitária, parecendo séculos! Sob temor constante! Presenciando atrocidades diárias. O interminável terror!

De noite, ao deitar, qualquer pessoa se punha a pensar:

"O que me aguarda esta noite?"

"Serei britalmente acordado durante a noite? De madrugada, quem virá tocar primeiro? O despertador ou a coronha do fuzil na porta? Escaparei ileso até a manhã do dia seguinte?"

Qualquer pancadinha, o ruído da passagem de um carro lá fora fazia com que a pessoa acordasse, se cobrisse de suor gelado, tremesse angustiado e pensasse:

"Será que chegou a minha vez?"

"Os verdugos me sentenciaram a uma morte horrível?"

Nas aldeias o latido de um cão fazia com que o lavrador sobressaltado pulasse da cama e corresse à porta para nela encostar os ouvidos pondo-se a escuta; não soará a infernal buzina do caminhão de conduzir os presos? Nunca havia certeza do que podia acontecer.

Os verdugos na maioria das vezes deixavam o caminhão distante aldeia e silenciosamente, qual ladrões, pegavam as vítimas ainda dormindo.

O coitadinho já não dormia mais na sua casa, ou então descansava todo vestido, perto da janela aberta. Da janela, dando para o pátio ou quintal, havia sempre uma forte corda amarrada, pela qual, em caso de necessidade desceria, depois pularia a cerca do vizinho e procuraria ocultar-se entre as casas ou plantações.

Mas como preservar a família desses perigos? Onde esconder os velhos, os pais, as mães, os enfermos?

Quando o Terror atingiu o apogeu, ninguém mais ousava dormir em casa. Os habitantes das aldeias pernoitavam nos trigais, nos bosques, nos pantanos.

Os coitadinhos dorminham com os vizinhos menos suspeitos, onde a garra pesada dos agentes da NKVD os atingia de qualquer forma.

Até os encarniçados seguidores e adeptos do regime vermelho, não se sentiam muito firmes nos seus postos. O pânico tomou conta, subjugou e despersonalizou o tranqüilo povo lituano, a toda Nação, e todas as classes.

Tudo isso num ano apenas!

Estará a Nação agora preparada para a luta? Respondam senhores Ministros, senhores Comissários, senhores Generais. Não querem derramar o sangue agora na luta contra a "AMIGA" UNIÃO SOVIÉTICA?

O QUE PENSAM OS SENHORES a RESPEITO, DEPOIS DE TRANSCORRIDO UM ANO? Será que a Lituânia tem de ser crucificada, aviltada e enfim varrida da face da terra porque assim quiseram um punhado de traidores e devido ao acomodamento dos antigos dirigentes da Nação?

Não. A amada terra dos gloriosos antepassados já foi demasiado encharcada de sangue. Os campos e hortas começam a verdejar novamente. A bravura e a incontida disposição para a luta animou o coração de todos os lituanos qual a fúria de um ciclone.

Onde se acham os medrosos, os covardes?

Onde se acham os escravos e simpatizantes do usurpador?

Por pouco tempo a podre planta enfeiará a minha bela antiga Pátria. A hora de ajuste de contas se aproxima.

Por que sobreveio um tão grande silêncio? Prenúncio de tempestade? Não se divisa um lavrador perto do arado. Não se nota nos campos a presença de ceifadores. Pequenos pastores, silenciosos e sismados cuidam do seu bando. As mulheres andam rente às casas e quando se encontram olham ao redor demonstrando medo, cochicham uma para a outra qualquer coisa durante um minuto e logo cada qual segue o seu caminho.

Por entre escombros e arvoredos, deslisavam sombras. São as silenciosas sentinelas dos guerrilheiros. Nos pântanos, no meio de densas florestas, cresciam vertiginosamente os grupos de combatentes.

Todos os preparativos se efetuavam no maior silêncio. Escolhiam seus Chefes destacavam suas sentinelas. Os pequenos pastores se lhes juntam e se prontificam a servir de sentinelas. Com seus peitos juvenis inflados de patriotismo, amando a terra dos antepassados embebida de sangue e de suor, eles se escondiam entre as ruínas e vigiavam. Sentiam a importância dos seus atos e isso lhes dava maior coragem, maior determinação e como suprema aspiração, servir à Pátria.

As mulheres deslisavam desapercebidas. Cuidavam do abastecimento de comida e se encarregavam de levar as notícias do rádio. Com uma prece nos lábios, mãos trêmulas, rasgavam em tiras os tecidos de linho usando como ataduras para os feridos. O tecido que lhes corria por entre os dedos iria estancar o sangue dos amados filhos, dos maridos, dos noivos. Os olhos estão regados de lágrimas, mas não por causa de medo. Sentem orgulho pelo esforço, pelo sacrifício para a santa causa. Tudo que lhes é caro, tudo que é grato ao coração será ofertado em holocausto pela liberdade da Pátria.

À LITUÂNIA — TUDO.

Tal era a divisa dos guerrilheiros. O lema da vida e da morte.

Um ano de escravidão foi suficiente, mesmo para a mais pacata anciã, para convencer e demonstrar porque a LIBERDADE é tão prezada! Enfim podia compreender porque os jovens na flor da idade morriam para que a LIBERDADE VIVESSE!

Denso, carregado, estonteante, a noite de sábado. A voz humana não se escuta em parte nenhuma.

Desapareceram as canções, risos, assovios, bate-papos. O estigma da escravidão tornou silenciosas as bocas dos lituanos, enquanto a proximidade da morte ou emancipação reprimiu o sorriso e a canção.

Ninguém sabe dos próximos acontecimentos, mas a expectativa e a inquietude contagia a todos. Os usurpadores nessa noite já não praticavam seus atos de terror. É a primeira noite desde o início da ocupação em que o usurpador se mostrou estar farto do sangue dos inocentes. Não se viam homens procurando formar grupos. Nada de multidões irascíveis, nada de manifestação de protestos ou ameaças.

Agourenta e ameaçadora a calma que envolve a opressiva noite de junho. Ela gera inquietude para os ocupantes e seus prósélitos. Existe um pressentimento, uma estranha sensação perturbadora da proximidade do ajuste de contas, inevitável e irresistível.

A Nação lituana se acha silenciosa e quieta, nada temos a recear. Só homens suscetíveis ao medo e ao sofrimento podem temer pela própria pele, quando há ameaças de convulsão da ordem interna, na tentativa de próprio encorajamento na memorável noite.

Não é preciso ser um aracnólogo para se compreender as vorazes aranhas vermelhas que durante toda à noite com infernal velocidade faziam zumbir os carros correndo de uma cidade para outra. Perceberam o papa-aranhas pardo surgir ameaçador.

Por via das dúvidas a NKVD recebeu as instruções de como deviam agir no caso de uma sublevação do povo lituano contra os sanguinários.

Pela primeira vez depois de um ano de terror, os snieskus, os zimanas-judeus, os guzevicius e os niunka, compreenderam que o ser humano não podia ser assassinado impunemente. Dos restos mortais das vítimas surgem os vingadores, tal como muito bem descreveu o VIRGÍLIO NA ENEIDA, sobre a maldição da rainha DIDO.

A maldição quando sobrevêm é terrível e sangrenta. Aparece diante de cada leito do agente da NKVD. Mãos de ferro a agarram. Despertam-no do inquieto sonho e com revolver apontando ao infame asiático, berram-lhes aos ouvidos:

– Por que?

– Por que me tirastes a liberdade, a alegria de viver, por que tiraste a vida que o SUPREMO CRIADOR deu?

A maldição dos inocentes tornou-se o Vingador dos que sobreviveram. Ela se insinua na sala de reunião dos membros do partido e com a violência de um tiro atravessa o cérebro dos desalmados:

– CARRASCOS. ASSASSINOS. As vossas mãos ainda estão manchadas com o sangue dos inocentes.

Como que sob a voz de um comando, todos baixam a cabeça. Olham para as mãos e parece que veêm o sangue escorrendo por entre os dedos. Estremecem, porém, mantêm-se calados, não querem passar por medrosos.

Urge suspender a sessão.

A maldição é implacável. Persegue-os na corrida desenfreada dos carros. Um clarão de luz deslumbrante que repentinamente se acende diante dos olhos do motorista. Em seguida vê um enorme cartaz no qual figuram corpos mutilados, banhados em sangue e letreiros acusadores; um momento causticante e enlouquecedor. Com horror a transparecer nos olhos o motorista para o carro.

Com olhares desvairados olha ao redor e vê as silenciosas campinas lituanas. Instintivamente leva os trêmulos dedos à face para cobrir os olhos, mas com estremecimento afasta-se. Sente as mãos pegajosas, úmidas com um líquido viscoso.

A memorável noite de junho é curta.

Amanhece. Cinzentas nuvens baixas deslisam no céu.

E ASSIM COMEÇOU.

Ribomba o trovão. Uma, duas vezes. Novamente duas vezes, três. De lado Linksmadvaris, surge uma coluna de fogo e fumaça. As chamas, lembrando as antigas e históricas torres, erguem-se para o céu ainda com as cores cinzentas do alvorecer. A fumaça lembra a oferenda dos antigos, em louvor ao Criador. E o sinal dado pelo inimigo do oeste à Nação Lituana, pegar em armas e lutar contra o escravizador.

Começar a luta pela libertação!

Atirar para longe os sanguessugas estrangeiros e nacionais, ignóbeis vassalos dos primeiros!

A Nação está pronta. Ela se acha alerta. As vorazes ratazanas vermelhas cairão aos montes.

Milhares não verão o alvorecer da manhã seguinte. Milhares deixarão as suas cabeças nas planícies lituanas. Outros milhares cairão no dia seguinte. Um dia mais adiate cairão mais ! Vidas e mais vidas cairão, mas o qué é que tem? Por acaso temos outras alternativas? Outro caminho? Neutralidade?

O presente dos irmãos norte-americanos – o Sino da Liberdade – ecoa poderosamente na torre do Museu de Vytautas Didysis. As ondas hertzianas anunciam as cri-

anças lituanas, que. . .

"Não merece a liberdade quem não a defende".

"Existe alguém que não defenderia a liberdade?"

"Oh, Sim!"

Paleckis, Snieskus e centenas a eles semelhantes traidores. Procuram se enterrar qual toupeiras. Deslizam silenciosas e sinistras quais umas serpentes. Eles lembram os hediondos sapos que coaxam e cospem o sangue dos guerrilheiros da Pátria.

Existe mais para quem o Sino da Liberdade faz-se ensurdecer. Existe. Os partidários de menor projeção. Os que juraram fidelidade ao inimigo, os que colavam cartazes de propaganda nos muros e tapumes, os politicalhos. Existem generais e coronéis que se sentem "desprendidos" para luta de guerrilhas. Eles, como se a superfície ficasse sem vida, descem aos porões e aguardam o alvorecer da nova era, para então aparecer, de gatinhas até o trono da Nação e Governar os seus "súditos". Separar os filhos, e os enteados. Distribuir as condecorações por mérito e com a mão abençoadora guiar os seus seguidores para um "novo e refulgante" dia brilhante.

A Nação combatente, depois fará registros nos jornais e nas enciclopédias, onde falarão dos notáveis feitos na luta pela Liberdade. Os dirigentes e os politicalhos não saborearam os resultados dos partidários, serão declarados imaturos, incapazes de fazer "política para a política". Surgirão, sem dúvida, os perturbadores da ordem" que atribuirão exclusivamente a si próprios os louros da Grande Revolta da Nação. Serão naturalmente agitadores, os quais a Nação antes desconhecia e que chegará a conhecer no futuro. Talvez a Nação possa conhecê-los em conseqüência das disputas dos que se acharão na cúpula.

A Nação sabe, desde crianças de tenra idade até os anciãos, sem exceção, foram todos para a luta de guerrilhas. Todos contribuíram com seus esforços e sacrifícios!

Desde a primeira hora da rebelião contra o usurpador surgiram, não milhares, mas acima de um milhão de guerrilheiros.

Como guerrilheiro é considerado um garoto de oito anos, um chamado vytukas, que correu três quilômetros para levar notícias aos combatentes de Uzpelkiai sobre o perigo que corria a sua nativa aldeia e ao retornar estava varado mortalmente pela bala inimiga.

A Nação considera como guerrilheiro aquela velhinha de 73 anos, a qual com suas mãos trêmulas cuidava dos feridos, atingidos que foram pela fúria sanguinária dos mongóis que os feriram com baionetas.

E guerrilheiro o médico dr. Zemgulys, o qual ao operar os feridos combatentes, foi arrancado da mesa de operação e selvagemente torturado.

Naturalmente, para o Movimento Ativista, entre os guerrilheiros não se incluiam a valente criança, a anciã doente, o médico samaritano.

Os desejos do Movimento Ativista são evidentes:

Impulsionar o Sino da Lituânia e envolver a Nação nas chamas do combate.

Proclamar o quanto antes a renovação da Declaração da Independência.

Sem perder um minuto, proclamar a formação do Governo Provisório para que a Nação, uma vez libertada da teia de aranha bolchevista, não caía nas garras dos modernos cavaleiros teutônicos, enquanto não se postarem à frente do país os lituanos livres de mácula.

Os "ativistas" souberam explorar bem essa passagem do momento histórico. A Nação se curva para eles. Se submete à sua vontade. Se sente grandiosa com eles.

As chamas da rebelião se alastraram com a rapidez do raio por toda a Lituânia. De maneira inacreditável. De maneira miraculosa!

Temos lido nas históricas crônicas sobre intrepidez a coragem e o amor à Pátria dos antigos lituanos. Muitos recordam as lutas heróicas dos voluntários nas guerras da Independência. Mas não há comparação com o que ocorria naquele momento.

O homem é incapaz de descrever o transbordamento espontâneo de um povo ansioso por luta como o foi para os lituanos na época. Não apenas os nossos, mas toda a humanidade, a história universal, não achava um exemplo semelhante.

A União lituana não surpreendeu apenas a nós, participantes ativos que éramos. Mas o pânico e o terror que tomou conta do escravizador se avalia pelo seu comportamento, parecia ter perdido as qualidades que são o apanágio do ser pensante. Os generais soviéticos mal tiveram tempo de ordenar o estouro de pontos, enquanto uma densa massa comprimida do exército soviético recuava.

O "invencível" exército Vermelho tornou-se o inalcançável fugitivo rumo ao Oriente, as fisionomias desfiguradas de medo. Tinham receio até de olhar para trás, como se com isso o braço da vingança os alcançasse.

Foi com admiração e louvor dirigido aos lituanos, que alemães, desde simples soldado até o general, viram como que possuídos por um fogo extraordinário, iluminados por uma luz superior à da terrestre, os guerrilheiros: crianças, mulheres, anciãos, simples combatentes, chefes lutavam com valor e denôdo. Exaustos. Desgrenhados. Salpicados de sangue, mas iluminados de bravura e satisfação íntima.

Combateriam vocês com o mesmo ardor e intrepidez contra o grande Reich, se por ventura os escravizássemos? perguntou um major alemão a um chefe de guerrilheiros de dezoito anos de idade.

— Sim, senhor major, respondeu o jovem, sem hesitar. Combateremos com igual intensidade todo e qualquer escravizador!

O carrancudo major, já grisalho, ergueu a mão em sinal de continência e no fundo do seu coração, revoltado pelo que o seu fuhrer planejava para a pequena mas intrépida Nação.

Os guerrilheiros, principalmente os de Kaunas, sentem uma falta enorme de armas e munição. Parece que os jovens chefes ignoravam que toneladas se achavam amontoadas em depósitos de armamentos. Será que alguém, antigos oficiais rebaixados a pracinhas, não acharam um jeito de tomar de assalto os bem vigiados depósitos?

Armado apenas de um revólver, o restante de facas, um resoluto grupo toma de assalto um desses armazéns na Ladeira Freda. Um deles cai fuzilado. Duas balas, sem maior gravidade, atingem o chefe. Um outro é ferido, mas a guarda desapareceu. O caminho para as armas está livre. O armazém é aberto. As tampas das caixas de munição saltam e ei-los armados com fuzís automáticos dos russos.

Em breve uma intensa fuzilaria é dirigida contra a ponte de Aleksotas lotada com exército russo.

As feridas do chefe não são profundas, e não há tempo para se preocupar com elas. Existe ainda um grande problema pela frente: varrer os bolchevistas e destruir as minas. Preservar o orgulho de Kaunas na ponte de Aleksotas.

A maior parte do exército russo, lá se acha. Naturalmente, as minas serão armadas ao ser abandonado o terreno. Cautelosamente, os ginasianos, sem serem percebidos, querem se aproximar da ponte e inutilizar as minas lá existentes. Eles podem nadar. Podem mergulhar no Rio Nemunas, ORGULHO DA LITUÂNIA, e chegar

perto sem serem vistos.

Os combatentes da Ladeira tentam com força redobrada, desviar as atenções do inimigo. O chefe, nessa altura atingido por uma terceira bala inimiga, ainda resiste. Os bolchevistas ceifam vidas dos guerrilheiros que prorrompem, mas não os intimidam. À medida que cresce o número dos mortos, cresce a coragem, a audácia e o sacrifício dos sobreviventes lituanos. Os russos acabam tomados de pânico! Atravessada a ponte, os grupos dispersos do exército dirigem uma infernal fuzilaria contra os combatentes da Ladeira. Em volta de Aleksotas pipocam as metralhadoras, estouram as granadas, zunem as balas dos fuzís automáticos.

Finalmente, o inimigo faz explodir as minas. A ponte estava carregada de soldados. Caminhavam feito autômatos lado a lado. O terror da morte próxima desfigurando as suas feições. Novos, sempre novos grupos. DE REPENTE. . .

Uma pequena faísca, um raio. . .

Gemendo, como se fosse vivo, o primoroso orgulho de Kaunas, a ponte de Aleksotas se dilatou. Um imenso tremor agitou, sacudiu e atirou para o ar ferros retorcidos, pedaços de madeira, os dormentes, os alicérces e UMA IMENSA MASSA DE CADÁVERES. Tudo, num abrir e fechar de olhos, foi arremessado para o alto!

Gritos de terror, de agonia atingiram com impacto toda a Kaunas. A violência da explosão fez-se ouvir em todas regiões circunvizinhas. Instantes depois, com respiração suspensa, vira a imensa massa humana de mistura com os ferros, afundando nas águas azuis de NEMUNAS.

Os guerrilheiros ficam aturdidos. Alguns se persignam. As faces do chefe se cobrem de lágrimas. Duas vezes tenta erguer o braço com o qual segura uma granada, o braço não obedece. Dois guerrilheiros arrastam-no até as ruínas onde se acham recolhidos os feridos. As mulheres, silenciosamente e com rápida eficiência. pensam as feridas. Mesmo assim não conseguem vencer, o sangue derramado vai sempre aumentando.

Assume o comando dos guerrilheiros, o oficial da aviação Gervé, magro e de voz débil. Ele não procura se proteger. De pé, atira e mata inimigos à vontade. As armas dos guerrilheiros tocam incansavelmente a marcha furiosa do morticínio.

— Homens, sigam-me. Vinguemos o nosso chefe. Ajustemos as contas pela destruição da ponte. Cumpramos o nosso dever, "essa última palavra nunca a pronunciava corretamente". (autor).

Sem a mínima cautela, ele avança rumo às margens do rio; das suas mãos voam as granadas. . . E, por fim, ele cai, seu rosto atinge as amareladas areias da praia. Quando os companheiros de luta correndo chegam até ele, veêm a sua mão direita como que apontando para o inimigo. Os lábios do mortalmente ferido filho de Suvalkija deixam escapar ainda as últimas palavras: Cumprir o dever com a Pátria!. . .

As tropas do exército vermelho começaram a desmembrar. Abandonam as fileiras, e correm à esmo. Somente os comissários polítícos, com fúria selvagem, atiram nos que encontram no caminho. Enfiam as baionetas nas crianças de colo. Incendeiam as casas, e violam as mulheres.

Mas, de todos os lados os alcançam e perseguem os guerrilheiros da Lituânia. Como se brotassem do chão, surgem de repente grupos de homens combatentes e sem contemplação varrem o lixo da superfície terrestre. Pela raíz arrancam a maldita planta de COMUNISMO!

"De onde eles conseguem essa desmedida bravura? Admiram-se os bolchevistas. Durante um ano inteiro os cortamos qual carne de gado, e agora, para qualquer lado

que olhares, dás em cheio com indestrutíveis "carvalhos da Lituânia".

Chamá-los de inimigos do povo, não é possível, onde então distinguir o povo dos seus inimigos, se a Nação em peso é a adversária.

Hoje, o mais fanático dos comunistas tem as considerações de que é o credo vermelho, para ser inoculado, deve começar pelo extermínib físico dos habitantes!

"Nitchevo. . . assim faríamos, mas com falta de tempo não é possível, os teotões estão pisando nos nossos calcanhares!" A rádio anuncia que Minsk foi abatida; até Kiev e outras cidades da escravidão soviética. Que fazer?

"Fugir! Fugir e depressa!"

"Ao fugir, acabar com tudo que existe sobre a face da terra. Assim não esquecerão jamais o nome do tovarisch vermelho!"

"Veja, lá embaixo ao pé da colina, uma tranqüila casinha. Os malditos guerrilheiros não estão à vista. As janelas de tão limpas, brilham. Puro luxo burguês".

"Rebiata. . . atira — palavra original —(autor)— circunda o olhar o chefe político" do grupo desmembrado do exército vermelho. Homens, ponham fogo nessa maldita cabana"

DE REPENTE AS JANELAS TREMEM. SÃO ABERTAS. CONTRA O VIDRO SE APOIA A CABECINHA LOURA DE UMA MENINA DE DOIS ANOS. ELA SORRI SEGURANDO ENTRE AS MÃOZINHAS UM BRINQUEDO, UM URSO DE PANO.

UM TIRO ECOA PELA CAMPINA E A CRIANÇA TOMBA MORTA!

As bestas vermelhas incendeiam a casinha e se afastam para melhor ver o espetáculo.

De súbito. . . — levantai as mãos —

— Ruki vierh! — tarde demais, surge o terror dos vermelhos, os guerrilheiros.

O grupo de vândalos se desfaz. Os guerrilheiros extinguem o fogo, mas. . . para a pequena LAIMUTE ninguém devolverá a vida colhida por uma bala dos desalmados.

Os degenerados se apressam para o leste, rumo ao bigodudo sol.

"Não! Mesmo ao recuar eles não se portam como gente! Melhor morrer! Melhor cair prisioneiro do inimigo e la acabar aos poucos, de fome! Nunca procurar a diversão a custa do sofrimento dos inocentes, mas isso não é da sua índole, da sua educação, não é dos seus costumes!"

Sempre que estão em grupos, eles cercam as aldeias ou as herdades. O que acham dentro de casa (geralmente velhos, crianças e doentes, juntam todos numa só moradia, rodeiam de capim seco e lenha e. . . pôem fogo). Aos que tentam escapar, a recepção é de gargalhadas e balas de fuzil.

Pouco depois. . . novamente os guerrilheiros. Em todos os lugares eles estão alerta. Em todos os lugares eles aparecem. Mas nem sempre chegam a tempo. Eles voam com a rapidez do histórico VYTIS, os inimigos são incontáveis!

A Lituânia, a mais forte base de esforço de guerra da União Soviética Ocidental. Durante um ano ali concentraram as tropas selecionadas. Não se poderia varrê-los de um instante para outro, mesmo que se transformasse em hidra de mil braços.

Mas, quem contará os pomares e as hortas que foram salvas da destruição! Quantos milhares de vidas que escaparam à morte?

Os alemães, por meio de seus espiões, sabiam muito bem quais as forças concentradas na Lituânia. Sabiam que as tropas mais bem adestradas e mais fortes se encontrariam nos campos lituanos para enfrentar o exército alemão. Os marechais nazistas estavam preparados para conquistar o terreno arduamente, palmo por palmo. Eram prudentes. Primeiro bombardeavam. Os aviões procuravam os pontos estratégicos, os pontos vitais do exército. Eles não se precipitavam.

Quando o exército alemão mal tinha chegado próximo de Vilkavikis, a estação de rádio de Kaunas já tocava o HINO DA LITUÂNIA. Declaravam a LITUÂNIA NOVAMENTE INDEPENDENTE.

Anunciam os nomes dos novos dirigentes do país ós componentes do Governo provisório. Conclamam para a guerra total todas as forças vivas da Nação.

As tropas motorizadas do exército alemão, calmamente e sem pressa, avançam.

"Vilkaviskis, Marijampole, Kazlu, Veiverial, Garliava. . ."

"Onde estão os russos?"

"Onde se acham os bolchevistas?"

"Para onde sumiu o "invencível" exército vermelho?"

Os alemães não acreditam ainda no valor dos guerrilheiros lituanos, não sabem que de "invencível" o exército Vermelho passou a ser o "inacansável". Em todos os lugares os alemães são recebidos pelas colunas de disciplinados guerrilheiros. São milhares deles! Os alemães olham para as fitas tricolores inseridas nas mangas.

A eles cabe colhêr "os troféus de guerra", receber de outras mãos, montes de armas bolchevistas, montanhas de uniformes dos vermelhos. Nos locais onde o combate foi mais intenso, milhares de cadáveres. Toda a Lituânia, tétrico quadro de combates da véspera!

Os guerrilheiros entregam aos alemães batalhões, companhias, até regimentos inteiros, como prisioneiros de guerra.

— Mas, isso é guerra? perguntam admirados os prussianos, sacudindo a cabeça. Todos aqueles planos de combates e de estratégia tornaram-se inúteis.

As tropas motorizadas dos alemães chegaram até a Aukstoji Freda. Perto do Jardim Botânico onde a luta ainda fervia. Os russos ali estão resistindo até o último. Os oficiais alemães avaliam a situação e não entram na luta, esperam o reforço dos tanques.

— Nada conseguirão, explicam eles aos jovens guerrilheiros. Esperemos até que apareçam os nossos tanques, e assim, sem grande esforço, os encurralaremos até Nemunas.

— Não! O lituano não esperará nenhum reforço. O último pingo da sua paciência foi exaurido. A armadura do peito é mais forte do que o tanque de aço dos alemães.

O inimigo de amanhã não pode servir de conselheiro. Eles atacam e atacam. Depois de contínuos assaltos, sem descanso, sem trégua, os russos afinal se dobram. Jogam fora as armas. Aos alemães são entregues os prisioneiros. Os guerrilheiros lituanos, na oportunidade, informam os alemães de que Kaunas e toda a redondeza está livre! Avancem adiante e não esqueçam que a LITUÂNIA reconquistou a LIBERDADE com seu próprio esforço. Iremos convosco até a fronteira da LITUÂNIA, depois é vosso problema.

Vilnius luta ainda. Vilnius está imerso em sangue. Em Vilnius tomba, com armas de guerrilheiros nas mãos, o Ministro das Relações Internas da NOVA LITUÂNIA. Senhor VLADAS. . . Em Vilnius caem os heróis da União dos Sauliai, PETRONIS, SARGAUTAS, LAUMAKIS. . .

Kaunas e outras cidades estão inundadas de bandeiras. Nas ruas se formam fogueiras onde ardem os retratos de Stálin,de Kaganovitck, etc. . ., rabiscados pelos artistas traidores lituanos,

Desprendem fumaça e um repugnante mau cheiro,os trapos.

A Nação está se livrando do lixo!

A Polícia da Lituânia livre, em seus uniformes antigos, se posta para a manuten-

ção da ordem. AS PORTAS das prisões e dos fortes são abertas e os que sobreviveram às torturas recuperam a liberdade.

Do FORTE Nº 9, sai apoiado na bengala, o VELHO GENERAL GALVYDIS BYKAUSKAS. O veterano octagenário, combatente da primeira guerra pela liberdade, se AJOELHA E BEIJA, COM PRECE NOS LÁBIOS, A TERRA ONDE AINDA O SANGUE DOS SEUS NETOS NÃO SE EVAPOROU, A ABENÇOADA TERRA LITUANA, NOVAMENTE LIVRE. O vento brinca com os cabelos prateados do veterano, como que proclamando que ele também é livre.

— A Pátria está livre, General! grita um grupo de jovens ao velho alquebrado, às margens de Nevezis.

— Sem luta e sem religião ela não estaria livre! é a pronta resposta. O olhar duro, de entre as espêssas e brancas sobrancelhas, brilha de encantamento. A mão direita, trêmula, acaricia por um instante a fita tricolor na manga do próximo guerrilheiro.

— O bolchevista é um porco! sem ódio na voz, diz o velho General, vítima das torturas dos bolchevistas, se apressando para ir à sua quieta casinha para lá. . . morrer.

— Felizes são aqueles que três anos depois, não verão retornar os vândalos vermelhos!. . .

Somente em Gudziunai, os bolchevistas reuniram as forças e tentaram opôr resistência, As sentinelas avisam que uma coluna de várias centenas de tanques se dirigem a Kaunas. Os primeiros tanques alemães tem um pouco de trabalho, mas depois o caminho é livre. Os alemães atravessam a Lituânia sem baixas. Suas primeiras tropas já mergulharam nos pântanos de Bielo — Rússia. A massa de prisioneiros de guerra ultrapassou em quantidade os próprios habitantes de toda a Lituânia, o milionário exército soviético da frente ocidental está disperso e desarmado! imensas quantidades de prisioneiros cobriam todos os caminhos!

A Lituânia delirava de regozijo pela liberdade recuperada!

A Lituânia pranteia e honra os heróis que tombaram em combate. Com flores, grinaldas e coroas, enfeitam as campas dos que tombaram!

Milhares de campas! Milhares de feridos e os futuros inválidos da nova guerra! O país devastado, coberto de escombros! No entanto é feliz e generoso para os prisioneiros políticos, para os feridos e as demais vítimas do terror bolchevista.

Parece que despertamos de um pesadelo. Parece que tudo foi irreal, nada disso aconteceu: É raro aquele que não usa fita demonstrando luto. Raras as mulheres que não estão pranteando alguém: os desterrados à Sibéria, os supliciados, a recordação dos que tombaram.

Quem colherá as suas lágrimas? Quem contará as vítimas em holocausto pela libertação da Pátria?

Hoje o lituano não pensa na possibilidade de que não poderá largar a arma das mãos. O cano do fuzil chegou a esfriar, no entanto, será preciso apontá-lo na direção de um outro sanguinário-salteador, o alemão. Talvez não menos bestial e sangrento, não menos feroz e vil, que a fera bolchevista.

Será que ainda hoje tão feliz e ao mesmo tempo tão triste, o lituano pressente que a Lituânia, com tanto sacrifício libertada, com tantas vítimas pela liberdade conquistada logo amanhã será saqueada, aviltada pelo inimigo ocidental da Lituânia, o alemão?

O lituano, tanto ontem como hoje, lutou pela sobrevivência da Pátria. Não queriam os outros de que com a mesma coragem e intrepidez, lutasse pelo interesse dos outros?

Se aproxima irmão, a hora quando você será caçado e levado para a fábrica de ar-

mamentos Krupp. Se aproxima a hora cara irmã, quando você será levada à força para o serviço obrigatório Arbeisdienst do Reich para ser escrava dos carrascos ocidentais da Pátria. Se aproxima a hora, quando os novos chefes da Nação procurarão por meio do sangue dos compatriotas, assegurar um lugar nos "Ministérios e generalhouse" enquanto a liberdade, com tanto sacrifício reconquistada, desaparecerá como a enganadora FADA MORGANA,

Mas você, Lituânia, nem nessa hora tráfica baixará as mãos, não perderá a bravura! Você caminhará para o seu Calvário altiva e indomável! Mudará a fisionomia do escravizador, mudará a sua língua e a sua cor. Somente você permanecerá a mesma, exausta de combates. Espiritualmente inquebrável. Desaparecerão os politicalhos, os trânsfugas, os traidores, os vira-casacas. Sumirão as imundices e os resíduos dos usurpadores.

Somente não desaparecerá a LITUÂNIA, porque sempre haverá quem por ela se sacrificará e por ela morrerá! Novos sistemas e regimes nascerão. Ruirão os impérios construídos pela ocupação e terror. Se desgastarão as correntes da opressão. A LITUANIA SE ERGUERÁ ENTRE DORES LANCINANTES. Por mais de uma vez se banhará no sangue dos seus filhos. Repelirá pra longe os traidores. Apagará para sempre os seus indesejosos nomes das páginas da HISTÓRIA DA NAÇÃO. E viva, airosa, qual eterna FENIX, se erguerá das cinzas, das brazas, e lá aparecerão campinas verdejantes com a BÊNÇÃO DO CRIADOR!

TALVEZ EU NÃO ALCANCE ESSE DIA. O PÓ DOS MEUS RESTOS MORTAIS INSIGNIFICANTES, VENTOS TROPICAIS ESTRANHOS OS ESPALHARÃO? Eu devia morrer na luta com os guerrilheiros e descançar eternamente entre os companheiros de armas, na terra lituana. EU ACUSO, A MIM MESMO, POR SER DESCUIDADO, cai nas garras do segundo ocupante, e me achei longe da Pátria, ONDE A MINHA PRESENÇA ERA MAIS NECESSÁRIA do que aqui, um desterrado incerto.

Lá, há trinta e cinco anos, caem os companheiros de Luta. Eles são poucos. Precisam de braços capazes de erguer as armas. Homens fortes. A MINHA SAÚDE ANDA UM TANTO ALQUEBRADA. A MINHA VIDA DESLISA DE MANEIRA OBSCURA NUM CONTINENTE ESTRANHO. A MINHA MÃO ENFRAQUECE AO EMPUNHAR A PENA, ENQUANTO LÁ PRECISAM DE HOMENS RESOLUTOS E GUERREIROS EMPUNHANDO ARMAS!

Até o último suspiro eu sinto que cumpri o meu dever com a Pátria e com o BRASIL. Fiz da maneira que sei. Como posso Dou aquilo que possuo. Todo o pensamento e a palavra são arrancadas do coração. Vocês, os que condenam esse meu trabalho, mesmo antes de impresso, só lhes posso dar umas poucas palavras: é com a maior dor que eu citei os nomes dos que tanto mal fizeram a minha antiga Pátria, os culpados traidores perante o tribunal da Lituânia e do Mundo Livre.

Vocês, se quiserem justifiquem os atos deles. Exaltem os seus méritos e qualidades. Lavem, antes de passarem à História seus nomes de carrascos e seviciadores. Estarei satisfeito se tal conseguirem.

Mas não! Vejo-os tumefactos, atolados na alma do materialismo. Possuídos de inveja e rancor partidários. Cheios de desprezo e zombaria com o seu irmão menos feliz. Vejo-os como protótipos pouco humanos e por isso sou surdo às suas imprecações. Esse meu livro trará menos dano pela libertação do país escravizado, que os timoneiros "diplomáticos" de vocês, chegando a navegar em "águas estranhas". O "amor à Pátria" que vocês querem impingir, é azedo e intragável. O lituano não é aquele que profere palavras retumbantes, mas aquele que de coração ama a Pátria e que não repelirá esse livro, o qual não o iludirá sobre o seu objetivo e não afastará do seu dever de sacrificar-se e lu-

Mas, não! Vejo-os tumefactos, atolados na alma do materialismo. Possuídos de inveja e rancor partidários. Cheios de desprezo e zombaria com o seu irmão menos feliz. Vejo-os como protótipos pouco humanos e por isso sou surdo às suas imprecações. Esse meu livro trará menos dano pela libertação do país escravizado, que os timoneiros "diplomáticos" de vocês, chegando a navegar em "águas estranhas". O "amor à Pátria" que vocês querem impingir, é azedo e intragável. O lituano não é aquele que profere palavras retumbantes, mas, aquele que de coração ama a Pátria e que não repelirá esse livro, o qual não o iludirá sobre o seu objetivo e não afastará do seu dever de sacrificar-se e lutar pela libertação da Pátria. Os que se ocultam atrás da máscara de lituanismo, podem me injuriar à vontade, suas palavras não me ferem.

Esse trabalho representa do ponto de vista cronológico, um fragmento, uma parte, ligeiros traços numa tentativa de esboço do que veio a ser a primeira invasão do FLAGELO VERMELHO DOS PAÍSES BÁLTICOS e da LITUÂNIA.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Na segunda parte trataremos do seguinte: a ocupação nazista na Lituânia. A guerra em todas as frentes. A imprensa secreta, sua falsidade e mistificação. A terceira e trágica etapa, o retorno do FLAGELO VERMELHO, MAIS PAVOROSO AINDA.

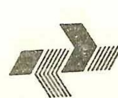
Dr. Meldutis Laupinaitis

SEU NATAL FICA MELHOR QUANDO VOCÊ MANDA OS NOVOS AEROGRAMAS SOCIAIS DOS CORREIOS COM ANTECEDÊNCIA

NESTE NATAL, LIVRE-SE DAS CORRERIAS DE ÚLTIMA HORA. COMPRE JÁ, NA AGÊNCIA DOS CORREIOS MAIS PRÓXIMA, OS NOVOS AEROGRAMAS SOCIAIS DE NATAL.

CUSTAM APENAS CR$ 1.000. SÃO COLORIDOS, PRÁTICOS, E NÃO PRECISAM DE ENVELOPES OU DE SELOS PARA SEREM ENVIADOS. É SÓ ENDEREÇAR E COLOCAR EM QUALQUER CAIXA COLETORA OU AGÊNCIA DOS CORREIOS.

FAÇA UMA BOA SURPRESA A SEUS AMIGOS E CLIENTES. ANTECIPE SUAS POSTAGENS. SEJA O PRIMEIRO A LHES DESEJAR BOAS FESTAS.


CORREIOS
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS
Vinculada ao Ministério das Comunicações


ROCK AGAINST
COMMUNISM